

[REDACTED]

G869.8 M764 A1 V.2 1969
LAC

OF
THE UNIVERSITY
OF TEXAS
AT
AUSTIN

G 869.8

M 764

A 1

1969

V. 2

CALIFORNIA AMERICAN COLLECTION

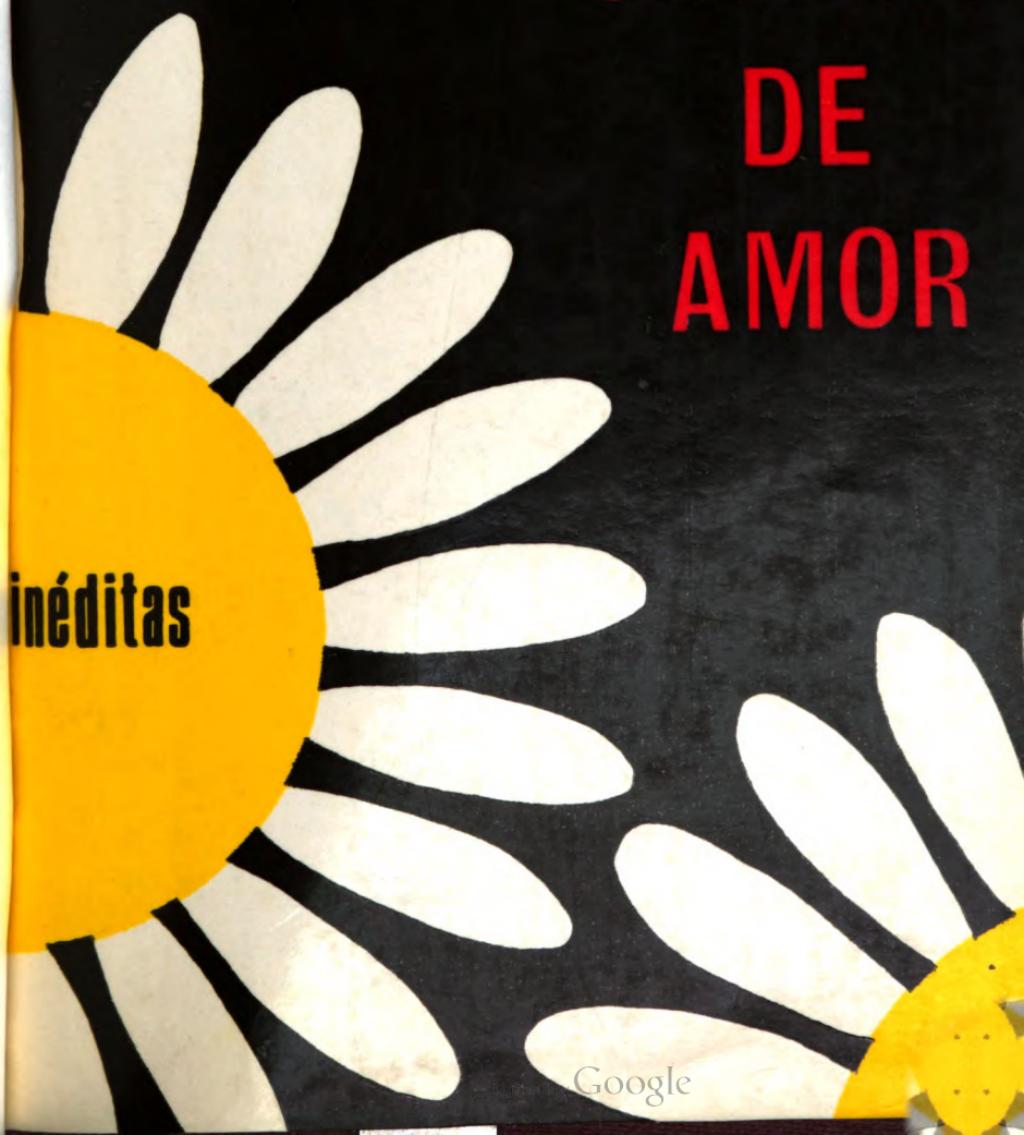
G 869.8	LOBATO
M 764	
A 1	
1969	
v.2	
<i>68</i>	<i>7MA</i>
Date	OBRAS COMPLETAS
8-4-76	
Rush	
Color No.	
15 46 49	
<i>50</i> 58	
Size	1969
<input checked="" type="checkbox"/> Q F	2
Notify	G 869.8
	M 764
	A 1
	1969
Initials	v.2
sr	

Special Instructions:

581
no ps

MONTEIRO LOBATO

CARTAS
DE
AMOR



M764

A1

~~1969~~

v.2

Nº 5318

obras completas monteiro lobato

EM 44 VOLUMES

1.ª Série - Literatura Geral (18 Volumes)

- | | |
|---|---------------------------------------|
| 1 — Urupês | 11 — A Barca de Gleyre — |
| 2 — Cidades Mortas | 1.º Tomo |
| 3 — Negrinha | 12 — A Barca de Gleyre — |
| 4 — Idéias de Jeca Tatú | 2.º Tomo |
| 5 — A Onda Verde e o Presidente Negro | 13 — Prefácios e Entrevistas |
| 6 — Na Antevéspera | 14 — Literatura do Minarete |
| 7 — O Escândalo do Petróleo e Ferro | 15 — Conferências, Artigos e Crônicas |
| 8 — Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital | 16 — Cartas Escolhidas |
| 9 — América | 17 — Críticas e Outras Notas |
| 10 — Mundo da Lua e Miscelânea | 18 — Cartas de Amor |

2.ª Série - Literatura Infantil (17 Volumes)

- | | |
|--|--|
| 1 — Reinações de Narizinho | 9 — D. Quixote das Crianças |
| 2 — Viagem ao Céu e O Saci | 10 — O Poço do Visconde |
| 3 — Caçadas de Pedrinho e Hans Staden | 11 — Histórias de Tia Nastácia |
| 4 — História do Mundo para as Crianças | 12 — O Picapau Amarelo e a Reforma da Natureza |
| 5 — Memória da Emilia e Peter Pan | 13 — O Minotauro |
| 6 — Emilia no País da Gramática e Aritmética da Emilia | 14 — A Chave do Tamanho |
| 7 — Geografia de Dona Benta | 15 — Fábulas e Histórias Diversas |
| 8 — Serões de Dona Benta e História das Invenções | 16 — Os Doze Trabalhos de Hércules — 1.º Tomo |
| | 17 — Os Doze Trabalhos de Hércules — 2.º Tomo |

3.ª Série - Traduções e Adaptações - (9 Volumes)

- | | |
|----------------------------------|------------------------------|
| 1 — Contos de Fadas | 5 — Alice no País do Espelho |
| 2 — Contos de Andersen | 6 — Contos de Grimm |
| 3 — Novos Contos de Andersen | 7 — Novos Contos de Grimm |
| 4 — Alice no País das Maravilhas | 8 — Robinson Crusoe |
| | 9 — Robin Hood |

EDITÔRA BRASILIENSE

Digitized by Google

**CARTAS
DE AMOR**

capa de gris (brochura)
diagramação de aluísio dias



editôra brasiliense
rua barão de itapetininga 93 -
12.º andar - são paulo

OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO
1.ª série - literatura geral - vol. 2

monteiro lobato

**CARTAS
DE AMOR**



1.ª

1969

**prefácio, compilação e notas de
cordélia fontainha seta
EDITÔRA BRASILIENSE**

índice

Prefácio IX

Cartas de Amor 1

Fac-simile da participação de casamento 141

Dos cadernos de D. Purezinha 143

Poemas a Edelweiss 147

PRÉ-FACIO

CORDÉLIA FONTAINHA SETA

*Desnecessário comentar coisas que, por si só, já dizem tudo.
Em seu livro "Mundo da Lua", disse o próprio Lobato:*

"O AMOR E O SILENCIO

Os apaixonados sentem necessidade do silêncio como alimento da alma. O rumor perturba a sinfonia interna que ressoa deliciosamente".

Para que perturbaria eu, com palavras supérfluas, a sinfonia eterna d'este amor que ultrapassou as fronteiras da vida e ressoará, indefinidamente, pela força e singeleza das cartas apaixonadas que este volume enfeixa?

Abstenho-me de comentar o óbvio. Limito-me a prestar ao leitor dois ou três esclarecimentos.

Este é um livro todo feito de amor. O amor de Lobato por D. Purezinha inspirou as cartas. O amor de D. Purezinha por Lobato as preservou — a princípio ela as preservou como tóda noivinha apaixonada o faria; posteriormente, já famoso Lobato, elas as preservou com a consciência de espôsa e inspiradora de um grande escritor, zelosa de sua responsabilidade, perante o público e a posteridade, de lhes tornar acessível esta faceta do homem famoso. Estas cartas que Lobato lhe escreveu ela acondicionou, com o maior desvelo, uma a uma, em papel celofane, costurando, à máquina, as beiradas. E foi assim que, depois da morte de D. Purezinha, suas filhas encontraram estas cartas que, até então, só tinham sido lidas por sua ciosa destinatária. E foi assim que eu tive a honra de as receber das filhas de Lobato (antes que elas mesmas as tivessem lido), para compilar este livro, anotá-lo e pre-

faciá-lo. E foi com amor que me desincumbi desta tarefa, recor-dando Lobato e D. Purezinha e continuando, na verdade, um tra-balho que ela mesma iniciara. D. Purezinha, já ciente de que, um dia, estas cartas seriam levadas a público, teve o cuidado de, nos originais, obliterar um ou outro nome de pessoas a quem Lobato se referiu com mordacidade; e começou, ela mesma, o trabalho de passar as cartas, de manuscritas para datilografadas. Várias delas já assim encontrei, junto aos originais.

Também me foram confiados sete cadernos de D. Purezinha, até então não pesquisados. Nêles encontrei os mais variados apon-tamentos: notas — dela mesma e de outros — sobre Lobato; cópia de palavras de Lobato; trechos de poesias e pensamentos, de di-versos autores, com e sem citação de procedênci;a; datas e notas referentes à genealogia de Lobato; discursos, entrevistas, contratos... verdadeira caixinha de segredos delicados. E dêles decidimos permitir que participasse o leitor, propiciando-lhe me-lhor conhecer Lobato e D. Purezinha, através da publicação, neste volume, de pequena parte desses preciosos e íntimos apontamen-tos (“Dos Cadernos de D. Purezinha”). Transcrevemos os recortes de jornais com todos os poemas que Lobato escreveu a D. Pure-zinha, quando noivos (nos “Poemas a Edelweiss”).

Pela primeira vez terá o leitor a oportunidade de ler cartas de Lobato exatamente como ele as escreveu, sem que nenhuma revisão fosse feita, quanto ao seu modo todo pessoal de acentuar ou não as palavras; do mesmo modo conservei a pontuação (de que ele, nestas cartas, muito se descuidou, por motivos que adiante explicarei). Quanto à ortografia (não só nas cartas como na matéria dos apêndices), atualizei-a apenas no tocante ao corte de consoantes mudas, substituição de grupos consonantais não mais existentes no português, certas terminações. Quanto aos acentos, apóstrofos, vírgulas... deixei-os (por recomendação do Editor e da Família de Lobato) exatamente como se encontravam nos ori-ginais; daí a acentuação contrária, quase sempre, às regras (que Lobato odiava). Recebi instruções para que conservasse até mes-mo os erros, propriamente ditos, de ortografia, de concordânci;a e de pontuação, para que fosse oferecido ao público todo o sabor destas liberdades que nos permitimos quando não escrevemos para a crítica ou para o público; liberdades que nos permitimos quando escrevemos a quem nos é muito, muito íntimo, e diante de quem não precisamos “posar”; quando escrevemos a quem nos conhece suficientemente bem para saber que nossos desres-peitos à gramática são feitos por despreocupação, pelo prazer de

escrever exatamente como se fala, com tôda a liberdade — e não por ignorância das regras gramaticais. Uma escrita não de gravata e paletó, mas de pé descalço e short, em momentos a isto adequados.

Chamamos a atenção do leitor para êste trecho da carta de 30.9.1906: “Por que não me escreves atabalhoadamente, borrando, riscando o papel, sem ordem, sem estilo, sem correção, sem nada dêsses estorvos gramaticais? Só assim se pode bem exprimir um sentimento”.

O livro que ora apresentamos mantém absoluta fidelidade aos textos originais das cartas. Notará o leitor inconstância na acentuação de certas palavras — tudo isto respeitei para lhe trazer um Lobato que ainda não é conhecido do público. É Lobato, mas simplesmente o noivo-rapazola, de 23 para 24 anos de idade, até a data do seu casamento (com 26 anos.). Não é o Lobato-escritor (que teve em “Urupês” o ponto de partida da obra monumental que todos conhecemos). Nem sequer é o Lobato-aspirante-a-escritor (das páginas do “Minarete”). É Lobato-rapazola, no mais recôndito da sua intimidade, escrevendo o que lhe brotava do coração, espontâneamente, sem nenhuma preocupação de estilo ou qualquer outra que não fôsse a de fazer chegar ao espírito de sua amada a mensagem da torrente avassaladora do seu arrebatado amor. Não procurem frases compostas com premeditação literária nem estilo burilado. Aqui estão manifestações límpidas de um grande amor, jorradas de um coração apaixonado, no afô — muitas vêzes desmesurado — de fazer vibrar em uníssono consigo o coração de sua amada.

São Paulo, Abril de 1969.

CARTAS DE AMOR

(1)

MINHA BRANCA PUREZINHA

Já que a pragmática não permite a dois noivos o conversar a sós numa sala, deve, por coerência, estender semelhante fiscalização às cartas, pois que são elas palestras escritas; chama, portanto, a pobrezinha da Noemia⁽²⁾ para junto de ti, a vigiar a leitura desta. Mas dize-lhe, para a consolar, que não é por muito tempo, pois, para me conformar com o teu pedido, serei curto e breve, tomando pouco dos teus preciosos minutos.

Vim ontem no primeiro trem. Estava um friozinho de rachar — mas frio que era calor, em confronto com o que me punha “cá dentro” a separação nossa, a tua ausência. A cada quilometro que o trem me afastava de ti, “cá dentro” enregelava um gráu a mais, de modo que cheguei literalmente entangulado.

E entangulado estou ainda, pois que é a tua presença o único capaz de desentorpecer-me. Ah minha rica Edelweiss!⁽³⁾ Que coisa triste é minha vida aqui, tendo por únicos companheiros a solidão e o deserto! Que coisa horrível é querer falar e não ter com quem, procurar ouvidos confidentes e encontrar-los indiferentes... Vivo eu com os meus livros: o vovô é velho, e moço não tem jeito de lidar com velho — são polos opostos da vida, e não há entre eles familiaridade possível.

Para toda a gente, “ir para casa” significa ir para o ninho, para o conforto d’alma e de corpo, para o carinho, para a amizade. Cançado de labutar fóra, o homem corre para sua casa, sequioso de bem estar e da atmosfera de amor e docura que ha nela. No meu caso, porém, é tudo o contrário: vir para a casa é

(1) Lobato não datou esta carta, nem citou a cidade onde foi escrita, mas há, no original, as seguintes anotações, feitas por D. Purezinha: “Primeira carta — Taubaté, 1906.”

(2) Noemia: irmã de D. Purezinha.

(3) Edelweiss: era como Lobato se referia, muitas vezes, a D. Purezinha. Vide “Poemas a Edelweiss,” no final deste volume.

vir para o deserto, para a solidão absoluta. Ninguem — tudo vazio! Eu só, sempre só. Passa um mes, um ano — a solidão é sempre a mesma, fria e imutável. O coração dói-me cada vez que entro nesta sala tumular. Só livros (tenho seiscentos em volta de mim) — bons amigos, é verdade, mas dum indiferentismo glacial. Às vezes me ponho a cismar coisas futuras e vejo finalmente construído o meu ninho: a companheirinha de toda vida, ao lado, tece pela casa os seus passos apressados, dando ordens, provendo às necessidades, pondo ordem onde não ha, alegre, amorosa, dedicada. Porque tenho certeza absoluta, Purezinha, de que has de ser assim, de que possues todos esses predicados de coração, todas essas nuanças de afeto que o homem procura na mulher como sendo o maior bem da vida. E essa visão do futuro dá-me n'alma um banho de vida; tenho a sensação de uma pessoa que desperta num quarto abafado e, abrindo a janela, recebe no rosto o ar frio da manhã. Mas serás a mulherzinha que eu sonho? A modinha de Teca⁽⁴⁾ diz grande verdade: para ser feliz basta amar. E não é só, crê; o amor não é condição para a felicidade, e sim a própria felicidade; fora dele tudo é negro e horrivel. Vale a pena viver porque existe amor na vida; não fôra isso e seria esta o mais intoleravel dos suplicios.

Ao desembarcar topei na estação as Bastos⁽⁵⁾ e o Bentinho⁽⁶⁾, em bota-fora à Guiomar⁽⁷⁾, que foi com o pai e D. Amalia para a Campanha. Dei a todos lembranças tuas. A' Valdemira⁽⁸⁾ entreguei tua carta e os embrulhos. E mais não fiz ontem, de aborrecido que passei, sempre com o espírito voltado para ti, doido de saudades e tristeza. Escreve-me logo que receberes esta e tem pena de mim; não sé tão mitra na resposta como prometeste. Lembra-te que fico ansioso a esperar o correio e não decepciones minha espera.

Adeus! Abraça-te e beija-te o teu

JUCA

(4) Teca: apelido de Ester, irmã mais môça de Lobato.

(5) as Bastos: filhas do Juiz de Direito de Taubaté.

(6) Bentinho: Bento Eneas de Souza e Castro, tio de D. Purezinha.

(7) Guiomar: filha mais velha do Dr. Bastos.

(8) Valdemira: tia de D. Purezinha.

NOTA: a pedido da Família de Lobato, os nomes das pessoas citadas neste volume aparecem, até mesmo nas notas, conforme ortografia dos originais das cartas.

(Taubaté, 1906) (1)

PUREZINHA

Esta carta tem sua historia e merece ser contada. Comecei-a no dia 20, logo que me chegou a tua de 19; comecei-a, mas estava a casa tão cheia de hóspedes que não fui além da quinta linha, adiando-a para o dia seguinte. A vinte e um rasguei-a e encetei uma outra que também não foi ao fim, por motivos idênticos. A 22 recomecei-a, mas breve tive que a interromper, visto ser dia de despedida e botafóra; à tarde lancei-me de novo a ela e estava em meio quando chega o Eugenio⁽²⁾; tive de sair com ele e deixar mais uma vez interrompida a malfadada carta. Hoje espero ir até o fim.

Passei, na semana passada, uns dias horríveis, empolgado por um daqueles ataques de desespero que já te referi, mas descobri logo o remédio, curei-me. E sabes que remédio é esse? Tu. Basta pensar em você, na tua bondade, na tua meiguice, para que a "treva d'alma" se dissipe como a um jato de luz. Que força imensa e misteriosa é o amor! Lembrei-me que se o mundo é estúpido e a vida indigna de ser vivida, uma criatura existe que torna aquela tolerável e até deliciosa. Lembrei-me que um dia essa criatura ao meu lado, será como que um isolador para os aborrecimentos e pirraças da vida. Lembrei-me que um olhar dela compensa tudo quanto se possa sofrer — e sarei; a tristeza, o tédio fugiu; e a alegria, a *joie de vivre* reentrou a dominar-me. Tudo devido a ti, meu adorado Bem! Por ai tu vês como te amo. De longe, sem estar sob o influxo embriagante da tua presença, à só lembrança e rememoração da tua imagem querida, todo o mal se dissipa e um delicioso bem-estar moral o substitui.

Purezinha, queira-me bem na metade do que te quero e far-me-ás o mais feliz dos mortais. Encheu-me de alegria a resposta que fizeste ao meu enigma. Que ela continue verdadeira, pelo futuro a dentro — e realizaremos aquela concepção do Castelo da Perfeita Felicidade. Recebi o jornal japones e o agradeço. Traz artigos interessantíssimos...

Quanto ao Minarete, a primeira vez que eu para aí for, hei de ir contigo visita-lo — pois além do que ele vale como recorda-

(1) Quando entre parêntesis, as datas e locais das cartas foram determinados por anotações de D. Purezinha, feitas nos originais, ou pela ordem em que ela os arquivou.

(2) Eugenio: Eugenio Azevedo.

ção, o sitio que rodeia é um passeio encantador. Temos tido teatro: mambembe regular; estraga-o, porem, a tua ausencia. Durmo uma soneca, como de costume, em todo 3.º ato — e durmo pensando num camarote onde, ha tempos, havia uma menina muito branca, cor de neve, fria como a neve... Lembras-te dela? Chamava-se Miss Edelweiss... e era loura e palida,

"palida e loura, muito loura e fria..."

Estás em debito para comigo, de uma carta e um cartão. Vê lá! Não vás me passar a perna numa moeda tão preciosa como o são as tuas cartas...

Adeus, meu Bem, minha Vida, meu Amor, meu Futuro! Escreve ao teu noivo e quer-lhe bem — basta a metade... quer-lhe bem como ele te quer.

Abraça-te o teu

JUCA

(Taubaté, 1906)

PUREZINHA

Tocaram a campainha. Fui ver: era uma linda menina que vinha pedir emprestado o carro do Visconde para o meio-dia, porque vai-se casar a essa hora. Cada terra com seu uso. Aqui não é o noivo que sai a cavar os veiculos nupciais: é a propria noiva. Imaginei o caso posto em você: a minha Purezinha, de porta em porta, a pedir carros para *ir casar...*

— "E com quem casas, menina?"

— "Com Juca" — diria você, torcendo o cabo do guarda-chuva...

A que veiu é filha do Batista madeireiro, um que mora na rua Zé das Bichas, perto da Casa das Lobato. Bem bonita — a mais bonita moça de Taubaté, talvez. Casa-se com um telegrafista da estação, um alto que ia ao Club. Que inveja me deu! Vão-se casar hoje... Antes fossemos nós!

Estamos com visitas: as Ferrazes⁽¹⁾ — não sei se já te contei. A Chiquita assistiu ao casamento de D. Brazilia⁽²⁾ e pediu-me

(1) as Ferrazes: sobrinhas da Viscondessa de Tremembé.

(2) D. Brazilia: D. Brazilia de Souza e Castro Natividade, mãe de D. Purezinha.

que lhe mandasse *muitas, muitíssimas* saudades. Sê tu, meu bem, a portadora.

Como vai o teu coraçãozinho? Com saudades de mim? É mister que assim seja, pois que o meu quase estoura quando me aparto de ti. Inda ontem o dizia, em casa de Therezinha⁽³⁾. Ha mulheres que, quanto mais um homem a conhece, menos lhe cresce o amor; e outras que são o contrário. Você é uma dessas. Cada dia que desvendo um novo pedacinho de tu'alma, mais se acende na minha o amor, o entusiasmo, a dedicação, a amizade que te consagro. Hoje, eu arrostando tudo para casar contigo. Quando te pedi não era tanto, porque te conhecia menos. Hoje, por nada no mundo renunciaria à tua mão. Dessem-me a fortuna de Rockfeller ou a situação dum Edmond Rostand em troca do teu amor, que eu recusaria, indignado. Preferia a miseria, a pobreza, a mediania, a mediocridade contigo, que a grandeza mais deslumbrante, com uma miliardaria.

Purezinha, como te amo! E como cresce o meu amor! Ao simples evocar da tua imagem, das tuas qualidades, dos teus preciosos dons d'alma e espirito, sinto a emoção mais terna invadir-me inteiro e provocar a vontade de chorar. E levo as horas de *reverie* a sonhar nossa união; uma união tão intima e solida como nenhuma outra houve jamais; uma união de todos os instantes, de todos os dias, de todos os anos, de toda a vida. Vejo-nos soldados um ao outro, numa liga tão intima como a de certos metais. Dois metais diversos fundidos formam um 3.º. Sejamos esse terceiro metal, um corpo novo, uma amalgama indissolúvel. Nada nos separará porque a mesma afinidade eletiva que impeliu um para o outro trabalha e trabalhará, dia e noite, para nos fundir um no outro, irredutivelmente.

Purezinha, Purezinha... está em tuas mãos o conquistarmos o recorde da felicidade. Vamos denodadamente fazer essa conquista?

Escreve-me, Benzinho! Escreve ao teu saudoso apaixonado

JUCA

(3) Therezinha: prima-irmã de Lobato.

(Taubaté, 1906)

PUREZA

A distancia apaga o amor. 150 quilometros não é brincadeira! Estando eu tão longe de ti, gostarás ainda de mim? Inda habitó na casinha de tua memoria? Que saudades, Purezinha, tenho!... Não do passado, mas do futuro. Já notou você que se pode ter saudades tambem do futuro? Tenho saudades da nossa vidinha de casados, metidos numa casa que seja um ninho onde nós ambos cultivaremos, rindo, a planta da felicidade... Havemos de ter no quintal uma arvore grande, cheia de orquideas, com uma mesinha em baixo e duas cadeiras de balanço. Às tardes calmosas, ali iremos depois do jantar, esperar o café — você vestida de um quimono japones, eu de dolman branco — conversar, recordar. É dessas coisas, Purezinha, que eu tenho saudades, muito mais do que tudo que já se passou. E tu? tambem não anseias por esse tempo feliz?

Os nossos hospedes continuam cá, diminuidos porem do Jorge e da Chiquita⁽¹⁾; quer isto dizer que cá está somente a Santinha.

Tem havido muita cousa *braba* neste apalermado Taubaté. A mais importante foi o aparecimento de um pasquim nojento contra o Affonso⁽²⁾, atribuido pelo povo ao Americo Mascate. Em consequencia disso o Joanito “quebrou-lhe a cara” na rua e o patife, que vivia arrotando valentias, nada melhor achou a fazer que aprontar as malas e rodar para Guaratinguetá — sem nem sequer despedir-se da pobre Castorina, que está por dias. Eis ai, Pureza, o fato sensacional da semana, discutido e comentado *intra e extra-domus*, desde a padaria do Adelino até à mesa de jantar do High.

Em Taubaté há escassez de fatos sensacionais, de modo que quando surge um, o povo gruda-se a ele de unhas e dentes e só o larga quando o misero desabe à vulgaridade da carne de vaca. Temos tambem uma companhia de operetas, da G. Montana e Assis Pacheco. Enchente à cunha! Fui com as manas e senti um apertão n’alma ao ver vazio de ti o camarote que uma vez te vi ocupando — palida e loira, muito loira e fria... para mim só.

Inda ha muitas outras novidades, mas chamam-me para almoçar. És servida de almoçar conosco? És servida de almoçar ao lado do

TEU JUCA DO CORAÇÃO?

(1) Jorge e Chiquita: filhos do Barão de Araujo Ferraz.

(2) Affonso: Dr. Affonso Moreira, advogado de Taubaté.

(Taubaté, 1906)

MINHA PUREZA

Tua ultima chegou ontem mas só hoje a recebi — ficou retida no escritorio do vovô, por engano.

Na apreciação do conto que te enviei empregaste um torneio de frase de sentido dubio que me intrigou. Na defesa que fazes das “boazinhas”, acaso te defendes? Ah Pureza! Tu não te conheces ainda! Pois, sem o saberes, talvez, és o polo contrario das “boazinhas” — e é por isso que eu te amo e adoro. Dizes: “ser boazinha é ser *ingenuamente sincera*”... Haverá quem seja, como tu, mais *inteligentemente sincera*? Mais habilmente, mais *engenhosamente sincera*? Haverá quem use da sinceridade com mais *habilidade*? Dizes... “sem malicia...” Haverá quem seja mais finamente, mais *sutil* e *capciosamente* maliciosa que a minha adorada Purezinha? Dizes:... “deixar-se levar pela vontade dos outros...” Haverá quem, sob a aparencia de criatura sem vontade, tenha-a mais energica e *teimosa* que o meu benzinho? Não, Pureza! A bondade das boazinhas não é uma bondade ideal; é a bondade dos que são bons pela impossibilidade completa de serem outra cousa; é a bondade do louva-deus inerme.

O ideal és tu — energica sob aparencia de fraquissima; voluntariosa sob uma capa de inercia; combativa sob forma de resignada. É esse o ideal ou, pelo menos, o meu ideal.

Outra coisa tenho a te dizer: nunca, no que eu escrever, rejeas qualquer frase ou ideia alusiva a ti — e se o houver dir-to-ei. Tu vives fóra do mundo sobre o qual escrevo; vives cá dentro, unida ao meu coração, colaborando no que eu faço, nunca dando assunto a estudos. Amo-te muito para te ver com os olhos da analise e da observação. Só tenho abertos para ti os olhos do amor — e esses nada veem em ti senão uma mulherzinha ideal, digna de todos os sacrificios e do maximo amor.

A *conferencia* a que te referes com ironia, foi-o realmente, e importante — pois talvez dela nasça a minha ida para o Sul. Depende atualmente de Campos Salles e Pinheiro Machado. Espero saber algo de certo por todo este mes. O que me faz dar esse passo, Pureza, és tu, simplesmente; é o desejo de ter-te ao meu lado, já M.me Monteiro Lobato, no mais breve tempo possivel. Mas não falemos nisto — esperemos.

O Mello⁽¹⁾ escreveu-me, saudoso do tempo que passou aqui, quando isto era perfumado (diz ele) pela presença de "Purezinha, Noemia, Georgina⁽²⁾, Antonieta⁽³⁾...". Ralhou-me por ter eu na minha carta só falado de ti. Diz ele: "Não sei como se possa falar de uma sem nomear as outras! Decididamente estás perdido".

Alegrou-me o simpatizares com o Rangel⁽⁴⁾; é digno disso, como todos os outros meus amigos. O proprio Edgard⁽⁵⁾ que hoje aborreces, ao conhece-lo de perto, Pureza, te fará instantaneamente mudar de sentimentos. Edgard é uma alma de criança num corpo de gigante. E todos os mais são bons e generosos, como é raro de se encontrar. Para que melhor os conheça, mando-te uns numeros do "Minarete"⁽⁶⁾ onde ha uma historia que escrevi ha tempos. Supus-me já com 60 anos e escrevo as memorias da mocidade. Nesses mesmos numeros poderás ler: "Lobatoyewsky", por Augusto Sylvio (Hilario Freire); "Tempos de Out'ora", por Ruy D'Há (eu); e onde Saul é o Raul⁽⁷⁾, Nino é o Lino⁽⁸⁾ e Titametro é o Tito-Livio⁽⁹⁾; "Hurrah!", por Té Bezuquet (Rangel) — quando moravamos, eu, ele e Ricardo⁽¹⁰⁾, no Belenzinho, num castelinho chamado "Minarete" ou "Minaron"; "Martir e Martirio", de B. de Cadiz (Ricardo). Vão tambem dois numeros do "Combatente" onde ha: "Do Meu Album", por Ruy Cardenas (Raul), e "Do Album do Minarete", de Bruno⁽¹¹⁾. Lê essas coisas sem pressa, pois elas encerram coisas preciosas da minha mocidade e das minhas amizades.

E adeus, minha adorada noivinha, que já é meio dia e tenho um horror de couças a fazer na cidade. Escreve-me, sim? Saudades a todos. D. Brazilia sarou bem? Diga ao Eneas⁽¹²⁾ que me escreva contando pormenores da luta do Cicero⁽¹³⁾. Receio

(1) Mello: João Carlos de Mello, amigo de Lobato, cunhado de Eugenio Azevedo.

(2) Georgina: a pintora Georgina de Albuquerque.

(3) Antonieta: Antonieta Barros.

(4) Rangel: Godofredo Rangel.

(5) Edgard: Edgard Jordão.

(6) Minarete — Jornalinho de propriedade de Benjamim Pinheiro, amigo de Lobato. Era redigido na capital de S. Paulo, por Lobato e seus amigos, mas publicado em Pindamonhangaba.

(7) Raul: Raul de Freitas.

(8) Lino: Lino Moreira.

(9) Tito Livio: Tito Livio Brasil.

(10) Ricardo: Ricardo Gonçalves.

(11) Bruno: Bruno Moreira, irmão de Lino Moreira.

(12) Eneas: Eneas Natividade, irmão de D. Purezinha.

(13) Cicero: Cicero Marques.

muito que hoje, no desempate com o Bernard, ele perca... Fico tremulo de emoção ao pensar nessa luta.

Adeus! Mil abraços e mil beijos
do teu

JUCA

Taubaté, 24.9.1906

PUREZINHA

Esperei hoje resposta da minha de sábado, mas o carteiro chegou de mãos vazias, enchendo-me de tristeza. Vi que de tua parte nenhuma pressa existe em me proporcionar os momentos felizes que serão os em que te ler. Paciêncial! Esperemo-la para amanhã.

Foi duma estupidez sem conta o meu dia de hoje. Nunca me lamentei tanto do isolamento em que vivo! Ah! Se já te tivesse ao meu lado, como tudo mudaria!

De dia nada pude fazer, do muito que tinha a fazer; tudo atrapalhado, tudo desencontrado, por causa duma burrice de eleição.

A tarde, privado do meu indefectivel companheiro de passeio⁽¹⁾ (que anda em viagem para não sei onde), sai só, encapotado té as orelhas — que esteve siberiano o frio, por aqui. Estive um tempinho no Velodromo, vendo bater bola, mas como principiisse a chover, rodei para casa, para este deserto de casa. Horror...

Quando chegará o tempo em que voltar para casa será tornar pressuroso à tua cariciosa companhia, será vir ao encontro dum coraçãozinho amoroso e amigo donde o balsamo da ternura emane, consolador de todos os aborrecimentos e pirraças da vida!...

Para cumulo de males amanheci doente; rebentou-me na mão um furunculo, com inguas pelo braço e muita dor. Apareceu, tambem, uma pouca de febre e agulhadas na cabeça. Ajunte-se a isso o ter eu sido, à noite passada, vitima do sono de granito dum criado novo que, com dormir rente à porta, se não acordou

(1) Eugenio Azevedo.

aos murros que pesseguei nela nem aos berros que lhe atirei pelo buraco da fechadura. Tive que ir dormir para o Peres, o infecto hotel do Peres, onde passei a noite a ouvir o *fium* dos mosquitos, intervalado com o relogio da matriz ao qual ouvi dar 11, 12, 1, 2, 3, 4, 5 e 6 horas. Vinguei-me, porem, da insonia, pensando na minha adorada Purezinha, anjinho encantador que o Destino deparou-me na estrada da vida para enflorar-ma. Entrei a sonhar acordado de como felizes e mansos correrão os anos em que,

“Presa à minha a tua mão”,

ouvindo pular na sala a nossa Gracinha (ha de se chamar assim a primeira filha) e reinar no quintal o maroto do Geraldo (não aprovas este nome para o primogenito?), recordaremos os dias de agora, felizes, contentes — cada um nada mais desejando do mundo senão o amor do outro e a saude da pimpolhada... Não te sorri esta perspectiva, núa de romanticismo enganador, vazia de sentimentalismo piegas e, no entanto, tão suave e calma, tão impregnada da poesia da realidade?

Adeus, meu Bem, dá-me a mão; vou deitar, amanhã continuarei.

25 —

Ainda hoje o carteiro não me trouxe coisa nenhuma. É, pois, certo que não queres corresponder comigo. Paciêncial Seja feita a tua vontade. Nunca mais, incomodar-te-ei com minhas cartas. Esta ficará sendo a segunda e ultima.

Com toda estima e consideração de V.Ex.^a C.o. O.^o
e att.^o vened.^or,

J. B. MONTEIRO LOBATO.

P. S. Deseja a devolução dos cartões postais que possuo em meu poder?

L.

Taubaté, 30.9.1906

MEU AMORZINHO

Encheu-me de remorsos a tua de 28, mas um consolo me resta e é que, se te causei alguma tristeza, foi-lhe causa o muito, o grande amor que te tenho. Não pude suportar a ideia de que demorasses tanto em responder à minha primeira carta de noivo.

Entrei a arquitetar mil suposições e, cheio de dor e de tristeza, deixei escapar palavras que te magoaram. Mas espero da bondade de teu coração que já nenhum ressentimento exista nele contra mim. Amar é perdoar, sempre e constantemente — e se é que me amas, perdoado estou de ha muito tempo. Se eu te tivesse amor menos intenso, é claro que aquela demora nenhuma dor me causaria; mas não sendo assim, é mais uma prova que te dei do que vivo a afirmar.

Mudemos, portanto, de assunto. Não calculas a satisfação com que recebi tua primeira carta. Estive com ela na mão longo tempo, antes de abri-la, e sem coragem de o fazer. Uma carta fechada é um mundo: a nossa imaginação tece sobre o seu conteúdo provável uma infinidade de deliciosas suposições; por isso, antes de a ler, beiei-a mil vezes, aspirei-lhe o perfume e fantasiei o que dentro poderia existir. Abria-a, li uma, duas, tres, vinte vezes; decorei-a, nos pedaços onde te referias ao teu sentimento por mim, senti-me ganho da mais terna emoção.

Pobre do meu amor! Contenta-se com tão pouquinho... É como o pobrezinho de terra pequena a quem se dá de esmola um vintém — e ele desfaz-se em agradecimentos sinceros. Trinta e duas linhas, só, essa tua primeira carta — digo mal: esse bilhete. Faz-me lembrar Teca que uma vez escreveu a vovó dizendo que não lhe escrevia por falta de assunto. Não tens nada dentro de ti, Purezinha? Não tens uma coisa a que chamam alma e donde saem as palavras, as ideias, os pensamentos, os assuntos? És tão parcimoniosa no escrever... dizes com tanta cerimonia as cousas... Por que não me escreves atabalhoadamente, borrando, riscando o papel, sem ordem, sem estilo, sem correção, sem nada desses estorvos gramaticais? Só assim se pode bem exprimir um sentimento. Mas é que não o sentes... ou o sentes em tão fraca dose que não dá para ser expresso. Vejo que, sentada em face do papel, encontra dificuldade em saber o que me dizer. Às vêzes assalta-me uma suposição horrivel: imagino uma como que suspeita, uma dúvida a pairar em tua mente de que eu não seja o que digo, nem digno de ti. Mas não é isso, hein, meu benzinho? Dize-mo e repete-o; que não é, que nunca será assim.

Na tua ultima ha uma palavra tipica — após encher tres laudazinhas microscopicas nessa tua letra larga e comprida, dizes: "É bastante", e logo em seguida te despedes e assinas. Parece que me escreves sob medida e, em chegando a um certo limite pré-estabelecido, paras, dando um "uff!" de alivio. Não é assim?

Hoje foi dia de juri mas o tribunal não funcionou, por falta de numero. Tenho cinco reus a acusar. Com horror o faço!... Não pelo fato de os acusar, mas pelo de falar em publico. Mil anos que eu viva e nunca cessará em mim este horror instinctivo pelo publico. Diante dele bestifico-me e encho-me duma timidez pueril. Mas falemos de ti.

Conta-me tua vida ai, o que fazes, o que pensas, o que sentes; imagina que está a teu lado uma amiga e estas-lhe confidenciando, e escreve quanta cousa vier à tua mente. Dizes que não podes escrever à noite? Porque doi-te a vista? Pobrezinha da minha queridinha! Tenho sonhado constantemente contigo, mas sempre te vejo, em sonho, fria e indiferente. Antes não sonhar!

Queres fazer uma cousa? Eu daqui, tu daí, todos os dias, anotaremos num caderno as nossas sensações e ideias do dia, que se referirem ao outro. Cada vez que eu for, levo-te o meu e trago o teu: lemo-nos mutuamente e continuaremos a coisa, um no caderno do outro. Topas?

Adeus, meu anjinhos! Abraça-te num abraço bem apertado e beija-te amorosamente o teu de toda a vida

JUCA

Taubaté, 30.9.1906

MEU LIRIO

Que te hei de dizer que cansada não estejas de ouvir? Que te amo? Que vejo em ti os alicerces da minha felicidade? Que me és luz, vida, perfume, aurora, alegria? Que gasto os momentos do presente a devanear um futuro, de ti regido, como amorosa rainha capaz dos grandes milagres do sentimento? As vezes me ponho a cismar de quão pauperrima se te não afigurará minha imaginação, com este constante atrelar das mesmas palavras às mesmas ideias e pensamentos... O amor, porém, adorada filhinha de minh'alma, semelha um realejo que só toca tres arias — a da saudade, a dos ciúmes, e a que diz "amo-te". E concebe-se lá maior eloquencia? "Amo-te" — quem tal pronuncia diz tudo quanto de grandioso pode dizer a alma humana; e quem o diz e ama, realmente, faz o que de mais elevado e portentoso humanamente se pode fazer. A suma felicidade para mim (sempre tal o considerei), seria o ouvir dos teus labios tostadinhos de frio esse poema inebriante de cinco letras, ou ve-lo pela tua mãozinha escrito. Não

mo permitiu a fortuna. A criatura que vai selar comigo o pacto da eterna comunhão de corpo e de alma, que é noiva e será mulher, não *sabe*, não *pode*, não tem *animo* de arrojar-se a tanto. Merece calorosos bravos; é uma criatura que não sabe mentir.

1.º de Outubro 1906

Chego do juri neste momento; vim antes de terminados os trabalhos, a tempo de concluir esta e palestrar um bocado contigo que és tão má!

O correio de hoje não me trouxe nada, bem como o de ontem... E eu te escrevo todo o santo dia — ou carta ou cartão... Mas uma cousa vou pedir-te: se por qualquer motivo não me puderdes mandar carta, cartão não mande, porque tenho horror a esses papeluchos que nada dizem. Amanhã temos uma trabalheira colossal, pois serão julgados dois processos, coisa de principiar às 11 horas e acabar lá pela meia noite. Mas ficaremos livres do juri por 3 meses.

Purezinha, escreve-me longamente, diz-me que me amas, inda que seja mentira. Não calculas como te quero e que bem me faz uma palavra tua. Diz — se me amas — que me amas, diz qualquer cousa de suave e bom, que tenho a alma seca como um Saara e tuas palavras ser-lhe-ão chuvas beneficas. Inda ha pouco reli as duas unicas cartinhas que me endereçaste, e com que prazer reli, pela milésima vez, o poucochinho que deixa transparecer do teu sentimento!

Só ha na vida uma epoca de amar intensamente: é a que atravessamos. Aproveitemo-la, portanto, amemo-nos loucamente. Para isso basta que me ames metade do que te amo. És então o gelo que eu falava sempre naqueles versos? Num deles alimentava a esperança de ve-lo fundido ao sol do amor. Foi vã essa esperança? Creio-o bem, porque, até agora, mesmo noiva, não saiste da glacial frieza de outrora. Por mais que me esforce, sempre duvido do teu amor, pois é uma joia que dizes possuir mas que nunca pões à mostra. Conheces as "Cartas de Fradique Mendes", do Eça? Ha lá um tal Pacheco, ministro de estado, de imenso talento. Todo o mundo falava no imenso talento do Pacheco; esse talento porem nunca existiu, era uma ficção. O teu amor não é como o talento do Pacheco? Dize-me que não, prova-o que não. Sê menos parca, dá mais expansão ao que sentes (se é que sentes algo). Quem ama é exigente, só quer ouvir palavras de amor. Dize-as sempre, repete-te, ah, minha adorada Pureza, se conhecesses a minha triste vida aqui, esta solidão, este deserto, certo amiudarias esse balsamo divino, esse maná que são tuas cartas!

Adeus! Ama-me como te amo. Aperta-te ao coração enternecidamente o teu de sempre

JUCA

(Taubaté, 1906)

Minha adorada PUREZINHA, meu Amor, minha Vida, minha Alegria, minha Esperança, meu Futuro, meu Tudo!

Acabo de receber a tua 3.^a cartinha (infelizmente este diminutivo é verdadeiro!) e louco de contentamento agarro na pena para responder — porque escrever-te é o unico meio que procuro para prolongar o prazer de te ler. Imagine, minha adorada açucena, que quando ouvi, cá de cima, o carteiro enfiar a correspondencia por baixo da porta (é um *chiii* que me faz todos os dias pular o coração), larguei do que fazia e desci a ver se havia carta de você.

Havia, juntamente com um cartão de Dulce⁽¹⁾ e outro de Stella⁽²⁾, dando-me parabens do noivado. Que alegria! Que satisfaçao! Como a alma se me ficou leve! E sabes o que eu fazia nesse momento? Escrevia a acusação que vou pronunciar hoje no tribunal contra os irmãos Patrício. Vê que transição repentina e imensa; sai do crime (parentesis necessario: estava neste ponto quando entrou-me cá o Davidinho e me caceteou cinco minutos com umas historias de dormir em pé, e um cigarro muito fedido), para entrar em plena região da ternura! Deixei dois assassinos para vir palestrar com esse lirio de candura e bondade que és tu!...

Então já sonhas comigo? Bom sinal. Ha em tua carta um pedacinho contra o qual protesto veementemente. "Sonhas sempre que te apareço *feia* (na realidade o sou) e indiferente?" O que eu disse foi FRIA; concordas, ainda, agora, que na realidade o és? FRIA, F-R-I-A, nunca feia, porque seria absurdo chamar feio ao que é lindo.

Purezinha, estou te rabiscando esta muito às pressas porque são 9 horas, a minha acusaçãoinda não está pronta e às 11 co-

(1) Dulce: Dulce Ivahy.

(2) Stella: Stella Ivahy.

meça a festa; tenho duas horas para concluir-la, almoçar e vestir-me. Não fosse isso e enchia o papel até o fim, como é meu prazer e teu horror. O julgamento hoje vai até tarde e não mais tenho tempo de pegar na pena e alcançar o correio.

Adeus! Abraça-te mil vezes e da-te um milhão de beijos o teu do fundo d'alma sempre e sempre

JUCA

Purezinha. Não tenho coragem de largar esta, que é largar-te... Queres-me muito bem? Dize-mo — não sejas má — dize-o. Tens-me amor? Não creio, nem uma só vez tocaste em semelhante palavra. Mas adeus, já deu 9 e 15 m.

Taubaté, 28 out 1906

PUREZINHA

Hoje é domingo, e escrevo-te sob a impressão de uma das coisas que mais me divertem neste Taubaté. Defronte a minha janela, na esquina, existe um "botequim de operarios" cujo dono é um italiano velhote e gordo, atarracado, que se chama Canella.

O Canella não é mau homem, mas aos domingos vinga-se da insipidez da semana entortando o cotovelo e fica, então, um mata mouros. Berra, grita, esmurga, blasfema. Provoca questões com a mulher e as duas filhas, já de idade, que tem. Elas, que tem o sangue quente por natureza, não lhe ficam atrás; e começa, então, um coro de desafetos em italiano, gestos trágicos e obscenidades que reune no largo meio Taubaté. Eu, na minha janela, instalo-me desde o inicio; as Emboabas não tardam nas suas; o Visconde fica atrás do vidro, embaixo; os criados vão para a porta. Fica assim (desenho: isto é, uma mão com os dedos apinhados) o largo! Berram, berram, berram... Por fim o Canella escorraça com a tranca da porta todas as mulheres da casa. Elas saem gritando horrores, improprios de todo o calibre e ele, como um pachá, de mãos no bolso da calça, fica-se na soleira da porta a rir com o cachimbo na boca: "isso mesmo, corja, berrem mas vão saindo e se cá voltarem parto-as, uma a uma, à tranca". Dai a algumas

horas a comoeca esvai-se, as mulheres voltam e tudo vive em perfeita paz os seis dias uteis da semana.

Ha anos que é isto, infalivelmente, todos os domingos. Mas deixemos o Canella e falemos de ti. Recebi ontem a tua derradeira cartinha onde me dizes do teu estado d'alma e contas a chegada das Ivahys. Muitas saudades minhas a ambas e em especial a Dulce que é muito minha camarada.

Trouxe dai, Purezinha, uma constipação horrivel, felizmente já em declinio, mas cuja tosse incomoda-me impertinentemente. É porisso que esta carta está saindo tão borrada e mal feita. Cada frase é uma tossida e cada tossida é um borrão, ou uma nervosia de letra. Inda não escrevi a M. e talvez nem escreva. Ela que se fomente, não achas? Em todo caso, se assim o quiseres...

Ando, ainda, atarefadissimo. Agora é com o arroz. Tenho uma turma de 20 camaradas ao meu serviço e se não os fiscalizo roubam-me os olhos. Toda a manhã vou de bicicleta ao S. Roque (é lá); são duas leguas para ir e duas de volta. Um suadourozinho regular. Estou, porisso, emagrecendo. Mas havemos de ter arroz com fartura, hein? Hoje cedo encontrei a Mercedes⁽¹⁾ que me disse saber você andar de bicicleta. É vero? Que bom! Havemos de sair os dois, todas as manhãs, sim?

Escreve-me longamente, diz-me coisas bonitas, pois que atualmente me é feio e ruim tudo quanto vem de outra parte que não da tua.

Adeus! Abraça-te saudosissimo o teu milhão de coisas

JUCA

Taubaté, 6.11.1906

QUERIDA PUREZINHA

Cheguei, como vês, são e salvo. Na estação estavam Bentinho e as manas, idos ao bota-fóra da D. Josephina⁽¹⁾. Quer isto dizer quer foram botadas fóra as provaveis brigas futuras.

(1) Mercedes: filha do Dr. Bastos; casou-se, mais tarde, com um tio de D. Purezinha.

(1) Josephina: Josephina de Souza e Castro, tia de D. Purezinha.

Purezinha, ontem te deixei cedo por causa da chave, que esquecera, e sabes tu onde fui encontrar-la? No bolso do colete, no de cima! Já estava em casa e despia-me quando dei por ela — o que me fez cair em grande desespero, pois perdi de estar contigo pelo menos umas 2 horas mais. Outra vez que eu esquecer faz-me revistar o bolsinho de cima.

Purezinha, vim cheio de saudades e tenho constantemente pensado em ti; em ti, nessa Purezinha que dia a dia se me vai revelando cheia de novas facetas desconhecidas (de mim) e inapreciaveis... Como te amo, Purezinha, e como cresce este amor após cada estada perto de ti, isto é, a cada passo mais que dou no conhecer e profundar tua preciosa individualidadel... Quanto mais te conheço mais cresce meu amor, mais se dilata meu sonho de felicidade. O ante-gozo da felicidade já é grande felicidade. Essa tenho-a eu, neste sonhar incessante em que vivo de ter-te ao meu lado, caminhando, alegres, pela estrada da vida. Estrada? Ah, não! Havemos de caminhar à margem dela, num desses trilhos de pé ante pé que acompanham as estradas comuns, discretamente disfarçados no mato. Quer isto dizer: — uma vida à parte, diferente do comum das vidas, calma e feliz, marchetada de individualidade e discretas delicias. Dele veremos o tropél suado da humanidade trotando com violencia na estrada larga, no meio do pó e dos encontroões — dele, onde o caminhar é silencioso, calmo, puro... E dele sairemos, sempre de braço dado, juntinho, um todo do outro, fazendo a inveja dos passarinhos.

Nossa vida, Purezinha, ha de ser como o caminho do jasmil-neiro que te contei; a cada passo intercalado de aguazinhas murmurosas, rodando no pedregulho, enfeitado marginalmente de vivendas rusticas de encantado pitoresco, perfumado aqui e ali por um inesperado jasmil-neiro; um ceu de anil por cima a cobrir tudo, um ar de manhã em redor, a envolver tudo...

Compare uma vida assim à mais ambiciosa das vidas, qual é a que se faz pelas estradas de macadame, ladeada de renques de magnolias simetricas, com guardas à beira e anuncios de Emulsão de Scott de longe em longe, e *teuf-teuf* de automoveis, e *fons-fons* de bicicletas, e rodar de carroagens, e pó, e ar viciado, e ceu de neblinas...

Purezinha, Purezinha, eu inda endoideço de tanto sonhar em ti...

JUCA

Taubaté, 8.11.1906

PUREZINHA

Recebi a tua microscopica cartinha onde me dizes apressadamente umas tantas coisas bonitinhhas. Deliciosal Mas, deixa estar, sra. professora, que hei de agora pagar-te na mesma moeda. Lá vai:

Meu anjo.

Que tristeza a vida, não? Eu cá, tu lá... Mal o astro rei desperta já se voltam para ti meus pensamentos, e des' que anoitece vão-se eles transformando em sonhos onde sempre tu imperas, oh minha branca rainha! (Que mais, que mais dizer? Ah! Falemos da saudade!) A saudade, anjo de minh'alma, habita em mim como um inquilino cronico e a todos os meus atos ensombrece, c'o seu vago palor arroxead... Minh'alma é triste como a rola aflita... (Que mais, que mais?) Oh virgem dos meus sonhos, sol do meu viver, astro que me guia na vida, estrela polar que me conduz aos paramos etereos da felicidade — amo-te! Amo-te como só se ama uma vez na vida. Ver-te e amar-te, estrela matutina, foi obra dum só instante. (Que mais, que mais?). Faz um dia quente, o sol explende fulgurante e rubido, nuvens acarneiradas pascem em bandos pelo céu, a Viscondessa toca piano, o Canella briga com as mulheres... Vê: tudo fala do meu amor, tudo canta o nosso amor, o dia, o sol, as nuvens, a Viscondessa, o Canella!...

(Agora o rematezinho classico) Adeus! Preciso terminar porque o correio fecha-se às 9 horas da noite e são 12 horas do dia, posso perde-lo, indo esta, nesse caso, ter às suas mãos só depois de amanhã, o que seria uma grande desgraça. Escreve-me sempre, sim?

Saudoso abraça-te o teu

JUCA

PUREZA:

Le a poesia junta, a coisa mais bela em lirismo que tenho encontrado em minha vida.

Edgard Jordão passou por aqui ontem, acompanhado da mulher, pois já se casou e anda em viagem de nupcias.

Adeus! Leva N. ao quintal e lá no morro dá-lhe um empurrão por minha conta.

Do teu

JUCA

(Taubaté, 1906)

PUREZINHA

Só no meu quarto, noite alta, tendo ante os olhos o teu retrato, tão só e mergulhado em tanto silencio que chego a *ouvir o silencio*: — um zunido semelhante ao de milhares de grilinhos microscopicos chiando num campo distante, não resisto à tentação de te escrever, pois que é tambem uma maneira de palestrar com a pessoa amada esta, de se confiar ao papel o que se lhe desejaria confiar ao ouvido. Mas tão distantes estão da minha voz os teus ouvidos!...

Ah, minha Purezinha! Só agora, só agora, depois da tua partida, é que senti o amargor duma separação e bem compreendi aqueles versos de Garrett sobre a saudade:

“Doce pungir de acerbo espinho.”

Por que ter saudades tuas é, para mim, ao mesmo tempo que uma sensação agradável, uma opressão penosa, dolorida? Ao mesmo tempo que, revendo pela imaginação a tua imagem querida sinto bafejar-me a alma um frescor oxigenado de madrugada, sinto um aperto no coração ao saber-te tão longe de mim, esquecida talvez de quem só deseja fazer de ti a criatura mais feliz do mundo. O poeta definiu bem a minha saudade naquele verso. Saudade, saudade, saudade... É tudo quanto sinto; saudade da tua voz, do teu olhar, do teu irquietismo de posições; saudade das nossas valsas erradas, do Amor Discreto, dos teus vestidos, daquela blusinha cor de rosa, do dentinho... de tudo enfim que constitue a minha amada Purezinha.

No dia em que partiste voltei estupido para Taubaté, apalermado, lerdo, como o avarento a quem roubaram o tesouro, como o rei a quem tiraram o trono... Não fiz nada, não falei com ninguem, passei o dia atôado, a fumar, a fumar... No dia se-

guinte, o mesmo estado d'alma. Para que bem o avalies transcrevo o que escrevi no meu diario no dia 31:

“Sinto necessidade do silencio como um alimento d'alma. Ela móra dentro de mim e o silencio dá-me a sensação do seu *eu*: o Rumor, o Barulho, o Som afugenta-a”.

Mais adiante:

“Purezinha, duvidaste ontem quando te disse que eu choraria... Pois estas palavras que escrevo vejo-as saírem tremulas da pena, porque vejo-as através de lágrimas que rolam dos olhos sobre o peito da camisa. Choro...”

No dia 1.^o de Junho, nada escrito: unicamente o teu nome traçado mil vezes e de mil modos no papel. Que dias esses! O mundo mudou de aspecto, tudo perdeu o encanto e a graça e em minha mente a recordação da tua imagem dominava como soberana.

O pobre Eugenio foi quem aturou-me com toda a paciencia; saia à tarde comigo e deixava-me falar de ti. Tudo o mais tornou-se-me indiferente, tudo o que não tem alguma relação por mais remota que seja com a minha futura mulherzinha.

Já fui diversas vezes à casa do Dr. Quirino ⁽¹⁾, atraido pelo que poderiam dizer de ti. Li o teu cartão a Maria José ⁽²⁾, e que onda de felicidade inundou-me a alma ao ler nele esta frase: “Tens visto o Juca?” e mais adiante est’outra: “Muitas saudades a todos”. Compreendi o grifo e voltei de lá a me rir sozinho pela rua. Fui de novo outras vezes, e quando pilho a sala distraída na conversa arrasto M. José ao vão da janela para ouvi-la falar de ti... “—Fale, M. José; fale dela; conte alguma coisa de Purezinha, qualquer coisa...”

À Teca já escrevi varias cartas pedindo-lhe que vá te visitar e me dê noticias frescas, mas diz-me ela que inda não o pôde por falta de quem a acompanhe. É, pois, assim que vivo, adorada Purezinha, indiferente ao presente, o coração posto no passado a rememorar esse delicioso tempo da tua estada aqui, e o pensamento posto no futuro a arquitetar o castelo de marfim, a *turris eburnea* da nossa proxima união.

(1) Dr. Quirino: Quirino de Souza e Castro, avô de D. Purezinha.

(2) Maria José: filha do Dr. Quirino, apelidada Maisé.

11 de Junho:

Esta manhã passei a pintar cartões e num deles fiz um diabo horrendo que receberás amanhã; lá digo que foi pintado à meia noite, mas só para te assustar.

Hoje vou visitar Dona J. porque soube que ela possue um retrato teu que desconheço. Vê o que é o amor! Des'que foste nunca me lembrei da "onça", mas bastou saber que lá existe *quelque chose à toi* para que vá correndo visita-la.

Ontem fui à casa do Dr. Quirino, mas antes não fosse! Na sala tudo falava de ti, o piano, as cadeiras, o sofá, a janela, alguma coisa da minha Purezinha pairava no ar... Sai triste, morrido de saudades...

Dia 20!... Hoje é 11, tenho portanto nove dias de espera ainda, nove dias que são nove anos tanto o desejo de ver a minha Purezinha alonga o tempo... Quando chegará esse tempo feliz em que eu possa ver-te sempre ao lado, abraçar-te, *viver* enfim, pois que longe de ti não vivo.

"Só vivo as horas que passo
junto de ti, minha flor,
tua cintura em meu braço,
meu beijo em tua boca em flor".

Venho da rua onde fui ver em que paravam os meus negócios, e foi ancioso que matei as saudades dos meus olhos, embebendo-os na contemplação do teu retratinho. Não posso passar sem ve-lo uma hora e não posso ve-lo sem que me não aperte o coração as saudades do original. Cento e cincoenta quilometros separam-me dele mas tenho a certeza que nossos pensamentos muitas vezes por dia se hão de encontrar; erro pensando assim?

11 horas. Chego do Club onde ganhei do Dr. Emilio seis partidas de xadrez consecutivas, e não posso ir dormir antes de palestrar um pouco contigo.

Fui à tarde visitar Dona J. e sai de lá convencido que era toda tua a razão quando me afirmavas ser ela uma boa criatura cujas implicancias e impertinencias vinham unicamente do genio. Faço-lhe hoje justiça, dando-te razão. Inutilmente porem, ela remexeu todos os guardados em caça dos teus retratos, só pôde encontrar um de cabelos soltos, meio perfil, de quando eras menina de uns treze anos; e disse então que talvez vocês os tivessem furtado por não serem bons. O caso é que fóra o pequenino de Maisé inda não vi retrato teu que desse ideia da tua adoravel caretinha.

Dia 13. Passei o dia atarefado com uma liquidação de negócios e a noite a escrever umas razões finais; são 11 e meia, e não posso ir dormir antes de dar dois dedos de prosa à minha querida mulherzinha. Hoje é 13, dia de Santo Antonio e sei que estás em casa da vovô, rodeada dos primos, a dançar, a folgar... Lembrar-te-ias do teu Juca? Pobrezinha! Não tem tempo! Quando se está muito ocupada com uma cousa o pensamento pouco esvoaça sobre cousas passadas, e eu... — pobre de mim — sou já, talvez, uma cousa do passado! Oh não! Diz-me que não, minha adorada Purezinha!

Dia 15. Ha já quatro ou cinco dias que não tenho recebido nenhum cartãozinho teu. Será que já te não lembras de quem de ti se não esquece? Mas é tão natural o teu esquecimento... Ai, no meio dos parentes, rodeada de primos bonitos, cortejada de todos os lados, como não esquecer do namorado da roça? É tão natural isso...

Dia 16. Se visses que dia horrivel está fazendo... Chove uma garoa cinzenta desde ante-ontem e o frio apertou. Os pés gelam, os dedos da mão ficam entanguidos. É num dia assim que ardenteamente ambiciono ter ao lado a minha companheirinha. A solidão com um tempo destes é horrivel, desespera, provoca neurastenias profundas. Vidraças fechadas, o vento e a chuva a insistir fora, uns arrepios que percorrem a espinha... Dentro o silencio, a solidão... Eu, eu só.

Sair é horrivel, ficar é doloroso. Mas juntos, que agradavel será passar um dia de chuva inteirinho juntos, a ler o mesmo livro, a pensar a mesma ideia, a recordar coisas passadas e planejar futuras, a brincar...

Outra ocasião que tambem imperiosamente mostra a necessidade de ligar-me a ti é a hora das refeições. Que bom não deve ser almoçar-se a hora que se marcar, mandar fazer o que se quer, conversar à mesa — é tão bom conversar comendo... — erguer-se dela à vontade, não ter de esperar ninguem! Aqui é um horror. Almoça-se de madrugada: 9 horas. Pouco ou nada se diz à mesa e o que se diz não tem essa liberdade e intimidade que constitue o encanto da conversação. O vovô, logo que termina, levanta-se. Eu sempre acabo junto com ele mas tenho de ficar à espera que S. encha o bandulho. E desespera-me esse esperar. Ela come demoradamente, masca, masca; e mais isto e repete aquilo, e um pedaço de pão agora, e doce, e manda descascar uma laranja, e gosta, e repete, e faz descascar outra e espera o café, e o café demora, e enquanto espera se põe a conversar comigo dizendo

coisas que já lhe ouvi um milhão de vezes... Oh massada intolleravell Quando terei o socego e a liberdade da *minha casa* ao lado do meu anjinho adorado?

Dia 18. Ontem passei o dia em Guaratinguetá e por isso nem uma linha foi escrita aqui. Não quer dizer que me não lembresse muitas vezes da D. Pureza. E a prova é que já na hora do trem voltei correndo da rua, meti no bolso um cartão e um selo para que, mesmo fóra da terra, não deixasse de enviar uma prova de que penso constantemente em ti. Mas... não posso continuar a escrever. Faz um frio horrivel e os dedos estão entanguidos. Adeus, até depois d'amanhã!

(Taubaté, Novembro de 1906)

ADORADA FILHINHA

Bem se realizou o que eu supunha: a minha carta com os extratos do diario, pu-la no correio, mas fora da mala, no dia 4 ou 5, e os infames levaram-na para o Rio, voltando de lá só segunda feira, que foi quando a recebeste. Correio miseravel! Enfim respondeste-ma. Já andava desesperado de esperar.

Ah Purezinha! Não calculas que dor me causou o ver que não atinaste com qual G. se deu o fato de Outubro! G.P., supuseste? Oh, nunca! Nunca dei a honra àquela burrinha de falar em ti. Foi à G.B., que é tão nossa amiga. Vês que o caso muda inteiramente de figura, e a mesma cousa que dita à G.P. seria uma imperdoavel desfeita a ti, dita à Bastos deixa absolutamente de o ser. Queres a prova? Tem cá no diario, onde pela propria redação veras que não foi com a G.P. Diz ele textualmente: "Comparei hoje, Purezinha, *em casa* de G.". Ora, esse *em casa* (que talvez no copiar eu omitisse) fala eloquentemente em meu favor, pois nunca na minha vida pisei na casa da G.P. (que nem casa tem, parece); ao passo que sempre frequentei a de G.B. Se duvidas das minhas palavras mandar-te-ei a pagina do diario onde se lê esse malfadado trecho; mas creio não ser preciso, pois mereço confiança da minha adorada Purezinha.

Doeu-me tanto o pensares erradamente isso de mim que quase te passei um telegrama restabelecendo a verdade. Para não dar na vista dos outros, porem, deixei de o fazer.

Se até agora tinha indiferença pela G.P., agora tenho-lhe ódio. Pois foste supor que eu falara de ti a ela? A essa tipinha? Ah! Purezinha! Que má ideia fazes de mim! Eu nunca senti a minima inclinação pela G.P. Sempre achei-a um ente absolutamente insignificante, incapaz de inspirar qualquer sentimento. Tive algumas paixões na minha vida, mas pela G.P. nunca senti nada, *absolutamente nada*. Nunca mais suponhas tal, que me ofendes cruelmente!

Vejo pela tua, onde dizes — “Confrontando-o com as minhas notas”... — que possues notas. É verdade isso? Se é, Purezinha, peço-te por tudo que mas deixe ver! Manda-mas, sim? Usa para comigo da mesma franqueza e lealdade que eu uso para contigo, nada ocultando do que pensei de ti. Espero-as anciosamente! Purezinha, tenho tanto a te dizer que as palavras saem-me da pena atropeladamente, sem nexo e informes. Mas não posso me conter, sinto um nervosismo, um impeto de voar para aí, agarrar-te, abraçar-te, chorar sobre o teu colo como uma criancinha.

Que carro de boi é a palavra escrita! As ideias afluem aos borbotões, aos montes, aos milhares, e o maltido carro só leva para o papel uma pequenina quantidadel Mas creia que nem a palavra falada dava vazão ao que sinto; só chorando, só gritando, só apertando-te nervosamente contra o peito, só devorando-te de beijos, poderia eu exprimir palidamente o que me vai cá dentro.

Ah, Purezinha, como te amo! Como cresce dia a dia o meu amor! Como se exalta, robustece, escachoa! Parece um rio em enchente, não ha margens que lhe bastem, inunda tudo, senhoreia-se de tudo. Amo-te cada vez mais, amo-te com a alma, com o espirito, com o coração, com os nervos, com os musculos, com as celulas.

Amo-te de todas as formas, a todos os instantes, de dia e de noite. Amo-te como um louco. Amo-te, ferozmente! Resumo o mundo em ti. Nada mais existe fora de ti. O sol, a terra, o céu, a luz, a cor, o perfume, a vida, a humanidade, tudo isso existe para cenário, para quadro do meu amor. O infinito és tu, a Eternidade és tu. A vida és tu. Deus és tu.

Purezinha! Purezinha! Se pudesses por instante sequer penetrar dentro de mim e ver como aí lavra em chamas desmesuradas o meu Amor... Mas, não podes, não podes imaginar sequer: só se me amasses do mesmo modo, o que é impossivel, impossivel... Ninguem no mundo jamais amou como eu...

Purezinha, Purezinha, Purezinha, Purezinha, meu Amor, minha Vida, minh'alma, meu coração, meu Ar, meu Tudo, adeus!

Abraça-te, beija-te, chora abraçado a ti, o teu, o sempre teu, o eternamente teu,

JUCA

P.S. Manda-me as notas, sim? E o diario? Vai por diante? Receberás esta amanhã; responde incontinenti, sim? Não posso passar sem as tuas cartas. São como o alimento da minha alma. Emagreço quando não as recebo. Morro, se as espaças tanto, como desta vez. Purezinha, meu Amor, minha vida...

(Taubaté, 1906)

PUREZINHA

Perco-me em conjecturas; não sei como explicar o teu demorado silencio.

Ha ja não sei quantos dias enviei-te um calhamaço de quinze paginas e em vão tenho esperado a resposta.

Dir-se-ia que não recebeste? Impossivel! Tencionava ir visitar-te, agora, mas a minha vovó tem passado muito mal, creio mesmo que esta no fim da vida. Não posso, portanto, sair — pois a coitada só tem a mim para olhar por ela. Melhorando, entretanto, irei. Mas escreve-me Purezinha, dá-me o imenso prazer de te ler, dize-me que me amas, inda que seja de mentira.

Miss Stafford⁽¹⁾ ia levar uma carta minha que ja estava escrita, mas como no dia em que ela foi eu tive que ir a São Roque, só voltando à tarde, perdi a portadora.

Adeus! Não te escrevo mais enquanto não obtiver resposta a minha ultima.

Mal contigo!

JUCA

(1) Miss Stafford: Diretora do Colégio Stafford, onde D. Purezinha lecionou.

(Taubaté, 1906)

PUREZINHA

Recebi hoje mais um cartãozinho teu, *daqueles*, no qual me explicavas a origem do teu grande silencio. Reconheço que o culpado sou eu que estou prometendo ir, ir, ir, e nunca vou. Mas tu não podes imaginar quanta coisinha, quanto negocio a liquidar tenho sobre mim. Alem do que estou em negociações dumas casas e terrenos e isso demora. Mas espero terminar tudo esta semana, a tempo ainda de, lá pelo sabado ou domingo, ter a felicidade de te ver.

Quando me lembro que vou para esse buraco que é Areias tremo e súo frio, pois isso vem afastar-me da minha adorada noivinha. Consola-me, porem, a esperança de breve remoção para melhores paragens onde melhor se conciliem os interesses economicos com os interesses sentimentais de nós ambos.

Pretendo passar ai uma semana, rente de ti, ouvindo tua voz querida, pegando-te na mãozinha palida e fria, essa mãozinha que me deste...

E lá, em Areias — só, sem ninguem — serei mais teu do que nunca, de modo que não terás motivo para entristecer. Aqui tenho a familia — lá, coisa nenhuma; e ao olhar para trás só poderei ver uma criatura: tu. Eu em Areias e tu em São Paulo: isso será o mundo para mim.

Tem havido retretas no jardim, com grande concorrença. Sempre que lá vou, ando pelo jardim feito boi tonto, à procura de qualquer cousa que dali fugiu. A musica, não a ouço com prazer — e prazer nenhum aquilo me proporciona. É que lá não estás, nem em mim existe a esperança de te ver de repente aparecer no bandinho das *Quirinos*. Como tudo muda de feição quando está longe o objeto amado! Hoje, meu prazer, meu divertimento, minha alegria, meu contentamento é estar onde tu estás. Tua presença é o bem, tua ausencia é o mal.

Adeus, minha adorada Purezinha, queira-me sempre bem como te quero, ama-me como te amo, que seremos o casal mais feliz deste mundo.

Abraça-te cheio de saudades o teu

JUCA
cheio de saudades

Taubaté, 15 novembro 1906.

PUREZINHA

Estou com a cabeça vazia de ideias — incapaz de te dizer duas palavras, por isso escrevo-te a cabo curto as tantas linhas necessarias para te contar que não morri, se bem que ande morrendo em pé de saudades da que é minha vida, paz, sossego e ventura.

Agravando-se-me o mal parto para aí, onde tu és especialista em curar a doença da saudade, matando-a. E se não o faço já, é que umas tantas cousas me retêm neste momento.

Recebi a tua de 9 com cinco dias de atraso.

Adeus. Um abraço bem apertado

Do TEU JUCA

Taubaté, 21.11.1906

PUREZINHA

Salve. Cá estou de novo afundado neste paúl em cuja lama só tua recordação e o convívio dos livros me impede de afundar.

Vim cheio de tristeza, carregado de saudades, a sonhar, a sonhar o dia feliz em que singraremos recem-casadinhos para as terras novas do Sul, trabalhando a quatro mãos no *crochet* da felicidade conjugal. Que bom será! Céu, agua — e nós, de mãos dadas, almas enleadas uma na outra, ligados pela mais absoluta comunhão de ideias, sentimentos, instintos, desejos... Que bom será! Viagem para *desmamar*...

Enquanto se espera esse tempo venturoso, porém, saibamos gozar da temporada de noivos como criaturas sabias, experimentadas e utilitárias. Não esbanjemos tão precioso tempo em arrufos, nem com histórias... Perto, imitemos os pombinhos que arrulam fazendo roda; longe, sejamos Abelardo e Heloisa cuja correspondência tem chegado até nós.

Correspondemo-nos mas não à moda de até agora — não cartas como as tuas (resenhas meteorológicas, noticiários, brevidade extrema). Idealizemos, teçamos toda nossa teia de sonhos na tal-

garça do futuro. Façamos poesia em prosa e até em verso. É tão bom escrever a quem se ama, é tão bom ler uma carta, uma confidencia de quem nos ama, de quem amamos...

Olha Purezinha, na vida de uma criatura se não depara duas vezes um periodo como o que atravessamos. Se não fizermos poesia agora, quando? Estou a ver-te dizer: "Nunca. Para que poesia?" — "Para que poesia?". Que pergunta, filhinha... Pois não é ela o aroma da vida humana? Vida que se não poetisa é arroz doce sem baunilha nem canela nem açucar: um mingau insípido...

Vamos ver, vamos ver se a Pureza se anima a cantar comigo um duo, o duo epistolar dos amantes separados. Vamos, um bom movimento! Começa lá!

Beija-te as pontinhas dos dedos

o teu amiguinho do fundo d'alma

JUCA

Taubaté, quinta-feira (1906)

BENZINHO

Aqui cheguei ontem, quarta, tendo estado ai ainda terça sem poder ver-te. Imagina, filhinha, que passei o dia (tendo ficado em S. Paulo mais um dia para isso) a procurar um ilustre cidadão com o qual absolutamente não podia deixar de *conferenciar*. De dia não houve meios de por-lhe a vista em cima; disseram-me, então, em casa dele, que só às 6 da tarde encontrá-lo-ia. Fui a essa hora e lá estava o homem. A conferencia durou duas horas e meia, com mais um gastozinho de tempo, de espera do bonde, disto e daquilo, cheguei à cidade às sete e tanto, sem tempo de ir ver a minha adorada Purezinha. De dia estiveste no colegio, e mesmo que assim não fosse dar-se-ia o mesmo, pois gastei quase todo o dia a andar atras do *introuvable*. E está ai explicado como pode um noivo passar todo um dia na cidade onde mora sua noiva, sem poder trocar uma palavra.

A minha viagem de ontem valeu ouro. Calcula voce que vim com o Rangel (o do Queijo), e que o Rangel vinha acompanhando a D. Barbinha, sua mulher. Esta D. Barbara tem uma singular ogeiriza por mim em virtude de uma carta que escrevi ao Rangel — noivo, dizendo cobras e lagartos sobre o casamento — troça minha. De maneira que era um problema eu viajar com o Rangel, ao lado

dela, sem que ela me conhecesse — tendo, aliás, o Rangel um retrato meu. Que fizemos? Combinamos então arranjar quem nos apresentasse dando-me outro nome e outra profissão. Assim se fez. Um tal Carvalho, adrede industriado, apresentou-me ao Rangel como o Dr. Feijó, lente de ginásio.

E assim viemos, tratando-nos ceremoniosamente. “Doutor” para lá, “doutor” para cá, a viagem inteira; fizemos as perguntas dos recém-apresentados: onde mora, de quem é filho, que idade tem, etc. Falamos no Lobato, que eu disse conhecer de vista, e metemos as botas no Lobato; ela não escondeu a antipatia que tinha por ele e explicou-me a causa.

Lá num certo ponto o R. disse-me: — “O Dr. conhece *Faites-lui des demandes*?, aluno do ginásio, um louro?” Compreendi o truque e pus-me a conversar com a Barbara, a contar casos e anedotas, etc. Ela simpatisou-se extremamente comigo e ficamos logo muito camaradas.

Ao chegar em Taubaté o Rangel disse a ela que tinha avisado o Lobato e era provável que ele estivesse na estação para dizer-lhe adeus. Ela fez uma careta dizendo: “Pois vai dizer adeus ao teu Lobato mas não me apresente nem me mostre a ele; não quero ver semelhante criatura”.

Nisto o trem parou, eu despedi-me e saí, e o Eugenio, que me fora esperar, veio cumprimentar o Rangel. A Barbara pensou que o Eugenio era o famigerado Lobato e escondeu a cara entre os braços. Nesse momento voltei de novo e dei-me a conhecer: foi um sucesso! A Barbara ficou vermelhinha como baeta e confessou que nunca supusera ser o Lobato tão amável como se mostrou, etc., etc. E assim terminou essa viagem, a mais divertida e curiosa que tenho feito. Representamos, eu e o Rangel, essa comédia tão bem como dois atores consumados.

Mando-te hoje um “Minarete” onde há um artigo meu. Estive ontem em casa das...: M. emagreceu bastante e está extremamente palida. G. disforme de gorda, com papadas. B. um vara-pau; a E. uma porta, um portão de bronca e tola. G. manda-te lembranças.

Escreve-me, Purezinha, escreve-me como combinamos, bastante, bastante que eu não tenho aqui outra coisa que me console e faça apreciar a vida que não as tuas cartinhas. Tu tens aí tudo: família; eu, nada; só tenho as cartas que me escreves.

Agora que estás em ferias, não tens mais a desculpa de tempo, não é? Escreve-me longamente, tem dó do meu isolamento.

Adeus, mil abraços e beijos do teu que te adora

JUCA

(Taubaté, 1906)

PUREZINHA

Explico-me: ante-ontem, tinha-te eu escrito a carta que junto a esta te envio e saia com ela para a deitar no correio, quando tópico com Dona J. que eu não via desde que vim daí. Ela fez-me uma serie de perguntas irritantes e depois falou mais ou menos assim: "O Sr. *não deve* escrever o que escreve a Purezinha" . . . "não sei que, não sei . . ." "o seu diario . . ." "nem tudo se diz . . ." etc., etc. . . Uma porção de cousas que me escapam, pois enchi-me de colera nesse momento e nada ouvi direito. Perguntei-lhe se tinhas lhe mostrado o diario. Respondeu evasivamente.

Ora, Purezinha, tu sabes que essa imbecilissima criatura, a mulher mais irritante e estupida que tenho conhecido até hoje, nunca me entrou na simpatia. Por mais que tenha feito nunca pude aturar a sua intoleravel boçal *suficiencia dogmatica* em todos os assuntos.

Ao ouvir de sua boca essas palavras subiu-me à cabeça uma onda de desespero, de horror à vida, de vontade de me sumir para sempre dentro de uma caverna. Pois mostraria Purezinha uma coisa tão intima, uma coisa saída de mim *unicamente* para ela, a minha noiva, a minha amada, a minha companheira de toda a vida? Pois mostraria Purezinha minha correspondencia a essa imbecilissima criatura? Oh! Mas se se deu isto, em quem ter confiança neste mundo, para quem abrir a gente o seu coração com segurança?

É horrivel, has de concordar. E vir ainda essa criatura, que é uma estranha para nós, e nem sequer ligada por parentesco de sangue, vir intrometer-se entre nós, querendo regulamentar segundo as ideias da sua lamentavel "tête de linotte" o meu modo de me dirigir a você, o meu modo de ser leal e franco, de abrir minha alma para que nela leias como num livro! É já isso insuporável a quem tem brio e dignidade.

E que será, que qualificativo dar a isso, como exprimir a magoa, o desespero ante a suspeita (que não contestas) de que foste tu mesma que assim lhe revelou o meu intimo, essa parte sagrada do nosso eu, que só a ti revelei naquele diario?

Ah Purezinha! Bem sei que és sensivel como nenhuma outra mulher, mas deixa-me que te diga: não ha homem mais sensivel do que eu. Irrito-me, desespero, com coisinhas de nenhum valor para os demais. Tenho a sensibilidade doentia, como tambem você. Essa historia da J., a suspeita de que lhe mostraste o meu diario, estragou-me a vida até hoje; ando *doente* de pensar nisso, de ver-me assim exposto nu aos olhos de uma estranha. É uma especie de pudor, é como se agarrassem uma menina recatada e a despissem em publico. É o que sinto ao suspeitar meu intimo conhecido por essa estupida criatura. Achas o fato de "pouca importânci". Põe o caso em ti: que dirias se eu desse a ler as tuas cartas (e nestas nada tem de intimo, como as minhas) ao Lulu, João Carlos, ou a um homem com quem não simpatizasses?

Não sei mais o que te escrevi, pois que o fiz sob uma impressão horrivel. Inda hoje não te posso escrever calmamente; vês pela letra, tanto e tanto me doi ainda pensar que mostraste minha correspondencia a essa estupida criatura. Não digas nada a ninguem deste fato, não o levemos por diante, fique entre nós, evitemos explicações e intrigas. Procurarei nunca mais encontrar-me com ela para evitar novos dissabores.

Adeus, responde-me *sinceramente* e não em termos empolados como fizeste ontem.

Do teu

JUCA

(Taubaté, 1906)

PUREZINHA

A tua carta de 31 só tem uma resposta e essa, infelizmente, não ta posso dar. Seria beijar-te as mãos com lagrimas nos olhos, seria apertar-te ao coração, seria chorar em teu colo. Que criatura estupida sou eu! Como sou indigno de ti! Deixar-me, num momento de colera, dominar pela suspeita e te censurar antes de

te ouvir! Que estupido, que estupido! Mas, impossibilitado de dar a resposta que merecias, espero que te contentara a que dou de longe.

Purezinha, esquece o que te disse e perdoa ao teu Juca que se alguma vez te causa desses aborrecimentos e te magoa é sempre levado pelo imenso amor que tem por ti. É tão grande esse amor que ele não comprehende uma terceira pessoa interposta entre nos; desde o inicio foi assim: já ao pedir-te a mão o fiz sem consultar a ninguem da familia, nem ao vovô, porque já não concebia a hipotese de imiscuir alguem entre eu e voce; o mundo, a humanidade inteira nada tem que ver comigo, nenhuma importancia, nenhuma influencia poderia exercer sobre mim no momento em que quis casar contigo. E assim é que comprehendo o amor; esses sentimentos pensados e pesados e medidos e discutidos, onde cabem todos os calculos, estão discutidas todas as hipoteses, onde intervem, com consultar os pais, a familia, os amigos — são simplesmente nojentos.

O Amor é uma coisa de dois, só de dois. É, então, a coisa mais nobre e elevada do mundo. Eu amo-te assim. Se fosse muito para te conseguir romper com tudo, desde a familia até com a sociedade — não vacilaria um só minuto. Por pensar e sentir assim é que me surpreendi dolorosamente com a historia da J. — Horror! — pensei eu — pois então amor la é coisa que se mostre aos outros como um vestido, um livro? E tomado de suspeita, irrefletidamente, acusei-te de lhe teres mostrado minhas cartas. Afirmas que não. Não é preciso mais. Creio cegamente em ti, porque te amo; onde ha amor não pode haver desconfiança nem suspeição; isto são cousas que destroem o amor. Varre de tua cabeça a ideia que suspeito de ti.

Ah, minha adorada Purezinha! Não calculas tu como após uma destas borrascas que de longe em longe aparecem a toldar o ceu do meu amor, não calculas como ele ressurge revigorado e viçoso! Nunca o senti tão grande, tão avassalador como hoje! Nunca te amei tanto como hoje. Nunca desejei tão ardenteamente ter-te ao meu lado, ja minha, para fundir minha vida em ti.

Tu és calma, tens um sentimento sossegado, podado como uma vinha, não podes comprehender o que te digo, o que é um amor selvagem, crescido livremente e sem peias, avassalador e enorme como o meu.

Tudo se me assemelha renascido e novo. Ante-ontem o mundo me era negro, o desespero, o tedium vitae morava dentro de mim. Hoje sinto-me leve, alegre, radiante. Tudo por tua causa, tudo

por termo-nos de novo dado as mãos após um *malentendu* de uns dias.

Queres-me como te quero? Dize, dize-o sempre em tuas cartinhas pois tenho necessidade disso como de ar para os pulmões.

Purezinha, minha amada Purezinha; tenho em minha frente teu retratinho que beijo comovido e cheio de dolorosas saudades, anseio por faze-lo ao precioso original. Sonhei contigo a noite inteira, mas sem brigas.

E tua cabecinha? Passou a dor? Um conselho: nunca tomes remedio para isso (migranina, antipirina, fenacetina, etc.) são uns venenos. Procura saber a causa da dor e evitada a causa sumir-se-ão os efeitos. Tu continuas tomando remedios?

Adeus, Purezinha, meu bem, minha vida, meu tudo; perdoa ao teu

JUCA, não?

P.S. Leão Godoy é o Rangel; muito parecido comigo, não? Fui hoje ao mata-fome de bicicleta com o Eugenio; o arroz já esta nascendo. Vens em Dezembro? Se vieres has de ir ver o *nossa* arrozal.

Taubaté, 26.1.1907

PUREZINHA

Nunca senti tão imperiosa a necessidade de já estar casado, como nestes ultimos dias. Infelizmente o casamento não é facil como a conquista das Galias, não se chega, ama e casa. Tudo custa, tudo requer uma luta acirrada, nesta epoca miseravel de crises e quebradeiras.

O meu negocio de Rio Preto caminha lentamente e inda está em estado de nenhuma confiança poder eu ter nele. Tudo isso me desespera em extremo, toda demora, toda delonga, porque o desejo de me unir para toda a vida à minha incomparavel Purezinha é tambem extremo.

Estala-me o coração cada vez que penso em ti e vejo correrem os dias, dias que nos são roubados à nossa Felicidade — pois cada dia que se passa enquanto estamos separados é um dia roubado ao periodo feliz em que viveremos unidos

"tua cintura em meu braço
meu beijo em tua boca em flor"

E tão insuportavel fico, sob a pressão destes, que não falo com pessoa nenhuma, fujo de todos, não leio, não escrevo, não faço coisissima nenhuma e se faço é tão desastradamente que melhor fora não o fazer. Inda ontem a Judi deu-me uma carta com 40.000 dentro para registrar no correio. Pois vou ao correio, selo a carta e meto-a na caixa, sem registrar, sem nem sequer fecha-la...
E lá se perdeu o cobre.

E que não me sai do espirito o intoleravel da minha situação — querendo mil cousas e podendo nenhuma. Mas hei de vencer, e então, juntinhos, te contarei minha vida deste periodo de transição, periodo intoleravel que não deixará saudades.

E tu, benzinho, porque não me escreves, porque não me alentas com tuas preciosas palavras? São tão boas, fazem tanto bem, acalmam tanto as palavras que vem de ti... Escreve-me Purezinha, da-me o balsamo e conforto das tuas cartinhas...

Um milhão de beijos e abraços do teu

JUCA

Taubaté, 30.1.1907

PUREZINHA

Hoje era dia de te surpreender com a minha visita, o que não fiz devido à necessidade de estar aqui amanhã, 31 e no dia 2. Amanhã é porque casa-se o Zé Benedicto⁽¹⁾; no dia 2 por causa das eleições. Entretanto, se não fui hoje irei a 3 ou 4, matar o enxame de saudades que tantas semanas sem te ver fizeram nascer dentro de mim.

Que reboleço em casa da Guiomar! O Bastos, mamão e moleirão como é, teve um faniquito ao ver o vestido de noiva, e foi para a cama chorando. O Zé Benedicto indignado com a apatia de todos da casa, que conspiraram para novos adiamentos, afim de reter Guiomar por mais algum tempo, *fica perú*, como diz D.

(1) Zé Benedicto: José Benedicto dos Santos, que se casou com Guiomar Bastos.

Adelaide⁽²⁾ , e impõe: ou casa a 31 ou não casa mais. Essa energica resolução faz que, *realmente*, desta vez, o encantado casamento se realize amanhã.

Bentinho pacientemente espera a vez, devorando com olhos ternos a magreza romanticamente palida da Mercedes⁽³⁾ , que segue 2.^a feira para Santo Antonio do Pinhal.

Fora disso ha a inesgotavel *papotage* de vesperas de eleição. Os boatos circulam, as novidades brotam do chão, e logo que surge um fato novo desenvolve-se no povo uma ansia nervosa de *contar*, mas *contar primeiro* que os outros. É esse o grande prazer, *contar* antes dos outros.

A saida do Affonso da delegacia deu assunto para a semana inteira e inda está na ordem do dia.

E às vezes sucedem fatos interessantes. Ontem, por exemplo, eu soube de uma *novidade* e contei-a ao vovô. Hoje, ao almoço ele repetiu-ma *ipsis-verbis*, dizendo que a ouvira não sabia de quem. Eu achei graça e fiz-me de achado, fingi que ainda não a sabia. Amanhã vou contar-lha de novo. Não é divertida uma epoca destas? O unico refugio meu é o Eugenio — esse não conversa *muito* politica, mas simplesmente o *quantum satis*.

E fora disso o que ha é uma velha mania que ressurgiu de novo, qual seja a de filatelia. Retomei minha velha coleção de selos e continuo-a. E tu, como noivinha, ficas sendo minha colaboradora. Para começar tens de me mandar (se é que os guardaste) uns selos do Pan-Americanico que foram nas cartas que te escrevi. E depois, para continuar, concertaremos um meio de você remexer a papelada velha da vovó, que deve ter muito selo velho. Conversaremos sobre isso ai.

Estou arriscado a — enquanto espero a vaga de Ribeirão Preto — ir dar com os costados na promotoria de Caçapava. Mas... bico. O segredo é a alma do negocio.

E adeus. Espera-me a 3.

Do teu, eternamente teu

JUCA

(2) D. Adelaide: mãe de Guiomar Bastos.

(3) Mercedes: Mercedes Bastos.

Taubaté, 27.2.1907

ADORADA NOIVINHA

Soceguei finalmente e posso te escrever sem pressa. Uff! que dias atribulados! O inventario da vovó, o Pathapio, o Mario⁽¹⁾ a telegrafar, a escrever sem treguas, um concerto aqui em casa, no dia seguinte outro no Hotel Central, e mil coisinhas mais... Para cumulo de caiporismo a Dona J. está cá e foi tambem ao concerto. Evitei-a cuidadosamente para não ser arranhado. Entre nós mediava sempre uma distancia de dez passos, mesmo assim houve entre nós o seguinte e interessantissimo dialogo:

J.: — “O sr. está magro.”

Eu: — “E a snra. está gorda.”

J.: — “Não estou, não.”

Eu: — “Está.”

J.: — “Não estou.”

Eu: — “Está.”

J.: — “Não estou.”

Eu: — “Está.” E durou a teima cinco minutos, talvez! Depois, na rua, como saissemos juntos, ela, as meninas, a Valdemira, tivemos um pega danado — e eu, que inda tenho a cena que se deu cá em casa atravessada na garganta, aproveitei da ocasião e do lugar para ser aspero a contento. Era a proposito do espirito de Therezinha.

— “O Sr. tem uma prima muito espirituosa.”

— “É verdade, tem o espirito que falta a muita gente.”

— “O sr. gosta muito dela.”

— “Gosto, quando *esbarra* certos invejosos.”

Ai pegou fogo e as palavras pesadas cruzaram-se no ar, eriçadas de ironias, como um carrapicho. Bem, separamo-nos; ela caminhou na frente com a Judi⁽²⁾ e eu atras com Teca e Valdemira. Fomos assim até a casa de Judi. Ai, na porta, à despedida ela voltou à carga.

— “Boa noite, o Sr. é muito espirituoso.”

— “Muito é bondade sua, mas o suficiente para distinguir entre quem o é realmente e quem o pretende ser.”

— “Olhe, eu vou intrigar o Sr. com Purezinha, vai ver.”

— “É inutil, suas intrigas não pegam, todos já a conhecem muito bem.”

(1) Pethapio e Mario: amigos do Visconde.

(2) Judi: apelido de Judith, irmã de Lobato.

- “Eu não sou intrigante, não, nunca andei intrigando.”
- “Não era o que dizia a sra. ha tres segundos atraz, intrigando a si propria.”
- “Deixa estar, vou abrir os olhos de Purezinha.”
- “É inutil; entre o que a snra. diz e o que eu digo, a minha noiva não vacila mais.”

Separamo-nos. Eu entrava em casa. Ela, que ia a dez passos voltou-se e repetiu.

- “O Sr. é muito espirituoso.”
- “Infelizmente não posso lhe dizer o mesmo” — rosnei “O megera!”

Mudando porem de assunto. Minha nomeação deve sair esta semana; creio que é às quintas-feiras que o Secretario da Justiça despacha com o Presidente; nesse dia então, será assinado o decreto. Irei, logo depois disso visitar-te antes de afundar para o degredo.

Purezinha, ando morto de saudades e estas avivaram-se cruelmente ontem no concerto quando o Maestro Leal tocou a tua valsa: “Quando o amor morre...” Fechei os olhos e revi-te pela imaginação, sentadinha ao piano — palida e loura — dedilhando calma e indiferentemente a musica deliciosa. E desse doce estado d’alma fui despertado por um comentario de Dona J. Acordei, como se me tivessem esfregado no nariz um papel de lixa — e foi-se o encanto misterioso da valsa.

Tenho mil coisas a contar-te mas só quando estivermos juntos poderei dar vazão à enchente de sentimentos que me inunda a alma.

Adeus, minha pombinha! Abraça-te cheio de saudades e amor o teu

JUCA

P.S. Mando-te finalmente o horrivel retrato de que fazes tanta questão.

(Taubaté, 1907)

PUREZA, MEU ANJINHO

Não tens motivo de ficar sentida comigo porque não sou tão culpado como supões. É verdade que concertei contigo passar o

Carnaval ai, mas sucede que coincidiu com ele um periodo decisivo na arrumação da minha vida, de modo que vi-me forçado a perder um carnaval para ganhar uma promotoria. Como sabes, o Barros foi removido para Areias e como não aceitou tal remoção, prometeu-me dar a mim, para levar para ai, o oficio no qual renuncia o lugar. Prometeu dar-mo no dia 11, o que não fez, deixando para amanhã. Se o fizer com tempo de eu apanhar algum trem irei amanhã mesmo passando contigo o finzinho do Carnaval; se não der irei depois de amanhã.

Eis o porque, filhinha do coração, não cumpri minha palavra.
Estou desculpado, não?

Do TEU JUCA

P.S. O Barros acaba de me mandar o oficio; sigo pelo rapido, devendo estar em tua casa ai pelas sete horas; espere-me.

JUCA

Areias, 28.3.1907

PUREZINHA

Tencionava escrever-te hoje uma carta bem comprida, dando-te conta do que é esta Areias onde me acho encaixado desde as 11 horas, mas impede-me de o fazer o excessivo calor que faz (29º à sombra) e um subito mal-estar que me atacou. Não sei se a agua, ou o fumar em excesso, ou a comida do hotel, ou o que quer que seja — o fato é que estou a suar em bicas em nauseas e...

Areias 29

São 6 horas, levantei-me cedo para te escrever ainda com tempo de apanhar o correio que parte daqui, ao trotar sossegado de um matungo, as 7 horas. Ontem não o pude fazer, senti mal e deitei cedo. Mas ja sarei. Areias é bem melhor do que me faziam esperar as pinturas hostis com que ma descrevera o Barros e outros. É dessas cidades que outrora foram grandes mas que decaíram flageladas pela febre amarela e anemia dos cafezais.

Veem-se os casarões enormes, como não os ha em Taubaté, de dois e tres andares; de vinte, trinta janelas e portas! Um deles, que visitei ontem, antiga residencia dum Capitão-Mór-Leme, é um verdadeiro palacio que valeria, situado em São Paulo, seus 500 contos folgados. O aluguel desses casarões é uma ninharia, dez, quinze, vinte mil reis!

Já conheço um bandão de gente. O juiz Dr. Hermogenes Altenfeld é o moço mais inteligente e distinto que se possa conceber. O delegado, Carlos de Barros Monteiro, chegou ha quinze dias; é um moleirão que vive a dormir.

O meu hoteleiro é uma delicia de homem. Comendador da Ordem da Rosa, sargento da Guerra do Paraguai onde esteve quatro anos e entrou em cinco batalhões que ele descreve, na salinha de jantar, enquanto eu mastigo, com um entusiasmo belicoso que faz lembrar a gente de Tarascon. É um tipo baixo e magro, o queixo enfeitado duma barbica marcial, um bone na orelha, muito tesinho e rijo. "As nossas forças marcharam pela retaguarda do inimigo... Subito um clarim soou: tá tá tá e o tambor deu ordem de marcha: prrra, pá pá, prrra, pápá... Os buques paraguaios deslizaram rio abaixo... Ouve um tiro: pum!... E foi logo uma descarga unica: pum, pum, pum". E vai por ai alem, onomatopeia viva, relíquia historica de valor, mas um tanto cacete, enquanto o fregues lhe morde os bifes duros e o ovo es-tralado "à la paraguaia".

So ha um chuveiro na cidade, no tal palacio do Capitão-Mór que já te falei, e como lá reside um viuwo sem familia, ha verda-deira romaria, de manhã, ao banheiro do homem; o delegado, o promotor, uns moços comerciantes que moram perto e outros aflu-em à porta do banheiro, esperando a vez. Vim de lá agorinha mesmo, limpo e refrescado.

Quanto ao mundo feminino não te posso ainda dar nenhuma informação, mas sei que é numeroso e seletivo. Hoje ha dança em casa do chefe — o Comendador Julio Sampaio e sei que ha entre as meninas vivo desejo de me conhecer. Ja andaram indagando do Delegado se sou noivo... Felizmente ele ignorava e não pôde dar nenhuma informação precisa...

O hoteleiro, parece, ja sabe, e o hoteleiro é a gazeta, é o jornal da terra, de modo que estou bem arriscado a não conseguir uma unica namorada. Que tristeza, hein, Pureza?

Escreve-me, e conta quando tencionas vir a Taubaté. Já ando doido de saudades tuas e louco de desejo de repetir aquela cena que tanto te zangou.

Escreve-me bem longamente que aqui em Areias o prazer que eu posso ter é a esperança de receber cartas de minha adorada noivinha.

Do teu

JUCA

Areias, 29.3.1907

MINHA BONDOSA RETICENCIA

Nove horas da noite, de uma noite de luar esplendoroso, desses que convidam-nos a enlaçar o braço na cintura da criatura amada, e sair pelas estradas vazias, a sussurrar palavras de amor e a dizer versos de Bilac...

Defronte de minha sala fica a igreja, um vulto branco e frio estampado no azul escuro do céu. Esta cheia de povo, com molecada à porta na algazarra de costume. Acaba de entrar a procissão do enterro. O pobre do Cristo foi de novo enterrado, com toda a pompa, cantorias da Madalena desgrehnada, musica fúnebre e fieiras de opas segurando cirios. Que teima! O povo não cessa de enterra-lo e ele não cessa de ressurgir. Quem cansara primeiro? É o caso da J. e do Juca.

A N. foi a filha do Chefe, a moça mais bonita do lugar mas de cuja boca é difícil arrancar duas palavras. É dessas cujas paletas giram em torno do calor, do tempo, do tempo e do calor. Assim mo disse o delegado por que inda a não conheço. Talvez amanhã lhe seja apresentado pois é amanhã o dia do baile. Se me desses licença namora-la-ia escandalosamente. Dás?

Hoje tive uma visita, a primeira; e sabe de quem? do barbeiro local! Veiu pôr à disposição do meu queixo a sua afiada navalha. Condições: serviço feito em casa do fregues, duas barbas por semana, dois cortes de cabelo mensais, preço: 3.000 réis!

Tudo muito bom e barato; não obstante, Areias é uma calamidade. Só nela existem tres coisas que deixam saudades a quem sai: o Dr. Hermogenes, a cadeira de balanço dos Miller e o banheiro do Sr. Carvalho.

A nossa vida aqui é curiosa; temos duas caras; uma para os Areanos, outra para nós mesmos. Para aqueles vivemos a gabar-

-lhes a cidade, o povo, a vida social, etc.; entre nós, quando ninguem nos ouve, rompemos os diques do desabafo e damos para o diabo Areias, areanos e o mais.

Dei um passeio à tarde pela cidade inteira e o povo se apinhava nas esquinas e o mulherio nas janelas para *olhar* o promotor. Fui e sou olhado como um bicho raro, como aquele camelo que no Rio passeia pelas ruas anunciando a agua de Caxambu. No 1.^º dia sai de casa vestido corretamente, mas hoje principiei a relaxar; apesar de ser sexta-feira Santa sai de calça de brim, sem colete e sem punhos. O calor tem sido feroz. Hoje tivemos 30º à sombra. Apesar de tudo isso as saudades crescem. Chamo à memória a tua imagem querida e me fico a relembrar de ti.

E tu? Inda me queres? Ja se apagou a impressão terrível?

Adeus! Escreve-me, pois que é um gole de vida e coragem para mim o receber uma cartinha tua.

Mil beijos e abraços de teu

JUCA

Areias, 2.4.1907

MINHA ADORADA NOIVINHA

O correio chega às 4 horas, nas costas de um burrinho; às 4:30 principia a distribuição, e como não ha carteiros cada um vai chegando e tomando lugar na agencia; o agente, um velho de oculos, "seu" Eugenio de Moraes, lê, então, o sobrescrito:

- "Sr. Dr. Promotor!"
- "Presente!"

Com que febre estendi a mão para as duas unicas cartas que o agente me apresentou. Uma era do Eugenio, a outra... Purezinha, se em Taubaté as tuas cartas me eram um grande prazer aqui são o *unico* grande prazer que posso ter. Li-a na rua e reli-a em casa e neste momento, à medida que vou escrevendo, "choco-a" de instante em instante com o olhar saudoso. Aspiro o leve perfume que a aromatiza e esse perfume me penetra o olfato da alma e fala-lhe de ti eloquentemente. Que mundo, uma cartinha tua! Que prodigo, esse, de uma simples folha de papel cheia de caracteres ortograficos enebriar os sentidos, embriagar a

alma, falar aos olhos, ao olfato, ao espirito, reavivar a saudade, vitalizar a Esperança! Tanto consegue o Amor!

Sabado tivemos o animado baile que foi uma surpresa. As moças dançaram todas com perfeição. Há uma, Amalie Sampaio, que é a flor da cidade e um silfo na dança. O baile foi nosso, meu e do Carlos de Barros Monteiro, delegado. Dançamos com todas elas uma por uma, dissemos-lhes os galanteios do estilo e demos um sortão. Da minha parte confesso que o devo exclusivamente a ti que me ensinaste a dançar. Houve brinquedo de advinhação; duas sortes, uma dele, outra minha. Não calculas a nossa cotação. Somos figuras importantíssimas e acatadíssimas. Moramos juntos num grande sobrado com mais dois excelentes rapazes fluminenses que tem loja de fazenda aqui, Samuel e Ismael Miller. Uma verdadeira república que tem estado constantemente cheia de visitantes. Inda há pouco cá se achavam reunidos o Comendador Julio Sampaio, chefe político, o Sr. J. M. Carvalho, a primeira fortuna do lugar, um professor público e o Comendador Marques um hoteleiro.

Outras vezes reunimo-nos à noite em casa do Dr. Hermógenes, o juiz de Direito um distintíssimo moço que é adorado no lugar.

A sociedade é restrita mas bem boazinha. Casado, eu teria a coragem de morar aqui. Mas como estou, arcando com o peso das saudades de minha adorada Purezinha é impossível.

O pico do Itatiaia fica muito perto daqui, de modo que já projetei e está em caminho de realização uma subida às Agulhas Negras ponto culminante do Brasil⁽¹⁾. Há la neves eternas... Vê só que delicia não será esse passeio. Infelizmente fa-lo-ei sem você, mas nem que cá estivesses não serias companheira para ele. És tão *mimosa* para andar... A ladeira de Santo Amaro cansa-te tanto... Tínhas coragem de subir a 3.000 metros acima do nível do mar?

Adeus meu adorado bem, escreve-me o maior numero de vezes que puderdes; lembra-te que são tuas cartas tudo para mim e que as espero e as leio ansiosa e febrilmente. Um milhão de abraços e beijos do teu, só teu, sempre teu

JUCA

(1) Engano comum, à época.

Areias, 3 (1907 - Abril)

PUREZINHA

Hoje recebi carta de Taubaté dando como certa a ida do Cursino⁽¹⁾ para um juizado — o que quer dizer que duma maneira ou de outra vou deixar Areias. A notícia encheu-me de tanta alegria que me pus a cantar. Mas depois veio uma vaga tristeza. Ja tenho amor a esta adoravel cidadezinha, a este povo tão bom, tão cavalheiro, tão meu amigo.

Areias é uma familia grande onde todos vivem modestamente mas unidos, amigos uns dos outros. E ha cá pessoas das quais dois nos afastarmos. O Julinho é uma delas. Contando-lhe ainda ha pouco a minha breve retirada vieram-me lagrimas aos olhos.

Que pena não ter Areias estrada de ferrol Tivesse-a eu prolongaria a minha estada aqui, mas casado. Queria tanto que conhecesses Areias... Mas deixe estar, um dia voltarei a visita-la, trazendo-te comigo.

Inda não me foram concedidas as ferias requeridas e espero-as a todo momento. Irei então a Taubaté, onde passarei um, no maximo dois dias, e os restantes emprega-los-ei ai, tratando da minha remoção e adorando-te, na forma do costume.

Espero que inda este ano nos casaremos. Não suporto mais a vida de solteiro. Ontem passei sem dormir ate a madrugada, preso de insónia, e meu pensamento não te abandonou um momento. Recordei minuciosamente o nosso passado e entrei futuro a dentro idealizando uma vida em comum. Como havemos de ser felizes, eu com o temperamento afetuoso que tenho, tu com o admiravel equilibrio moral que te caracteriza.

Nada de impaciencias, esse tempo feliz espera-nos para breve. Ter a minha casa, a minha mulherzinha, é o meu sonho, a mim que ha tanto tempo vivo só, isolado, como um pária. E que boa não serás tu, e que rainha não serás dentro da *nossa casa!* Enternece-me o pensar nisso. Purezinha, a minha Purezinha, a minha adorada Purezinha a andar pela casa, como um grande lirio branco, de amentalzinho de renda creme...

E os longos tête-à-têtes, abraçadinhos, mudos, as almas a esvoaçarem unidas, no mesmo sonho, no mesmo desejo, no mesmo ideal... E o nosso celebrado castelo da Felicidade construido enfim...

(1) Luís Cursino: cunhado de Lobato, casado com D. Judith.

Purezinha, estou tão emocionado, tão *mole*, que não posso continuar. Vou sair, tomar um pouco do ar frio da noite, para afugentar esta vontade de chorar que me põe nós na garganta.

Adeus! Abraça-te longamente e depõe-te nos labios um beijo profundamente amoroso, o teu saudosíssimo

JUCA

Areias, 8.4.1907

PUREZINHA

Ha 3 dias que penso no como te hei de escrever hoje... e não acho jeito. Ha 3 dias que vivo como o homem que, subitamente, sem saber como, perdeu o emprego; como o que vê de brusco a sua carreira cortada, o seu futuro estragado; como o que levou forte pancada na cabeça. Não sei o que pensar, nem de que modo pensar... Estou desnorteado, apatetado. Porque? Como dize-lo? Sonhei. Tive um sonho horrivel. Achava-me ai, em tua casa, mas incognito, invisivel. E surpreendi a minha noiva afirmando que não o era; tratando-me com tanta indiferença, tão pouco caso como se um estranho lhe fosse.

E ouvi ironias e má vontade dos que rodeavam minha noiva. E senti uma indisposição latente e geral contra mim... E de quem, depois de ti, mais minha amiga devia ser, ouvi remoques e glacial indiferença pressenti... E eu, louco de desespero, me perguntava espantado: "mas porque? Que fiz eu? Que talismã funesto trago em mim que transforma em J.⁽¹⁾ hostis as pessoas que me rodeiam? Será possivel que se seja uma e ao mesmo tempo duas? Que se diga e desdiga? Esfingel... Mas não haverá almas inteiriças, puras como o cristal e transparentes como ele? Será no mundo tudo falsidade e mentira, será tudo ouro Montana, não existirá mais ouro sem liga?"

Esses pensamentos atrozes pensava meu cerebro em sonho, e pensava-os dolorosamente... Acordei e (cousa curiosa!) o sonho mau não se dissipou da memoria como acontece com os sonhos bons. Permaneceu nela, vivido, incisivo como uma realidade, nítido como se o gravara o buril acido da verdade vivida. E desde

(1) J.: a pessoa a que se refere na carta que aparece à pag. 32 d'este volume.

esse momento até este, em que te escrevo, a impressão dolorosa não cessou um instante sequer de me obcecar, cauterizante, nevralgica.

A tua carta do dia 6!... Recebi-a, li-a, reli-a, maquinalmente, sem interesse, como leria uma carta de romance. Por que? Por que fugiu de mim a febre de felicidade que me escalda o sangue quando tenho entre as mãos uma carta mensageira do pensamento dela? Porque, inconscientemente, comparava... meu coração comparava... comparava duas criaturas distintas, a do sonho mau e uma outra, a do sonho bom... Sim, a do sonho bom, porque não será tambem uma criação do sonho, essa que eu adoro? E a duvida, essa quinta-essencia do mal, apoderou-se de mim. Tudo sonho! Onde a realidade? Qual a realidade? Como conhecer a realidade?

Purezinha, ha sofrimentos morais tão finos, tão sutis, ha fios de dor tão misteriosamente *insaisissables*...

Não me responda acoimando-me de enigmatico. À *bon entendeur, salut*... Arranque da tua sinceridade o maximo de que ela for capaz; responda-me com franqueza absoluta; faça um esforço e seja sincera até a crueldade, seja desastradamente sincera, reveladoramente sincera.

Adeus! Fico sem viver à espera dessa resposta, pois que não é viver, viver a vida minha destes tres ultimos dias.

Adeus e crê que eu valho mais do que muita gente pensa.

JUCA

Areias, 11.4.1907

PUREZINHA

Era intenção minha escrever bastante longamente, contando mil cousas referentes à Minha Saudade. Mas o homem põe e a Influenza dispõe. Vim baleado dai e mal tenho animo de te enviar esta, tanta é a moleza e a febre. Cheguei hoje, sabado, e com grande decepção ouvi do Juiz que não havia mister da minha presença podendo ter ficado ate segunda-feira. Calcula o meu desespero!

Breve, porem, terei uma temporada comprida onde veremos diariamente reproduzir-se aquela hora de enlevo inigualavel de Felicidade Suprema que ai gozamos na quarta-feira.

Se eu estou doente tu não o estás, por isso escreve longamente, conta-me cousas mil, fala do teu amor e do nosso futuro.

Inda hoje me dizia o Dr. Hermogenes: "Que feliz esse periodo de noivado! Não ha outro." E eu pensava cá dentro: "e se tu a conhecesses, então, o que dirias?"

Adeus meu bem, minha filhinha, minha Pureza idolatrada, meu Amor, minha Vida. Aceita a ternura inteira do teu Juca. Um abraço e um beijo sem fim.

JUCA

Areias, 12.4.1907

PUREZINHA

Como eu previa a tua resposta à minha ultima em nada a respondeu, e a perplexidade, o desalento, a duvida, o desespero que me faz sua presa ha dias continua senhor de mim. Sempre a mesma impenetrabilidade, a mesma reserva fria e literaria. Não consegui, até hoje, ser para ti um amigo digno de ouvir confidencias, não me concedeste a felicidade de me fazer tu'alma transparente como um cristal.

Nunca uma pergunta minha teve uma resposta como as cria a intimidade. E não teve melhor sorte a minha derradeira carta. O que dizes nela? Se não receasse ofender-te diria que coisa nenhuma, sob aparencias literarias. Dizes que detestas a intriga e não estás acostumada a viver no ambiente dos diz-que-diz-que. Bem formada como é tu'alma, escusavas afirmar tua execração por semelhante mal.

Inutilmente te pedi que me entendesses e me desses a resposta no sentido em que eu a necessitava. Fingiste não me ter compreendido porque para isso seria mister abandonares a tua querida reserva hieratica que constitue teu *habitat*.

Censuras-me a falta de confiança... Quem ama, então, pode lá ter confiança? Amor e confiança podem coexistir? O amor é uma duvida, uma desconfiança, um ciume de todo o instante. É o medo de perder o objeto amado, o medo de que o roubem, o medo de que ele fuja. E queres, e exiges confiança absoluta de mim quando eu nem sequer conheço uma palavra do enigma, do misterio que

é tua alma? Purezinha, Purezinha! Tu me enlouqueces, tu me enlouqueces como um enigma indecifravel...

Horror! Que vida a minha... Sinceramente te digo que receio um transbordamento. Parece que tudo se me acaba em redor. Não vejo ponto fixo. Meu ponto fixo, a mira da minha vida, Purezinha, essa Purezinha sem a qual não comprehendo nada da vida, não comprehendo o mundo, não comprehendo a natureza, Purezinha, essa criatura que é um segundo *Eu*, que vive ao lado do meu antigo *Eu* e que eu faria loucuras para ter como minha — essa foge-me, não se entrega, faz-se impenetravel, ilude-me todos os esforços para bem comprehende-la... Porque, Purezinha? Porque? Peço-te franqueza, dás-me reserva. Peço-te sinceridade, dás-me frases vagas e genericas. Peço-te intimidade, camaradagem, amizade de amigo intimo, dás-me um eterno convencional. Já é tempo, já é mais que tempo de me mostrares teu intimo e de seres minha amiga intima.

O que irás me responder apôs a leitura desta?... Apegas-te a uma frase, ao sentido literal da frase e encadeias por ela a resposta; deixas de parte o sentido, a alma da frase, justamente o que é meu pensamento, justamente o que requer resposta... Já sei que é assim. Já perdi a esperança de merecer tua franqueza, tua sinceridade...

Purezinha, eu te escrevo chorando...

JUCA

Areias, 18 (1907 - Abril)

PUREZINHA

Que te hei de dizer? Ha tanta cousa a borbulhar-me n'alma... Mas tudo quanto ha nela de impreciso e vago e inexprimivel, uma palavra só a diz... Lerás, porem, nessa palavra um mundo de sinceridade e verdade que ponho nela ao lança-la ao papel?

Purezinha: eu não sei de nada, não quero saber de mais nada, acabaram-se as intrigas, o incidente nefasto, não sei mais o que te disse, só sei, só sinto, só posso te dizer uma cousa: é que o meu amor por ti nunca foi tão grande como agora. Amor e dor... Não ha amor sem dor; e agora que sofri horrivelmente e agora que chorei por tua causa e vejo-te tambem chorando, sinto-me inun-

dado por uma luz estranha e de infinita intensidade. Vejo que me amas e vejo que te amo como nunca amei, como é impossível amar. Que importa o resto? a intriga, os outros, o mundo, as perfidias, os malentendidos? Só vejo na minha frente uma imagem: você. Só sei uma cousa: que me amas. Só posso te jurar uma cousa: que amo loucamente, que amo com raiva e desespero.

Que te disse na ultima carta? Não sei nem quero saber. Amo-te! Amo-te perdidamente. Só quero a ti, só penso e sonho contigo. És todo o meu desejo, o meu futuro, a minha vida. Fora de ti, Purezinha, fora do teu amor nada existe no mundo. És para mim como o sol para a Terra: a fonte de tudo; fugires de mim e eu seria uma noite escura, impenetrável.

A tua carta destruiu todas as duvidas que se aninhavam dentro de mim. Foste como te pedi que fosses. Abriste-me a alma, deixaste escapar um grito de dor — e, deslumbrado, vejo-me de joelhos, chorando, diante dela. És como eu sonhara, não me enganei, Purezinha é a Purezinha dos meus sonhos, é a Purezinha do meu Ideal. Com ela é possível a Felicidade Perfeita nesta vida. Se é verdade que o esconde, é tambem verdade que possue um coração de ouro, uma alma sem par — e esconde-a porque deve esconde-la; tesouros desses não podem andar à mostra. O meu grande medo foi sempre que, como o deixavam ver as aparencias, tivesse um coração incapaz de sentir a gama inteira dos sentimentos. Parecia-me que alem dum grau medio de amizade e amor não ia ele alem. E isso me enchia de desespero. Agora vejo que não; ele possue todas as cordas que o meu possue e ambos podem vibrar juntos, unissonamente, durante todo o curso de uma vida. Não ha mais que recear uma dissonancia sequer. Mas que horror Purezinha, você só deixar-se ver por dentro, e só te abrires para comigo forçada pela dor, pelo sofrimento!... Por que não o fizeste antes? Que avareza estranha, a tua...

Purezinha, se ainda não estamos legalmente casados, nada impede que nossas almas estejam entrelaçadas com a maior estreiteza possível. Já não temos direito de ser dois. Somos uma só criatura em dois corpos. É o meu sonho. Que absurdo esperar que o tabelião garranque um papel diante de testemunhas para nos ligarmos como o Amor manda e quer. Aproveita a ocasião, já que abriste-me tu'alma não a feches mais; deixe-a morar junto da minha, vivendo abraçadas, respirando o mesmo ar. Purezinha, a felicidade é isso. A Felicidade é compreender e ser compreendido — e quem podera melhor te compreender que eu? E quem melhor a mim que você? Nunca comprehendi o amor com restrições. Quem

ama entrega-se, dá-se de corpo e alma. O amor que não procede assim é tudo menos amor. Somos dois atomos no turbilhão monstroso da Vida; um de O. e outro de H. O amor deve anular-nos; não deixar subsistir nem H. nem O. mas sim um 3.^o corpo que participe de ambos, que é a fusão de ambos. Em química há combinação e mistura. No Amor só há fusão.

Purezinha, não sei exprimir-me com a nitidez que penso, mas conto que me auxiliaras com tua compreensão preenchendo as lacunas do que procuro dizer. Compreende-me e ama-me assim — pois esse é o caminho único da felicidade. Toda uma vida depende disso.

Que magoa me deram tuas cartinhas! Falavam de tudo, menos da única cousa que interessa à ansia do meu sentimento: o teu amor. Falavam de festas, de visitas, disto e daquilo: do teu amor nem palavra. Qual a conclusão a que eu era arrastado? Que esse amor era um amor pro-forma, pequenino, raquítico, convencional de salão. Uma a uma todas as tuas cartas conformavam essa ideia. Vieram as cartas das minhas irmãs... Que conclusão tirar? Ligando uma cousa a outra podia eu concluir de outra forma? E essa conclusão a que eu chegara, chegaram elas também: ante a tua reserva não viram reserva e sim frieza para comigo e a muita amizade que elas me têm levou-as a interpretar daquele modo teus sentimentos. Não as crimes; pois é de admirar que elas, estranhas, explicassem tua frieza por aquela forma, quando eu também a compreendi assim? Em todo o caso se não quiseres compreender o fato deste modo (que é o prisma verdadeiro, juro-te, com o conhecimento que tenho dos sentimentos de Judi e Teca) peço-te que fique o incidente enterrado dentro de nós e nunca transpire.

Que dias tenho passado! Essa dor que sentiste e comparaste ao abrir do castelo da felicidade erguido pedra a pedra, dia a dia, não foi a mesma que venho sentindo de tantos dias para cá? Um desanimo entronizou-se dentro em mim. Um tédio, um horror à Vida... Meu desejo constante era acabar tudo, romper contigo e suicidar-me depois. Que é a vida sem amor? Uma noite escura, uma tisana desagradável de beber. E eu via-me sem teu amor, iludido, descrente, desesperançado... Tudo perdido! Tudo por terra...

Há dois casamentos, Purezinha. Um em que se casa para tomar estado, por conveniência de conforto ou de interesses. Outro, por amor, i.e., forçados pela necessidade imperiosa de *combinar* duas almas por toda a vida. *Combinar*, repara no sentido desta palavra.

O quanto me horroriza aquela especie de união, encanta-me esta. Aquela é uma criação sordida da sociedade. Esta é união criada pela Natureza, a mesma que adotam as aves e as flores. A minha união contigo sempre a sonhei da ultima espécie. Mas lentamente me parecia que ela ia degenerando aos poucos e que passava a cair na categoria da primeira. Isso enchia-me de desespero profundo. Tua frieza levava-me à confirmação dessa ideia. As cartas, uma atras da outra, não diziam outra coisa. Compreendes agora as minhas palavras, a minha *perversidade*?

Hoje só tenho duas cousas a fazer: implorar teu perdão para tudo quanto fiz. E tenho a certeza de obte-lo. E implorar, como já disse, que não mais feches a mim o teu intimo, e me tenhas desde já como o teu marido, como a criatura cuja vida inteira vai decorrer aq teu lado, nos teus abraços. A que foi, foi; começemos vida nova.

Um milhão de abraços e beijos do teu

JUCA

P. S. Recebi os cumprimentos de anos; foram eles que me advertiram que os fazia!

Areias, 22.4.1907

ADORADA PUREZINHA

Que momentos felizes estes em que te escrevo, e aqueles em que te leio! Quanto mais felizes, porem, se não me guardares pensamento oculto, se ao escrever-me tu o fizesses como quem escreve suas memorias intimas. Que outra cousa ha no mundo que a esta se compare? — duas almas, voltadas uma para outra, intimas como dois irmãos gemelos que nunca se separaram, a viver uma da outra, a viver uma para outra...

Já agora me não posso queixar, como outrora. Lentamente vai-se-me entreabindo o lotus da tua intimidade, e se te comparo, hoje, com aquela personificação da timidez, que na tribuna da igreja não se atrevia a galardoar meu amor com a familiaridade de um voce, vejo apreciavel distancia caminhada. Mas ainda assim a insaciavel voracidade do meu coração acha que é nada esse ja bastante que lhe dás, e vive a importunar a Razão, para que esta te implore mais. Esta, porem, vendo a marcha lenta mas segura

da conquista, cala esse pedido e formula um outro: pede-te que sejas mais extensa, que arranjes um papel onde caiba o dobro da adorada *babillage* da tua pena. Porque, Purezinha, neste degredo em que vive o teu Juca a alegria, a vida, o ar puro, o prazer, a saude é o receber uma folha de papel, de quatro em quatro dias, onde parcamente grafaste teu pensamento.

Só vivo intensamente um dia sobre quatro; nos outros não sei bem se é vida o vazio de 24 horas tomadas de mil coisinhas insípidas e prosaicas. Mas o quarto dia chega e passo-o a antegozar a delicia de ligar teu pensamento ao meu. Chega o estafeta às 4:30, às 5 começa o serviço da distribuição. Vou eu mesmo ao correio receber das mãos do "seu" Eugenio a cartinha azulada. Às vezes logra-me ela, e de la volto com o nariz comprido. Ontem foi assim. Mas quando a recebo envolta com o resto da correspondencia e jornais, tranco-me no quarto e estirado na cama leio as outras cartas reservando para o fim a tua. Abro-a, leio-a, uma, duas, dez vezes; aspiro-lhe o perfumezinho discreto que é o teu, beijo-a que é beijar-te. E me fico de olhos cerrados a rever tua imagem adorada, a banhar-me na luz, em perfume, em madrugada — que é isso evocar-te.

Aquela em papel diplomata, a penultima, li-a talvez trinta vezes. Cada vez que entrava para o quarto e me achava sozinho em pensamento ia direto a ela e meus olhos reliam-na com avidez. Que carta deliciosa aquela! Não foste tu quem a escreveste, foi a Dor, foi a Magna. E quando a Dor escreve, escreve com a tinta da Maxima Sinceridade.

Outras, porem as outras todas quase, são bem diversas; assim frias e calmas e a custo se dirá uma carta de quem ama. São, disse, mas errei; foram, devia dizer, pois doravante a minha Purezinha escreverá ao seu Juca como ao seu maridinho. Quando falei nas duas especies de casamento não me exprimi bem, dando azo a uma falsa interpretação por tua parte. O meu pensamento, o que eu queria dizer era isto: que ha duas especies de casamento, *o de amor e o que não é de amor* — poderia ser de amizade, de conveniencia, de necessidade, de sossego, disto ou daquilo, mil cousas, muito respeitaveis cada uma, mas não é de amor. Não envovia a ti, nem a ninguem na categoria de "moça desiludida, sem habilitações, etc.". Longe de mim semelhante ideia. Respeito-te e conheço muito bem minha adorada Purezinha para formar dela semelhante juizo. Não obstante, poderia casar comigo sem ser por amor! No caso, por exemplo, de um sentimento entre amizade e amor, menos que este e mais que aquele — em nada te deprimiria isso e não

seria casar por amor. Por amor entendo... Para que falar nisto? São cousas que nós muito bem sentimos e não é com palavras que as definimos melhor — é praticando-as.

É noite, está um luar soberbo, cheio o céu de carneirinhos brancos. Só as estrelas brancas aparecem — as pequeninas ofuscaram a luz do luar. E não te tenho ao meu lado! E não sinto apertado ao peito, o coração palpitaro junto do meu, o corpo da minha amada Purezinha, essa que há tanto tempo é dona dos meus pensamentos, sonho das minhas noites, estrela polar da minha vida, esperança do meu futuro — e que por toda a vida será o consolo, o enlevo, o conforto, a saúde, o ar puro, a madrugada, o segundo eu, a Vida, o Deus da minha Vida. E não posso sentir nos lábios a docura inefável do teu beijo, e embeber os olhos no brilho remançoso e sereno dos teus olhos, e eebriar meu corpo do magnetismo estonteador do teu... Tão longe... leguas e leguas inexoráveis interpostas... E mais que a distância material, a separação de um estado de transição... Quando cessará todo este martírio e quando por uma noite desta poderemos mostrar à lua o que é a realização completa de um sonho de amor? E, juntinhos, passeando, abraçados, as cabeças reclinadas uma na outra, mudos de felicidade, quando juntaremos ao silêncio de uma noite enluarada o silêncio de uma felicidade? Confia em mim e espera; esse dia não tardará muito, e noites dessas virão, e nelas choraremos, como choramos, mas choraremos não como agora de dor, mas de felicidade transbordante e inexprimível.

Realizar meu sonho! Que sonho audacioso...

Um milhão de beijos e abraços do

TEU JUCA

Areias, 26 (1907 - Abril)

ADORADA PUREZINHA

Infelizmente aconteceu o que suspeitei: a tua derradeira carta, de 22, em resposta a minha ultima perdeu-se, pois já estamos a 26 e nenhum sinal dela, tendo chegado um cartão que lhe é posterior de um dia. E isso me enche de desespero pois que o cartão em que a anunciavas dizia "uma carta bem extensa". Esse contratempo me privou de um prazer intenso antecogizado por quatro

dias. Escreve-me outra, benzinho, mais extensa ainda e que me indenize do prejuizo que o coração sofreu.

Passei estes ultimos tres dias fóra, viajando. Fui à Fazenda do Orizaba, a tres leguas daqui e de la à Serra da Bocaina, 1.600 metros de altitude. É uma região como a de Campos do Jordão; só campos nativos e pinherais. Um frio tirano. Fome canina. Muito papagaio. Um clima delicioso. Muita maçã agreste, peras, nespertas e outras frutas europeias. O meu amigo Inacio Altenfelder, companheiro da viajada e que segue amanhã para São Paulo, leva para ti um embrulhinho com duas peras e uma maçã das tais. Inda não estão boas, deixe-as amadurecer melhor. Breve te mandarei, tambem umas fotografias interessantes, tiradas na Serra.

Mas a carta... Quando nela penso quedo-me a cismar no que diria ela, na porção de cousas preciosas ao meu Amor que não traria ela... A melhor, talvez; talvez fosse ela a melhor e a maior de quantas me tens dirigido... Se soubesses o valor que me tem uma folha de papel rabiscada por ti... Se soubesses como ela me enleva a alma e que fonte de delicias inenarraveis é, para este exilado...

Purezinha, antes de te ver ao meu lado, minha, para toda a vida, já eu vivo contigo. És tu quem diriges os meus passos e me guias. A Imaginação supre o que me nega, por enquanto, a Realidade e tenho-te sempre paciente e travo contigo interminaveis dialogos. Nunca estou só. Inda ha pouco lia um artigo de Euclides da Cunha, lia demoradamente, prolongando o prazer espiritual da leitura. A cada periodo me interrompia, e o relia para ti, que imaginava ao meu lado, enlaçada pela cintura. E a cada beleza de frase, e a cada arrojo de ideia consultava teus olhos e neles via experimentada uma impressão igual à minha.

Se em viagem topo uma orquidea florida consulto a Purezinha imaginaria que viaja ao lado e juntos admiramos o capricho da natureza. É tão entranhado o meu amor e ele te faz tão acorde com o meu sentir que às vezes tremo, de medo, de medo de não ser real essa absoluta harmonia que suponho entre nos. Mas é real, não? Havemos de viver sempre como duas notas de piano, que saídas duma corda dupla ressoam unissoa como se o foram de uma só. Que sonho, este meu!

E tu, meu bem, que imaginas, que pensas como encaras uma união futura? Dizem que o amor no casamento é preparativo para o amor dos filhos, e em chegados estes o amor cessa. Será verdade tamanho horror? Fóra verdade, e era caso de um homem devorar os filhos, como Saturno, para assegurar-se eternamente no

amor da sua mulher. Amar-me-ás sempre? E agora? Conta-me, dize-me como é meu amor, de que modo me amas, conta-o minuciosamente numa carta *bem comprida*. Prometes faze-lo? Olha lá! Cá fico a espera dessa carta ansioso como nunca.

Abraça-te o meu JUCA

P. S. Na falta de melhor vão umas penas de *cuiú*, especie de papagaio, que matei na Serra. Não te ofenda a puerilidade da lembrança.

Pergunta ao Dr. Natividade⁽¹⁾ se lembra-se do antigo aluno do Curso Anexo — Hermogenes Altenfelder Silva que é hoje o nosso juiz. *É ele quem manda fazer a pergunta.* Vai uma cartinha para a Heloisa.

(Areias, Abril de 1907)

ADORADA PUREZINHA

Estava lavando uma caneta dessas que são caneta e tinteiro ao mesmo tempo, quando o correio chegou, trazendo-me a tua mimosa cartinha. Li-a dum trago como quem tem sede e bebe de um gole o copo d'água providencial, que lhe surge inesperadamente pela frente. Li-a, e nunca uma carta me deu tamanho prazer. Já te abriste mais, nela, para comigo que nas anteriores; já deixaste de lado os assuntos enchimento, cousas que não vão nem vem, e me falaste da unica cousa que para mim tem valor e importancia — em ti, em teu sentimento, em teus estados d'alma. Que onda de felicidade luminosa senti correr, como uma eletricidade misteriosa, por sob a pele. Foi um *frisson*, senti um fremito, um arrepio de felicidade completa. Tive impetos de voar para aí, agarrar-te, apertar-te contra meu peito nervosamente, cobrir teus lábios de beijos e morrer agarrado em você. Sê sempre assim; sê sempre franca e sem reserva para teu Juca como ele o é para ti — considera que nossa vida já está para sempre ligada e que breve o será de modo indissolúvel e da maneira mais íntima possível.

Sejamos um para o outro uma superfície lisa, sem o minimo recesso, a menor aspereza — que um olhar teu me devasse a alma

(1) Dr. Natividade: Dr. Francisco Marcondes Gouvêa Natividade, pai de D. Purezinha.

até os fundamentos, que um olhar meu não encontre em ti um ponto de interrogação. Só assim seremos felizes como ninguem no mundo; o que mata, e que estraga a vida dos casais é a reserva, a falta de confiança mutua; é o haver de parte a parte pensamentos escondidos — *jardins secretos*. Não havemos de ter em nossa mente essa cousa hedionda, hein benzinho? Nada haverá em mim que não possas conhecer e nada em ti que me seja vedado penetrar. Sejamos mais que amantes, vejamos dois velhos camaradas; vejamos como dois amigos que sairam a correr mundo, juntos, desde os 15 anos, que a vida inteira passaram juntos, pensando os mesmos pensamentos, desejando os mesmos desejos, apoiando-se um no outro como no mais solido e doce apoio.

Se soubesses, Purezinha, como te admiro, como admiro tu'alma. Sempre, até aqui, a tiveste fechada para mim, mas a cada cantinho que com a convivencia me vais desvendando é um novo mundo de preciosas e incomparaveis delicias que se me desdobram ante os olhos e ante as quais me quedo em extase. Como te amo, como cresce meu amor sempre que deixas ver alguma nova riqueza, desse tesouro imenso que avaramente escondes dentro de ti!

Purezinha, eu tenho o merito de te haver adivinhado antes de te conhecer. Antes que afastasses a cortina que esconde o tesouro de teu intimo, uma qualquer cousa fez-me adivinhar a existencia dele, e desde então não mais comprehendi minha vida sem teu amor, teu carinho, tua companhia.

Então já sonhas comigo sonhos “calmos e agradaveis”? E foi minha carta rematar o teu sonho? Feliz, essa carta! Mas o dia ha de chegar em que serei eu, não ela, quem te acordará com um beijo, quem interromperá o sono pesado da manhã-cedo para o passeio matutino combinado na vespereira — passeios que serão a continuação dos bons sonhos da noite. Esse tempo será o mais encantador da nossa vida, marcará o ápice da felicidade. Na plenitude do amor, na plenitude da mocidade — um bastando ao outro como o sol basta a flor — a vida ha de ter para nós o sabor vivido e oxigenado do ar das madrugadas, e o cheiro vivificante dos campos aos primeiros albores da aurora.

A felicidade é um castelo de vidro finissimo que se constroi a quatro mãos, duas femininas e duas masculinas; mas é mister que ambos *queiram* construir-lo e que as mãos não lhes tremam durante a tarefa. Has de querer e tua mão não tremerá, não é assim? Pois só de ti dependerá o castelo formoso que minha imaginação delineia para ser executado por suas mãos. Purezinha, adorada Purezinha — diz-me que *queres* e que não tremerás.

A irmã do Eugenio tem no Tietê uma lancha a vapor para 5 pessoas, muito solida, muito boa: queres subir rio acima comigo? Se queres irei no próximo domingo organizar esse passeio. Adeus.

Um milhão de beijos do teu amorosissimo

JUCA

Areias, 27 abril (1907)

PUREZINHA

A tua carta de 25 encheu-me de alegria. Pouco a pouco vejo ir se realizando o meu sonho: — a conquista do teu eu intimo, a Absoluta Intimidade. Tu és dificil de conquistar. Desde o momento em que te conheci, o problema da minha vida delineou-se nitido: possuir-te. De que modo? Do modo mais amplo e completo, conquistando palmo a palmo a tua alma, o teu coração, o teu corpo. A resistência passiva que logo me opuseste incendiou-me de Amor e esse Amor Imenso cresce cada dia mais, à medida que obtenho vitorias sobre ti e à medida que essas vitorias descortinam-me novas facetas, novas qualidades em teu espirito, em tu'alma.

Que resistencia desesperada me opões! Como me obrigas, às vezes, a ser cruel, para arrancar-te um grito d'alma! Minha marcha para esse meu Sonho: — a tua posse absolutamente completa tem a lentidão do caramujo, mas é marcha, não estaciona, não descansa... A missão da mulher no Amor é essa: ser vencida, ser conquistada como praça forte.

Purezinha, meu idolatrado Sonho, eu deliro quando penso na vitoria decisiva, quando te figuro *Minha*, inteiramente minha, penetrada pelo meu pensamento, pela minha emoção, pela minha vontade, pelo meu desejo, pela minha carne. Eu deliro, como Cesar ao ver a Galia inteira sob suas mãos, ao pensar que tu serás minha, como são minhas as minhas ideias, os meus pensamentos... Não ha nada na Vida que valha o Amor — porque só o Amor dá as emoções agudas destas loucuras supremas. Sê meu mundo, minha Galia, e hei de ser envolvido em meu Eu pelo teu Eu, como o halo envolve a lua.

Falas em confiar em ti... Purezinha eu adoro-te, sinto-me queimado de amor por ti, sou cego para tudo, só vejo diante de

mim meu vulto, não tenho olhos para nada mais... E abafado a minha imaginação quando a vejo realizando pedaços do Sonho. Tenho medo de enlouquecer. Se pudesses compreender — tu, tão fria — o entusiasmo, o calor, o fogo, a ansia do meu amor!... E tu me contas que sofres o teu coração, quebras-lhe os impetos generosos... Ah Purezinha! Que se pusesse no papel esses impetos e mo mostrasses como ele é, talvez eu morresse, morresse de amor, de alegria desmedida.

Tenho febre quando estou ao lado da Purezinha que sonho em ti, meus labios gastam-se em beijar-te toda, meus olhos ardem de te contemplar, meus dentes tremem de te morder, e aperto-te tanto de encontro ao meu peito que ouço estalar os meus ossos. Que amor o meu! Que delirio! Que loucura!

Purezinha, Purezinha, é impossivel, é absurdo amar-te mais, amar-te mais. Meu amor já não é amor é delirio de febre; já não conforta, queima; está candente, no auge. Se penso no teu beijo, se penso em ter-te esmagada em meus braços, nossos labios unidos com fogo, a vontade vem-me de morrer, de ficar ai, de não ir alem. Realidade! Realidade! Compreender-me-as, Purezinha? Será Purezinha a Purezinha que eu sonho?

Escreve-me, abre-te, confia-me todos os teus pensamentos. Vê em mim um desdobramento de teu eu.

Um milhão de beijos do teu, eternamente teu

JUCA

Orizaba, 30 abril 1907

ADORADA PUREZINHA

Este lugar, homônimo de um pico mexicano, donde pela segunda vez te escrevo, deve te andar fazendo comichão na curiosidade. É o nome de uma fazenda de um antigo colega de colégio do teu avô, o Engenheiro Joaquim Leme, fazenda assim batizada por ser a mais alta deste município. Está a tres leguas de Areias e constantemente quando nenhum serviço tenho, lá passo-me para ela demorando meus tres, meus quatro dias.

O divertimento é criar apetite devorador e a ocupação caçar e fotografar-nos mutuamente. É assim que alem das que foram

ontem mando-te hoje diversas outras fotografias. Entre elas vai uma tirada em Areias no Sabado de Aleluia. A arvore que vês no largo, rodeada e sacudida pela molecada, é a forca onde esteve pendurado um Judas, minutos antes esfarripado por ela. O sobrado que fica no meio é a nossa republica, nesse dia cheia de visitantes. Eu e o delegado estamos na sacada, vestidos de branco. Os outros são, a contar do delegado para a direita: o Escrivão, o farmaceutico, o Comendador Sampaio, o Coletor, o Inacio e eu. O meu quarto fica à esquerda, e tem duas janelas, uma que está aberta com uma toalha de banho pendurada e outra que está fechada. Esse casarão nos custa 30\$000, 1.^º e 2.^º andar!

A foto n.^º 2 representa eu e o Zezé no pico do Orizaba (1642 metros) colhendo umas parasitas. O Zezé é o companheiro inseparável do Quinzinho (João Leme). A n.^º 3 representa o interior de uma belíssima gruta de pedras, no alto do Orizaba. A n.^º 4 é o instantaneo de uma tropa carregada de feijão em casca; eu estou no meio dela. Os outros são... Nas que ontem te enviei, o companheiro que nelas figura é o Inácio, irmão do Juiz. E por falar nele, recebeste as peras?

Qualquer dia rompo por ai; não posso mais de saudades da minha adorada noivinha. Talvez vá no proximo sabado ou domingo.

Adeus! Um milhão de abraços e beijos do teu

JUCA

Areias, 11 (1907 - Maio)

PUREZINHA

O natural desassossego que transparece no teu cartão de ontem, à hora em que escrevo (8 horas da noite) inda se não dissipou, mas amanhã às 8 sumirá do teu coraçãozinho como a serração à vista do sol. Não me explico semelhante esquecimento. Creio que houve em mim um eclipse mnemônico igual ao solar de ontem. Todas as cartas que naquele dia escrevi vim encontrar-las ontem.

Mas o eclipse? Esteve bom o dia ai para bem o observar? E observaste-o através do vidro enfumado? Aqui a população

inteira (que não é grande, diga-se) andou das 11 às 2 de nariz p'r'o ar e vidro enfumado ao olho e foi interessante porque de tarde só se via gente com a ponta do nariz, ou outra qualquer parte da cara, suja de fuligem. Eu quase morri de medo, pensei que o mundo se ia acabar. E tu? Dizem que a causa desse fenômeno é um dragão que periodicamente tenta comer o sol mas não o consegue, por queimar-se-lhe a boca antes de haver podido engulir a presa. Que coisa horrível!

Para comemorar o acontecimento houve dança em casa do Sampaio e eu dancei só com a A... por sinal que ela parecia um judas: saia curta, mais comprida de um lado que do outro, cabelo sem pentear (é inaudito!) paletó de flanela muito exótico. Falaram em voce sempre perguntam pela D. Purezinha; querem que venhas passar um mes cá.

No ultimo domingo houve uma festa no Cruzeiro; o Quim e a Bigini, festeiros; sessenta e oito pessoas ao todo, a concorrência. A noite brinquedo de prendas em casa da Bigini, filha do Julinho. Namoro escandaloso do Carlos com a Amalia e do Promotor com a Bequita. Sabe? Vou levar a Bequita e o Juquinha para ai, logo que for. Quero mostrar São Paulo a eles. O sonho do Juquinha é ver o trem! São as duas crianças mais galantes que conheço.

Mudando, tens tido saudades do teu noivinho? Em mim já elas voltam lentamente a pousar na arvore seca da ausencia, como o diria um poeta de aguas turvas. A saudade é como o mar; está sujeita a marés; a presença traz a vazante, a ausencia determina a enchente. Sinto a enchente subir, dia a dia, lentamente. Em chegada ao auge vôo a te ver. Aproximam-se uns cacetes, tenho seca hoje. Adeus!

Um milhão de abraços e beijos do teu do coração

JUCA

14.5.1907 (Areias)

PUREZINHA

Foi como pinta o cartão a manhã em que parti da Pauliceia, trazendo comigo... a tua rival, F. (que ficou em Taubate, sos-

segal!) e nela, talvez, apanhei a maldita influenza que ainda me judia mas que já me permite escrever, ingrata Pureza. Porque ingrata? Pois não merece esse nome quem não teve o dó de ajudar minha cura com uma carta e ficou na curta e impessoal rabiscagem de um cartão postal? Mas como explicas o caso com um vago "não posso", eu recolho minha queixa e aceito a desculpa. Vê como ando cordato agora? É que jurei aos meus manos nunca mais dar o mínimo motivo de aborrecimento àquela que sera por toda a vida a companheirinha inseparável da minha vida. E mister irmo-nos treinando desde já nesse viver sem altibaixos, sereno como um vôo de pombos, calmo como o teu olhar, feliz como a vida de um casal de passarinhos.

Ah Pureza! Vivo alegre e contente como um bobo, a rir, a caçoar de tudo, sem mal que me acabrunhe. E sabes porque? Porque vejo em minha frente um Oasis encantador da mais exuberante vegetação, coalhado de frutas e coisas preciosas — vejo esse ponto luminoso que és tu, que é a nossa vida em comum. E rio-me sozinho como quem tirou a sorte grande.

E se me chega uma notícia má, eu me rio... e cá comigo filosofo: o Mal só é não ter o amor de Purezinha, o Bem é possuí-lo; ora, eu possuo-o, logo não existe o Mal, nem a tristeza, só deve para mim existir a alegria e o riso.

Hoje, lendo um livro admirável de Anatole France cheguei a um ponto onde o romancista descreve a suavíssima emoção que se apoderou de F. à evocação de uma recordação remota:

"Ce souvenir du petit chemin où elle se promenait seule, en ces nuits d'automne le troubla, lui fit revivre les heures enchantées des premiers désirs et des craintives espérances. Il lui chercha la main dans son mauchoir et pressa le poignet mince sous les fourrures".

E não pude continuar a leitura, meu espirito voara para ti, e a memoria da emoção evocara a indefinível e sutilíssima sensação que muitas vezes experimento ao pegar em tua mão, ao *pressar ton poignet mince et blanche, plus que la neige*. E assim, não só minhas leituras mas a natureza toda constantemente me fala de ti e faz bem vivas as impressões que tenho de ti. É como se houvesse dentro de mim milhares de retratos teus, cada um em posição diversa, feitos duma matéria transparente.

As sugestões e simpatias do mundo externo um desses retratos se ilumina e minha alma queda-se na contemplação saudosa da imagem querida.

Adeus, Purezinha! Aceita um abraço apertadíssimo deste que só vive e só sonha e só pensa e só deseja e só adora ao seu querido Oasis.

Um milhão de beijos

JUCA

P. S. — Vai um convite que as moças te mandam.

15 (Maio de 1907)

PUREZINHA

Estavamos à mesa, jantando, quando o Juquinha entrou sacudindo no ar duas cartas: "para o promotor!" Vislumbrei de longe que era cor de rosa e exultei: bravos! Mas ao ler-lhe o sobrescrito desconheci a letra e enchi-me de decepção. Diabol não é da Purezinha. E já resignado a não ler nesse dia linhas traçadas por tua mãozinha cor de neve, rasgara o envelope com indiferença quando reconheci radiante a tua letra querida. Devorei-a então e serviu-me ela de sobremesa.

Inda não estou sarado mas a influenza declina dia a dia. Já posso ler, já posso escrever. Só não posso, ainda, pensar. A constipação, Purezinha, bestifica de um modo inconcebível. O cerebro apateta-se, fica sôrno e lerdo, pesadão e mole. Hoje, pagando uma visita ao professor Abel foi com um verdadeiro esfôrço que sustentei 1/2 hora de conversa — tão penoso me era falar o que pensava e pensar o que falar. Vou acabar de sarar no Orizaba.

Enquanto te escrevo a chuva executa na rua a velha aria do "Pingo d'água caindo das goteiras do telhado". Foi hoje o dia das arias. O meu ouvido ainda não descansou. Logo de manhã abriu a sinfonia um bando centenar de maitacas que gritaram ate a tarde. Vi-me doido com elas. Logo que se foram, o Sino da Igreja entrou de chamar o povo para a reza ou não sei que mais — coisa de bimbalhar por uma hora. E mal sossegara o sino vem a chuva com a sua cantilena monotonâ... Ajunta-se a isso a zoada que me está aboletada nos timpanos e diga-me se não é dum mortal perder o gosto à vida... auditiva.

Falas em saudades... e de que te falarei eu? Eu que nem ao menos tenho um retratinho, uma reles fotografia onde mate as

saudades dos olhos. Mas da la, vez que ai for sanarei o mal. Com a *photofumelle* do irmão do Eugenio hei de tirar pelo menos umas cincoenta fotografias do meu bem e encher com elas um album. Que prazer, então, quando, como agora, longe de ti, rever tua imagem, tuas feições, teu ar grafados no papel. Que doce lenitivo não será às saudades! Ate lá resta-me o espaçado dedo de prosa das cartas e o abstrato evocar de tua imagem no Campo da Memoria. Evocar e fantasiar. Tenho-te sempre comigo, casadinha já, providencia do nosso ninho, dando vida, movimento, luz, à minha vida. E sou feliz, e bracejo como um nadador num mar de esperanças amaveis.

Ha de ter a nossa casa uma varanda fechada de trepadeiras caprichosamente dispostas. E ali, às tardes, na sombra vaga do dia que morre, havemos de gozar juntos o suavissimo prazer de viver — *a joie de vivre*; eu fumando um delicioso cigarro de espirais lentas e azulissimas, tu entretendo os dedos num bordado, ou, melhor, presos os dedinhos entre os meus, felizes, sem desejar nada mais que o prolongar-se aquele doce estado de alma e corpo, por longos e longos anos futuro a dentro.

Purezinha, havemos de recobrar o tempo que agora perdemos, afastados um do outro por imposição da cruel necessidade. Havemos de tirar uma desforra!

Adeus, minha Alegria, minha Saude, meu Entusiasmo, meu Amor! Aceita um bilhão de beijos e abraços do teu extremoso

JUCA

Orizaba 20.5.1907

ADORADA PUREZINHA

São oito horas da noite. O pessoal está na sala de visitas, o ponto noturno da reunião. O Quim ao piano compõe operas (composições inferiores às minhas, porém, pois é opinião unanime que quem *toca* melhor sou eu). O Zezé cochila no sofa. O Ulisses canta em surdina uma horrivel cançoneta italiana. O major, imovel, impassivel, mudo, figura de pote a um canto. Este Major é uma figura notavel! Não fala. Responde sim e não. Só. Por mais ju-driarias que lhe façamos a esfinge nem se altera nem da sinal de vida.

O dia passamo-lo a lidar com fotografias, a bater pelota quando o frio apertava, a respirar fonogramas e a comer. Ah! nesta ultima parte é que nos temos revelado uns verdadeiros heróis. O frio nos abre o apetite e nós teimamos em fecha-lo — e fechamo-lo, a custa, porem, de quanto há de comestivel na fazenda. À noite há sessão de pinhão, na qual a conta de cada um é um cento dos ditos.

Amanhã volto para Areias; não fossem negocios que para lá me chamam e não trocaria a *vida de cidade* de lá por esta des-cuidosa vida de roça nesta deliciosa fazenda.

Um dos inconvenientes daqui é a demora de mais um dia que sofre a correspondência. Assim a tua *cor-de-rosa* datada de 17 só hoje me veio às mãos e esta só a 23 chegara às tuas. Para quem, como eu, tem a vida afetiva resumida no escrever-te e ler-te, este espaçamento é bem pouco toleravel. Verdade é que tanto eu como tu entremeamo-lo de cartas que venham suavizar a *espera das cartas*. Mas cartões não matam saudades, avivam-nas. E por falar, recebeste um meu, representando um general japonês junto aos muros de Porto-Artur? Reconheceste o general? Pena é que umas leiras de couve no primeiro plano venham destruir a marcialidade do conjunto.

Estão me faltando aqui envelopes para cartões, não gosto de po-los nús no correio e em Areias não os ha a venda. Manda-me alguns dentro da tua proxima carta. O que foi envolvendo o cartão do general foi um velho, ja servido, que por acaso encontrei.

Fui nomeado festeiro para a festa do Cruzeiro, em Junho. Esta festinha é curiosa e poetica. Consiste numa ladainha rezada no primeiro domingo de cada mes, no alto de um morro, onde ha uma cruz. Para lá se sobe por um longo "S". Foguetes, reza, e doces; às vezes, quando o festeiro se dispõe a gastar 20\$000, tambem ha musica. Ha um festeiro e uma festeira. Esta é a Maria Amália Sampaio, menina de 12 anos, o "Torresminho", como a chamamos. Só lamento a tua ausencia; que bom seria se pudesses vir assisti-la. Nesse caso eu mesmo cantaria a ladainha, e juro-te que ninguem a cantaria com mais ardente fé. Puderal Estaria em presença da Virgo Virginis, da Stella Matutina, da Stella Maris...

Purezinha, como te querol... Comove-me o só pensar nisso; vem-me impetos de chorar, de chorar de amor. E se relembo tantos momentos deliciosos passados ao teu lado, mãos dadas, almas se transfundindo, olhos murmurando coisas divinas em sua linguagem muda, ah!... então sinto um dilatar-se veemente de

todo o meu ser, um bafejo de Felicidade — porque a certeza mora comigo de que os momentos que passamos são nada diante dos que nos esperam dentro de breve futuro; e essa Felicidade que ora, de longe em longe, visita-nos de passagem, há de vir para o futuro morar conosco em nosso ninho, ser nossa comensal e nossa companhia de todos os instantes.

Abraça-te, beija-te

O TEU JUCA

(À margem do papel Lobato transcreveu:)

“Só vivo a hora que passo
junto de ti minha flor;
tua cintura em meu braço
meu beijo em tua bôca em flor”.

VICENTE DE CARVALHO

23 de Maio, dia de anos do nosso Amor

Areias, 23.5.1907

MINHA ADORADA PUREZINHA

Como chegasse ontem à noite da fazenda, só hoje cedo o correio mandou-me a correspondencia — um cartão de Edgard avisando que está em São Paulo e a tua *esverdinhada* de 21.

Deu-me tanto prazer esse modo novo de conversar comigo, contando com tão suave emoção um episodio da tua vida de menina, abrindo-me tua alma — com esse doce abandono de intimidade que eu sempre sonhei e tantas vezes pedi — que não pude me furtar a tentação de sentar à mesa e procurar vazar para o papel os suaves sentimentos que me possuem, sentimentos complexos e de difícil definição mas onde predomina, vejo agora, um grande lastro de gratidão. Sou-te imensamente grato, Purezinha, porque tu procuraste compreender-me, e sonhaste ver na aparente selvageria do meu eu o mundo de ternura e amor, ali armazenado, à espera de quem o sonhasse descobrir. Foste o meu Colombo.

A mim proprio revelaste faces desconhecidas da minha alma...

Já viste trabalho em fotografia? Revelar uma chapa? *Chapa* é uma placa de vidro recoberto duma leve camada de gelatina sensibilizada, de aparência branca e opaca. Pões-na, porém, dentro do banho revelador e a imagem que existia misteriosamente oculta dentro da gelatina delineia-se aos poucos, vai ganhando contornos e nitidez, até de todo se revelar com perfeição. Tu foste para mim o que o revelador é para a chapa. Donde parecia nada existir que não fosse aridez e revolta, e orgulho e pessimismo e tédio, tu arrancaste mil qualidades preciosas e inestimáveis — amor, ternura, otimismo, alegria, bondade. Agora vejo que tudo isso existia em mim latentemente e só esperava a forte simpatia duma criatura como tu para se expandir. E sou-te grato, imensamente, por isso.

E quanto mais tu te abres e me desvendas os tesouros da intimidade, mais cresce-me o Amor, a Ternura, a Alegria, a Bondade. Tu me transformas por força do teu amoroso influxo. Serei o que fizeres de mim — o mais feliz, o mais infeliz dos homens. Que prazer me deu tua cartal! É assim que sempre te imaginei, contando-me teu estado d'alma, descrevendo teus sentimentos como se descreveras uma paisagem; alma aberta, cheia de sol, para que a pedraria rara do teu amor e da tua meiguice cintile e ofusque meus sonhos deslumbrados.

23 de maio! Dois anos completa hoje nosso amor e pelo que tem sido poderemos avaliar qual seja o seu futuro: um eterno idilio, duas almas enlaçadas, a deambular pelo mundo, satisfeitas, contentes, a rir; uma bastando à outra, uma vivendo para a outra e da outra, eternamente amorosas, sem outros desejos que a perpetuação desse suave estado, sem mais ambição que o possuir-se da maneira mais intima e completa.

23 de maio: devemos consagrar este dia, elege-lo como a data aurea de uma vida e festeja-la como o natalicio da nossa felicidade. Foi a 23 que nos encontramos na "estrada da vida" já com o germe do amor reflorindo no coração. Elejamo-lo como a data do nascimento do nosso amor, o inicio da *nossa era*.

Estas noites frias e enluaradas recordam-te a chacara, o xadrez... A mim recordam, tambem, as primeiras emoções do amor. Quando entravas com o cafe e os bolinhos... Eu parecia jogar atento, e atento estava, mas não ao jogo e sim aos rumores que vinham de dentro, de onde estavas. — "É ela!... Vem vindol... não é... passou". Afinal assomavas à porta, de avental; vinhas servir o café... Nunca, nunca me esquecera o gole de felicidade que me era para os olhos, para o espirito, para o co-

ração, para todos os sentidos a aparição do teu vulto sereno e calmo, muito branco e frio. E ao voltar, a impressão que ia comigo, bailando ante meus olhos, inebriando minha alma, era unicamente aquela, a tua entrada na sala, uma ou outra palavra trocada, um cruzar timido de olhares... Rápido, fugacíssimo, esse cruzamento de olhares iluminava todo o meu ser. Eu saia radiante, feito um foco de luz. Não havia noite escura pois o teu olhar, recolhido dentro do meu ser como um talismã, iluminava-me o caminho!

Como eu já te amava Purezinha e como eu te amo! Velam-se-me os olhos ao dizer-te isto. Porque? Porque faz chorar, o amor, a ternura? Purezinha, que ansia de te ter já minha, de te ver ao meu lado, de apertar-te contra o meu peito, de sorver tua alma através da ardência de um beijo, de ouvir palpitar teu coração, ofegar teu peito, brilhar teu olhar, de sentir as emanações do teu corpo, esse fluxo misterioso que sai da criatura amada e embriaga e mata. Sossega, sossega, coração ardente, é mister calma, é mister esperar...

Aperta-te o peito e beija-te prolongadamente

O TEU JUCA

Areias, 25.5.1907

Ex.ma Sr.a D.Maria da Pureza Natividade, minha muito querida e adorada noivinha. (Aposto como te bateu o coração ao deparar-se-te aquela Ex.ma...) Acabo de ler e reler a tua de ontem onde me contas que tens apreciado os meus trabalhos fotográficos, mormente aqueles onde minha careta figura. Isso me alegra bastante pois posso amiudar-te esse prazer (que infelizmente ainda não me foi dado: não tenho um retratinho que seja *voce*). Breve voltarei ao Orizaba com o fim quase expresso de *postalizar-me* para recreio das saudades da minha noivinha.

Estou alegre hoje, Purezinha; o dia correu-me e finalizou melhor ainda, pois os meus dias finalizam bem quando, ante os olhos uma cartinha rosea recem-recebida, tenho azo de parolar graficamente com a branca senhora dos meus destinos.

Fomos em farrancho, às duas horas, eu o Carlos, o Ismael e a familia do Julinho à casa do Manuel Pedreiro, um otimo por-

tuga que possue um sitio a 2 quilometros daqui, e lá passamos a tarde caçando, moendo cana, chupando cana, etc. O melhor da caçada foi um belo jantar que apanhamos e destroçamos a golpes de faca e garfo. Voltamos ao anoitecer, em farrancho, cada um com um feixe de cana às costas. Mas como não ha verso sem re verso trouxemos tambem, mau grado nosso, um certo número de carrapatinhos altamente impertinentes e intrusos. Infelizmente matei-os já todos e não encontro de momento um exemplar que te envie para apreciares *de visu* como são os carrapatinhos areenses.

Tambem me alegrou o saber teu irmãozinho restabelecido; conheço ja o que são molestias de crianças e como penalizam aos que os rodeiam. O Luizinho meu sobrinho tambem não anda bem.

Para a festa do Cruzeiro fui eu quem pedi para ser o festeiro, tanto encanto e tanta poesia achei na que assisti e da qual era festeiro o Carlos. Penso como voce sobre essas festas, e o quanto me encantam elas quando humildezinhas, ingenuas, roceiras, de testo-as quando revestidas duma solenidade idiota onde predomina a flor do papel de seda e o ouro ridículo dos galões dourados. Uma procissão aqui tem um sabor como nunca o senti em parte nenhuma, tão *engraçadinha* é.

Ontem à noite fomos cumprimentar o Comendador pelo aniversário da Batalha de Tuiuti em que ele tomou parte, e passamos longo tempo a ouvi-lo rememorar as peripecias da luta.

Recebi as chapas para os postais.

Adeus, Purezinha! Aceite um abraço e um milhão de beijos do teu, só teu, sempre teu

JUCA

Areias, 29.5.1907

PUREZINHA DO MEU CORAÇÃO

O papel que veio comigo de Taubaté espichou a canela e outro não encontrei nesta desprovida Areias senão este humilimo papelinho de caipira... Ao ve-lo diante de mim a custo sofreio a pena que envereda por um cabeçario *habitué*: "que estas *mar* traçadas linhas a vão encontrar de perfeita saude, etc. etc.". Desta

vez ele não calçará esse chinelo velho e verá coisas novas, se é que é novo protestar amor... Minhas cartas são isso e se-lo-ão até o dia em que a mão tremula não mais puder sustar a pena: um produto ardente de amor, um pedir de amor, um falar de amor, um desejar amor!... É nele, Purezinha, é nesse Imenso e Mistérioso Sentimento que reside o Fim, o Sentido e a Diretriz da Vida. Só ele tem forças bastante para faze-la amada e formosa — de odiosa e hedionda que é.

Quando penso em ti meus pensamentos cintilam reflexos estranhos — bando inumerável de abelhas douradas esvoaçando, tontas de perfume, em torno de um pessegueiro em flor. O mesmo pensamento que era, momenos antes, torvo e sinistro, nimba-se dum halo fulgurante se és tu a flor em que ela vai pousar.

— Vai-te, Poesia; dá lugar ao Prosaismo.

Ontem voltei do Orizaba, à noite, sob uma chuva fina e gelada que varou o dia e parte da noite. Chapinhavamos na agua e na lama, mais agua que lama. Era tanto o negror da noite que eu não divizava o vulto do Quim, abrindo a marcha a cinco passos na frente. Guiava-nos o instinto dos cavalos, unicamente. É um espetáculo grandioso, Purezinha esse boiar nas trevas, em pleno deserto de luz e de formas, a inteligencia do cavaleiro entregue, subordinada ao instinto do cavalo. Às vezes um fio de luz tenuíssima riscava a negridão circum-envolvente: era a luz interior de uma casita de caipiras escapando pela frincha duma porta emperrada. Meu pensamento voltava-se para voce: quão longe está ela — neste momento, envolvida de luz, dentro de uma sala confortável — de supor o seu Juca perdido nesta imensidão trevosa, a chapachapear a agua empoçada, a tiritar enregelado, dentro desta floresta cujas pontas de taquarussu, vergando sobre o caminho, chicoteam-lhe às vezes a caral... Felizmente no fim de hora e meia desse viajar horrivel a chuva cessou e umas estrelasitas pálidas — tres so, contei-as eu — deixaram-se entrever, na bruma que tapava o céu. Bastou o palido reflexo que elas emitiam para quebrar a dureza da escuridão e temperar a lenteza da viajada.

Infelizmente nada trouxemos do ao que fomos: fotografias. O tempo nada nos permitiu fazer.

La na fazenda recebi o teu cartão de domingo anunciando a deliciosa *azulada* de 27 que hoje recebi. Realmente eu estava alegre naquele dia, mais que de costume — e nem sei por que.

Quanto à minha gulodice, acertaste. Sabes o que me leva tão amiudo ao Orizaba, que não é perto, mais de 3 horas de cavalo? Pinhão cozido à noite e mandioca frita ao almoço e jantar. No dia

em que essas coisas cessarem o Orizaba morre para mim. E engordo-me, e crio saude para voce. Cuido de mim porque sou teu, sou o depositario de um ente cuja posse te pertence. Os teus mandamentos ha muito que os pratico e são excelentes para engordar. Tu tambem has de os seguir pois eu te quero gordinha e alegre.

Cousa extraordinaria, a nossa semelhança nessa questão do ingles! Uma estranha simpatia nos arrasta para essa lingua e uma invencivel indolencia nos impede de senhorearmo-la. Tambem eu aqui recomecei meus estudos, prevendo, porem, o fim prematuro que os aguarda.

Os versos de Melgar contem grandes verdades... mas como nenhuma relação tem contigo deixamo-los em paz dormir o seu sono de maldade. Não estou com ele, creio na Mulher porque creio em ti, minha adorada Purezinha; mas, ah! se tu algum dia me fizeres descrever de ti, então nunca mais, nunca, nunca, nunca, poderei crer em coisa nenhuma, nem na verdade matematica — dois e dois, quatro —, nem nas verdades do instinto — os sentimentos humanos. Uma cousa tenho a certeza absoluta: de que isso é uma utopia; como não duvido nem nunca poderei duvidar da minha Purezinha — creio na mulher.

Adeus! Aperto-te contra o peito, onde as saudades são exame.

O teu do fundo d'alma

JUCA

Areias, 3.6.1907

MINHA ADORADA PUREZINHA

Como te comprehendo agora! Essa confiança absoluta que sempre, nas cartas, me pedias, hoje vejo é o único alicerce verdadeiramente sólido de um grande amor. Em não existindo essa base, que resta do amor? E que confiança cega tenho em ti hoje! Purezinha tu foste para mim como um romance numa serie larga de tomos. Ao ler o primeiro afigurou-se-me poder prever o resto. Enganei-me; li o 2.º tentei provar o 3.º e naufraguei de novo, assim por diante. Hoje não me atrevo mais a tirar conclusões sem primeiramente le-lo todo.

Admiro tanto as tuas nobres e raras qualidades morais, quanto te amo e adoro como noiva. Quando penso no futuro e me lembro que ter-te-ei como companheira da minha vida, deliro, sinto arrepios de inaudita felicidade. Quero-te, quero-te, Purezinha, de um modo que a palavra não conseguira nunca dizer, quero-te com a loucura fantástica dos fanatizados. E que imperio é mister possuir sobre mim para conter a ansia deste coração e impedi-lo de estalar de saudades — quando me lembro que estamos separados por tantas leguas! E que tempo moroso de passar, este tempo de espera impaciente.

As ferias começam a 20, mas quero ver se ganho uns cinco dias a mais, o que depende de varias cousas aqui. Está perto, mas a mim parece longe, longissimo. Nunca passei tanto tempo sem te ver, de modo que, na ansia de te ver, as saudades guardam essa proporção de intensidade. Purezinha! Purezinha! Meu Amor, minha vida, minha fé, minha esperança, meu futuro...

O B. não morreu e já está fora de perigo. Coitado! Andava numa neurastenia profunda, não falava, vivia imovel. E Nha Glória? Acabo de ver no jornal um convite de missa. E assim vão-se, ora uma ora outras, as pessoas conhecidas. Em Taubaté desapareceram o Flausino e o Siqueira, ambos oficiais de justiça, e o Q. Borges, e o Joaquim Mariano — um velho gordo e vermelho, da Camara. É triste esse desaparecer ininterrupto de conhecidos que se vão para o Nirvana, para o Pó... Mas que nos importam as coisas tristes? Pode ser-se triste quando se atravessa o momento mais encantador da vida? — o amar e ser amado.

Ontem saí acompanhando a Bequita — a menina mais gentil de Areias, minha namorada, de 10 anos, que saira a esmolar para os pobres. Corremos toda a cidade de casa em casa, arrecadando um ror de vintens. Rendeu a coleta 5.500.

A noite houve leilão — tal qual aquele do Barranco, as mesmas prendas, a mesma garrafinha de vinho do porto. E vieram-me tão fortes as saudades tuas que o deixei logo no inicio e me recolhi sozinho para a casa. Mais tarde saí de novo e topei o leilheiro apregoando a ultima prenda — um perú. Arrematei-o oferecendo-o à Bequita. Foi um sucesso! O bicho tinha quase o tamanho dela.

Não calculas como são graciosas e lindas as meninas daqui. A Laurita é uma joia de linda, namorada do Carlos. A Bigini, a Zezé, a Gabriela, a Maria Amalia são umas joias de crianças — elegantes, graciosissimas, vivas, pernósticas, semelhantes às meninas dos grandes centros. As moças danam com isso, porque nós

só fazemos festa para a criançada. Todas são muito minhas amigas e perguntam sempre por D. Purezinha.

Ontem foi a reza do encerramento do Mes de Maria e subi ao coro onde quase todas estavam cantando. Logo que se desembaraçaram da tarefa vieram para mim e me rodearam. Eu estava de colete branco com falta de um botão em cima. Notaram logo e então prometi um presente para a primeira que me levasse a casa uma agulha enfiada e um botão igual. Todas se prontificaram, tomaram a medida do botão e mais tarde me vieram cada uma com um sortimento de agulhas e botões.

Que vontade eu tinha de que conhecesses Areias! Deixa estar, um dia haveremos de cá vir juntos. Queres? Não ser Areias servida por estrada de ferro!... Fosse-o, e aqui começariamoss nossa vida de casados. O que a mata e a estraga é só isso — falta do trem.

Adeus, Purezinha! Aceita um vagão de abraços e uma gondola de beijos do teu mais que nunca e eternamente apaixonado

JUCA

P. S. Depois de amanhã, minha estréia no Juri. Areias em peso vai ouvir-me. Vê que apuros!

Areias, 8.6.1907

PUREZINHA

Que grata notícia me dás contando que o Mario Duarte esteve aí e dá-se com tua familia! Foi ele um dos meus maiores amigos no curso academico, e eu, muitas vezes, confidente dos seus amores. Lembro-me que, levado pela semelhança que ele tem com o grande musico alemão⁽¹⁾ chamava-lhe eu Rubinstein... Perdemo-nos de vista após a formatura. Demora-se aí?

Chegaram-me hoje os cartões pedidos e talvez depois d'amanhã vá ao Quim impressiona-los. A máquina foi consertada, de modo que esperamos resultados otimos.

Contas-me dum banzé que houve por aí — cá tambem tive um, menos grave, porem. É o caso de um negro que ontem à noite veio me cobrar o estipulado por um serviço que, dizia, eu lhe encomendara. Havia na sala comigo varios rapazes. Como,

(1) Engano de Lobato.

porem, não me recordava de ter visto nunca semelhante negro, nem tampouco ter-lhe feito a encomenda referida (que era, note-se, desairosa em extremo para mim) fiz-lhe ver que se enganara, que não podia ser comigo o negocio. Mas o negro insistia em afirmar: "Foi o Sr. mesmo, o Sr. promotor, uma vez que voltava da fazenda," e desmentiu-me categoricamente na presença de todos os rapazes, que principiaram a rir. Perdi então a cabeça, senti uma onda surda de cólera obliterar-me a razão, e agarrando o negro pelo pescoço, com as fôrças redobradas pela cólera, arrastei-o à beira da escada e ali com um formidabilissimo ponta-pé expedi-o aos trambolhões ate à rua, coisa de vinte e tantos de graus. O sangue desceu logo da cabeça e arrependi-me daquele excesso que poderia ter gravíssimas consequencias, uma cabeça quebrada, um ferimento grave, etc. Mas como proceder, Purezinha, num caso desses? Quando um negro bebado desmente-nos em presença de varias pessoas e calunia-nos?

Aborreceu-me o fato não pelo que pudesse suceder ao negro, mas por mim, por me não ter sabido dominar. A calma, essa calma serena e impossivel que numa das tuas cartas anteriores preconizavas como a maior das virtudes — é de fato a mais preciosa qualidade de um homem, e é justo motivo de tristeza o perde-la por cinco minutos que seja.

Amanhã desencanta-se minha festinha. Duas duzias de foguetes e uma reza de cinco mil reis. Ha-os de todo o preço à vontade do fregues — mais curtos, mais compridos com mais ou menos latim. O rezador é um sujeito vermelho e gordo que vive disso.

O Juri! No primeiro dia, como o reu não tinha crime para mim não o acusei limitando-me a expor o fato. O defensor, um rabula de Queluz, o Almeida Junior, aproveitou o ensejo para fazer figura bonita à minha custa, citando autores (que não conhece) e exibindo ciência (que não tem) tudo numa voz horrivelmente nasalada. Dispus-me, então, a no dia seguinte acaçapar o rabula, e para isso escrevi uma acusação enorme onde pus toda a minha ciencia antropologica criminal; onde usei duma linguagem rigorosamente tecnica, fora do alcance da sua inteligencia parlapatoria de rabula de roça, onde previ e destrui todos os recursos da sua defesa provavel, onde citei e expus opiniões de quanto criminalista recente ha no mundo — e achatei o homenzinho que ficou in-albis bem como os jurados que são duma matutez atroz. Quando ai contar-te-ei meus pedacinhos interessantes.

Aproxima-se o grande dia, o grande dia de te ver! Que saudades tenho tido Purezinha! Parece que já ha um ano que te não vejo e inda não (ou faz hoje) um mes. Vou primeiramente a Taubaté acertar uns negocios e depois, sossegadamente verei correr, ao teu lado, vivendo de ti, verei correr o periodo de ferias. O afastamento tem a inapreciavel vantagem de criar o prazer inaudito *do ir* para a pessoa amada. Como sou feliz quando penso que breve *me vou* para a minha Purezinha.

Adeus! Um milhão de beijos e abraços do teu saudoso

JUCA

Areias, 13.6.1907

PUREZINHA

Um ano faz, creio, que recebeste um cartão postal recomendando cuidado com os festejos de Santo Antonio — “não vá queimar-se...” “Não costumo brincar com fogo” — foi a resposta celebrada. Este ano não te farei essa recomendação: sei que não ha perigo de queimaduras. *Conheço-te!* Felizes os que podem dizer isto antes de casar...

Não teve essa felicidade o Z.B., como poderas ver por este trecho que transcrevo duma carta do E.: “Está o Z.B. viuwo aos quatro meses de casado e o pior é que neste ultimo mes a coisa já tinha chegado a um ponto agudo de queixas e brigas de parte a parte; ela dizendo-se doente e querendo tornar a Taubaté, ele escrevendo ao B. que era tudo manha e má educação (textual) e recusando-se a traze-la. Pela leitura das cartas pareceu-me que se não viesse a morte trazer uma solução inesperada o rompimento seria inevitavel e fatal”. Com o genio de G. era possivel uma vida harmoniosa com o Z.B.? Não se conheciam... Nessa tragedia quem me faz maior pena é o B., aquela criança grande que adorava a filha...

Vim hoje do Orizaba onde passei quatro dias num cavalgar incessante. Estou derreado. Apareceram umas onças pintadas na Bocaina, de 15 dias a esta parte, e duma invernada do Quim já comeram seis rezes. O Capitão Horacio Leme e outros partiram ontem em expedição contra ela; com grande magoa deixei de os

acompanhar pois necessitava estar aqui amanhã, por causa da audiencia. Uma batida às onças! Que cousa magnifica!... O diabo é que o frio por lá anda feroz.

Quanto ao negro, sossega. Essa gente baixa não é vingativa, é covarde, incapaz de agredir — mas caso isto se dêsse (o que não é de nenhum modo possível) eu o repeliria na altura da agressão; não viajo sem o meu tira-prosa na cintura.

Não ri-me do teu medo mas ri-me de uma outra cousa. Em cartão anterior fazes uma bela preleção sobre a calma, aconselhas-ma, a preconisas, e te fazes possuidora já de forte dose dessa preciosa virtude. Mas esta tua derradeira carta ressente-se de tanto nervosismo, tanta ausencia de calma... Vamos! Coragem! É ocasião de por em prática as teorias!

Purezinha, há em tua carta uma palavra que é a mais doce, a mais suave, a mais preciosa de quantas me tem vindo de ti. *“E que vontade de te ver agora...”* Penetram-me ao fundo da alma a sinceridade desse desejo e mais que em mil declarações li por detrás delas o teu amor, a tua saudade... Lembras-te das minhas queixas de outrora, contra as cartas que nada diziam parecendo tudo dizer? Frias, *convenables*, sem vibração emotiva, sem *alma*, sem pensamento? Nelas nunca surgia uma frase dessas, que vale tudo, diz tudo e despeja-me n'alma uma torrente de suave felicidade. Era contra a ausencia desses gritos d'alma que eu clamava... desses flagrantes, debito do sentimento, desses fugazes instantaneos do amor...

Inda te não posso avisar com segurança da minha ida, entretanto, está às portas. Amanhã, talvez te possa avisar, conforme o que houver na audiencia.

Ando numa impaciencia febril; nunca te amei tanto, nunca te desejei ver com tanto ardor como agora!...

Adeus, Purezinha.

JUCA

Areias, 15.6.1907

Estou triste hoje; veio-me agora à noite uma melancolia vaga que não sei definir. Especie de cansaço cerebral. Li tanta cousa, escrevi tanto; uma punição, um estudo de filosofia, tanta cousa...

e agora sinto um cansaço esquisito, uma saudade de voce mas de voce já minha mulherzinha, desse colo onde descansar a cabeça como em menino, duns olhos que me olhassem com amor. Quando penso nele, arrepio-me — este isolamento em que vivo... Nem um amigo nem uma alma irmã como me era em Taubaté Eugenio. Só, só, só...

Estou habituado a isso, pois já lá vão nove anos que desfez-se o ninho; mas em certos dias, em certas horas quase choro. Hoje, ao cair da noite fui para a sacada respirar um pouco, espairecer a vista. Ninguem mais na casa, o Carlos em S. Paulo, os outros moços na loja. Areias é uma desolação nesse momento. Os muros que a cercam fazem a escuridão noturna cair pesada e rapida. O sino tocou, triste, triste, triste... Dentro de mim o sino da saudade respondeu com um eco triste, triste. Saudades de tudo, vagas, imprecisas; saudades da minha Purezinha, dessa que vai ser a cura, o remedio, a saude do meu futuro. Um abatimento, uma lassidão... Agora comprehendo que necessidade imperiosa é o casamento.

Minhas ferias legais principiam a 23, quero ver se ganho uma antecedencia, mas inda não sei. Avisar-te-ei dela.

Adeus, Purezinha, e crê que nunca te amei tanto como hoje, nunca te desejei tanto — balsamo consolador da minha vida.

Teu do fundo d'alma

JUCA

P. S.: Teu postal de 14 recebi hoje e já deves ter em mão minha carta de 13.

JUCA

Areias, 16.6.1907

PUREZINHA

Ontem te escrevi sob uma misteriosa impressão de tristeza imensa, que me salteara bruscamente sem causa nenhuma aparente. Logo depois deitei-me e pesadelos horriveis — cousa rarissima — me assaltaram. Um pavor indizivel me torturou o pensamento, um medo de almas, de espíritos, de duendes. E não vendo nenhum surgir no quarto eu tremia julgando chegado o momento de *um* aparecer. E meu suplicio resumia-se na expectativa ansiada

desse um. Por fim um vulto feminino entrou, parando ao pé da cama. Não pude ve-lo: por mais que me esforçasse não consegui abrir os olhos. E tremia pressentindo-o ali, parado, misterioso... Depois de um tempo que se me afigurou enorme, o vulto chegou-se para mim e espalhou-me sobre o rosto um pó. Debatí-me com desespero para não respirar o misterioso pó. E acordei. Às vezes esses sonhos, essas tristezas subitas e vagas, são influencias, repercussões psíquicas de fatos remotos — acontecimentos funestos, mortes, doenças. Por isso estou à espera de alguma noticia má.

Serviços novos retem-me até o dia vinte, pelo que só por ai poderei ir. E para matar a espera (pois o meu serviço é para quinta-feira) sigo amanhã para a Serra com o Quim a encontrarmo-nos com quatro caçadores de onça que lá estão. Quero ver se mato a bicha. Foi sempre uma das minhas ambições: caçar onça. E a que anda por lá promete, pois continua a fazer estragos, subindo já a nove o numero de rezas encontradas mortas por ela. Promete ser uma pintada de bom tamanho. Se eu a matar levo-te um dente.

Vindo da Serra concluo o serviço de quinta-feira e rode para Taubaté e depois para ai, com dez dias teus, só teus. Arrel! Já vou tirar a barriga da miséria e encher-me da tua imagem — olhos, ouvidos, pensamento. Enquanto isso reza para a onça não comer o teu do coração

JUCA

Areias, 30 (Junho de 1907)

PUREZINHA

Acabo de reler todas as tuas cartas e esse fato, junto à beleza enevoada do dia, junto ao ar de dia santo que vejo boiando no pedaço de Areias que minha janela descortina — homens que entram e saem da igreja com coisas de procissão, padre, fogueteiro — impele-me para ti, força-me a te escrever.

Uma delas, sobretudo, cortou-me o coração (17 de Abril, em papel diplomata). Eu mesmo não posso crer como te arrastei a escrever aquela carta, onde uma dor tão grande, tão sentida, tão

sofrida, tão amarga reçuma de cada palavra. Purezinha, esse triste pedacinho da nossa vida já passou: dilue-se hoje nas penumbras do passado; teu generoso e nobre coração já perdoou, já esqueceu — mas o meu inda não; eu venho de novo ajoelhar-me aos teus pés e chorar de dor ao teu colo, dor de te ter feito sofrer. Ah Purezinha! Muito desvairado estava eu naqueles dias...

Mas nada ha como a dor para cimentar e consolidar o amor; e o meu cresceu e prosperou tanto daquele dia para cá que chego a dar graças às minhas irmãs, provocadoras do incidente. Como nos aproximamos depois dessa Dor! E ela foi tão grande, de parte a parte, que destruiu a possibilidade de fatos identicos para o futuro. Nunca mais — oh nunca mais! — te sobrevira o minimo desgosto, por leve que seja, da parte do teu Juca.

Desconhecia-te ainda, ali; foi mister a violencia daquele turbilhão de maldade para estremecer tua alma adormecida e pôr à tona o que espessamente se ocultava no fundo. Ao ver esse substractum de tua alma — mais belo, mais nobre ainda do que me era dado supor — eu tive um deslumbramento: — e hoje adoro-te como o crente ingenuo adora o santo da sua devoção.

Purezinha, minha adorada Purezinha! Quando poderei traduzir a ardencia dos meus sentimentos na unica linguagem capaz de bem os representar, nessa lingua delirante e de fogo que é o idioma dos beijos!... Só então conheceras a imensidade do meu amor, no delirio candente da linguagem do Amor. Antes desse Dia Feliz outro meio não possuo de vazar o que me borbulha no coração se não este, este pobre e frouxo recurso da palavra escrita.

O Sonhar contigo e de dia e de noite, o ter-te morando dentro da Imaginação, da qual já fiz tua criada de servir, o anelar incessante, a fusão eterna de nossos corações — essa é minha vida de todos os instantes. Fóra daí tudo me é indiferente. Amo-te, amo-te Purezinha, com todas as fibras do meu ser, amo-te no maximo que uma alma humana pode amar.

A carta que te escrevi ontem esta em caminho, a cavalo, chegando talvez a Queluz. Esta só poderá seguir amanhã 31, devendo cair sob tuas mãos às 8 horas do dia 1.º de Julho, começo do novo semestre. Não quero inicia-lo sem obter da minha Purezinha uma cousa... Quero que as perdoes e apagues todo o ressentimento dentro de ti acumulado contra minhas irmãs. Elas ignoram o que houve entre nós proveniente daquele malentendido, e são muito mais dignas da tua amizade do que terás suposto. Querem-te bem e se aquilo fizeram foi unicamente por excesso

de amizade que me tem Fala com Noemia, por mim, para que tambem nela não fique resquicio de má vontade. Posso contar com mais essa prova da tua grandeza d'alma, da nobreza dos teus sentimentos?

Adeus! Um milhão de beijos do teu apaixonadissimo

JUCA

Nota — Estou adotando a ortografia de Candido de Figueiredo por isso não te choques com esquisitices que se te depararem.

Areias, 6.7.1907

PUREZINHA

Fiel às tuas prescrições inicio neste sábado a minha correspondencia Juliana (do mes de julho) — faço-o pesaroso pois me era grato prazer o escrever-te amiudadamente. Mas uma vez que tal espaçamento vai contribuir para a tua engorda, faço das tripas coração e mantendo-o rigoroso.

No dia em que vim chovia por tal maneira que achei de boa politica portar em Taubaté prosseguindo a viagem no dia seguinte. E brilhei, pois o vigario daqui que embarcara comigo e persistiu em não interromper a viagem, aportou em Areias transformado em esponja embebida d'agua e lama — e eu pilhei o maravilhoso dia de ontem. Dia lindo mas siberiano. À noite estavamos todos aqui literalmente entanguidos, e pela manhã de hoje vimos os campos circunvizinhos recamados de geada. E aí? Conta-me como foi isso.

Hoje observei um fato que com muita nitidez define a psiquica de Areias. Ali pela hora do jantar uma coruja na cimalha da Matriz. O Julinho que estava conosco (pois todo dia entra-nos em casa a tempo de filar a sobremesa) manda buscar a Flaubert e da minha janela inicia um tiroteio à coruja. A distancia porem excedia ao alcance preciso da carabina de modo que foram improficos os onze tiros que assisti serem dados da minha janela.

Bem. Sai, dei um giro pela rua de baixo e ao tornar vi um ajuntamento dumas cem pessoas, a maioria molecada, reunido no

largo, muito quietos e atentos, de boca aberta para o ar. E observei as sacadas todas apinhadas de moças e mais especies humanas, convergindo olhares para o mesmo ponto. Aproximei-me curioso e vi o corpo almeidanogueiresco do Julinho, numa das janelas da casa do Sampaio, de carabina em punho, a fuzilar a renitente coruja. As balas sibilavam por sobre o largo sem nem de leve incomodar a calma suindara. Por fim uma bala bateu nela de raspão arrancando umas poucas penas com grande gaudio do populacho que irrompeu em aclamações. E a coruja, percebendo por fim a coisa, deu de asas e abalou para longe. O molecame acompanhou-a em gritaria e o resto da tarde comentou-se o notável acontecimento.

Por este fato podes avaliar o que é esta minha deliciosa Areias. Tivesse ela estrada de ferro e seria aqui que iniciariamos uma vida de casados — tanto é merecedora de ser conhecida e apreciada nas suas ingenuidades de cidadezinha antiga. E tu, meu benzinho, que te ha sucedido depois que vim? Escreve-me contando o estado do teu coraçãozinho. Não calculas, Purezinha, que bem, que alegria, que felicidade imensa causaram-me umas lagrimas que vi brilhar na janelinha dos teus olhos, no dia da despedida. Como disseram elas, eloquentemente, o que sentes por mim. Benditas lagrimas, fotografias vivas do teu estado d'alma, naquele momento, espelho do teu amorzinho. Nunca te amei tanto como naquele momento, e nunca, como naquele momento, senti tão retribuida a minha paixão. Como é eloquente a mudez da lagrima.

Adeus, meu amor! Aceita um abraço e um beijo do teu

JUCA

P. S. Tiramos a sorte grande? Eu já tirei uma, uma vez, e igual a ela creio impossivel outra: a tua adorada mãozinha. Não obstante persisto em tentar uma outra, de outra especie.

Areias, sábado 13.7.1907

PUREZINHA

Antes de mais nada: lembre-me, quando ai, para comprar papel de carta. Já ando envergonhado de te escrever nestes sorridos papeis roceiros.

Esta sei que te vai encontrar já sossegada e sabedora de que inda não morri, e para isso toda a minha diligencia empregar-se-á em evitar um *lapsus-memoriae* (cuidado com o latim!) como no sabado passado. Inda tenho ante os olhos o teu sobressaltado cartão. Pobre da minha noivinha! Mesmo involuntariamente lhe acarreto aborrecimento. O que vale é que doravante só por essa forma poderás te queixar de mim; por livre vontade nunca, nunca te proporcionarei o menor dissabor, não vai ser assim?

Que desejos violentos tenho eu de já estar casado, afim de demonstrar com fatos o que por ora somente com palavras me é dado afirmar! Provar que mina inexaurivel de amor, bondade e carinho se aninha dentro de mim. Mas esse tempo abençoado ha-de chegar e então, minha adorada Purezinha, verás o como eu era sincero e pouco exagerado no tempo de noivado. Dias felizes serão por esse tempo os nossos, pois creio que só no *home*, dentro do ambiente tepido duma casinha *da gente*, lidando com os dois anjinhos (só dois) que a Natureza nos dará, um vivendo para o outro e ambos para os filhos, encontraremos o maximum de felicidade possivel neste mundo. Sem nunca brigar, Romeu e Julieta quando noivos, Mateus e Mariana quando casados, um romancista poderá publicar sobre a nossa vida um livro cujo título — o Casal Feliz — dirá a essencia e o enredo da obra. Não vai ser assim?

Tenho sentido muito a falta das tuas cartas. Habituala-me a receber-las tão amiude que se me afigura desumano o espaço de uma semana que intercalaste entre elas. Atualmente, cartas amigas, só recebo as tuas, as do Rangel, as do Eugenio e uma ou outra do Candido. Estou de todo insulado dos velhos amigos. Ha meses e meses que não os procuro nem os vejo. E como não ha de ser assim? Se focalizei todo o sentimento que espalhava por eles sobre a minha adorada Purezinha?

Tenho consagrado os meus dias à leitura, sem descanso, maior que o tempo das refeições. É a minha pinga, o meu haxixe, o meu processo de encurtar o comprimento dos dias, e esquecer, e não pensar. À noite, então, depois de deitado, solto da gaiola a Fantasia, e até vir o sono deixo-a borboleteando em redor da tua imagem, a idealizar castelos eburneos dos quais és tu a castelã formosa; a ante-sonorar os deliciosos sonhos que o sono breve me porporcionará. E tenho-os, tive lindos, sempre contigo, ainda noivos às vêzes, já casados outras. E pensar que tais sonhos são a visão cinematografica do nosso futuro...

Adeus, meu benzinho, e quere-me como te quero.

Beijos e abraços aos milhões
do teu do coração

JUCA

Areias, 19.7.1907

ADORADA PUREZINHA

Um pensamento negro, um morcego psíquico, um remorso de todos os instantes torturam-me desde ontem. Pois não é que deixei passar o dia dos teus anos sem um cartãozinho? Que memória detestável a minha, para reter datas! Pois has de crer, Purezinha, que vacilo até com o aniversário das minhas irmãs, e sabendo que é a 3 e 13 de Novembro, não sei de quem é o 13 e de quem o 3? Alice Monteiro todos os anos cumprimenta-me pelo 18 de abril; pois eu poucas vezes tenho-lhe retribuído a amabilidade por causa das malfadadas eclipses que se me recorrem na memória. Tinha um presente para te dar — mas já agora envergonho-me de o fazer extemporaneamente. Vou te impor uma obrigação: sempre que se aproximar o teu aniversário avisar-me-ás. Está feito? O que me aborrece é prever em ti pensamentos errôneos a meu respeito: "o Juca que esqueceu o 6 de Julho é que também pouco se lembra de mim". Entristece-me o eu ter dado margem a que penses tão erroneo pensamento. Mas tu me justificarás, não é assim?

Fui segunda-feira e voltei hoje do Orizaba, donde trouxe umas fotos. A D. Brazilia Leme lembra-se de ter estado com D. Brazilia Natividade há 27 anos no colégio do Dr. Quirino, a D. Brígida e D. Henriqueta, havendo esta tocado uma música chamada "Désir d'Harmonie." Vê que memória tem ela e que contraste faz com a minha?

Já que falei em música não resisto a comichão de te pedir que arranjes a todo custo e estudes e toques uma polca — "Pipoca". Se não a encontraras por aí, avise-me que de qualquer modo cava-la-ei. Essa polca simboliza para mim Areias, tantas e tantas vezes tenho-a ouvido executada em saraus ou fóra deles. É uma melodia reles, mas dessas que se nos gravam no espírito por ins-

tinto do lugar em que as ouvimos. Taubaté me evoca a⁽¹⁾), São Paulo a "Bohème", Areias a "Pipoca".

Os pianos daqui são em numero de quatro. Ao do Sampaio faltam cinco cordas e bambearam outras tantas, de modo que o piano lá é piano e violão rachado ao mesmo tempo. Curiosíssimo. Os outros são umas marimbás incríveis. O ultimo afinador de piano que havia por cá morreu em 1886. Mesmo assim prestam os musicos inolvidáveis serviços à causa coreográfica.

Não fiquei satisfeito em saber que tu andas acumulada de serviço no colegio. Magrinha como estás a que estado ficarás reduzida com esse acréscimo de tarefa! Lembras-te da Corineta do Saint-Phor? Estás como ela — esvaindo-te — e quando chegar o dia do casamento não sei *com que* casarei... Cuide de engordar, que o mais é história. Uma destas noites sonhei-te roliçazinha como uma juruti e, cumulo de otimismo! — corada! Muito tempo ausente (não me explico porque) voltas de novo a habitar meus sonhos e tão deliciosos são essas aparições já que é o grande prazer aqui, dormir, dormir para sonhar e sonhar contigo.

Adorada Purezinha! Como eu te quero! Com que voluptuosa voam para ti todos os meus pensamentos cor-de-rosa e como se me afigura uma Pletora de Felicidade o nosso breve enlace.

Adeus! Responda-me breve, não te demores como da ultima vez.

Uma carroçada de abraços e beijos do teu
do fundo do coração

JUCA

Areias, 27.7.1907

PUREZA

O teu cartão recebido hoje comentando o que eu enviei com um grupo de moças entristeceu-me. Vi nele uma recriminação que não me pareceu feita em tom de caçoada. Será que dissesse aquilo, pensando-o seriamente? Será que ainda se aninharam em teu coração duvidas acerca dos meus sentimentos e do meu pro-

(1) Ilegível no original.

cedimento? Já te esqueceste da cartinha onde estabeleci um pacto de absoluta confiança entre nós, ausentando qualquer recriminação, a não ser quando houvesse razão segura? E me recriminas sem a menor razão!... Juro-te, Purezinha, que não tens motivo para o fazer. Sou o mesmo teu apaixonado de sempre, sou como fui, como tenho sido, como serei sempre. Já na tua desta semana, mal-entendendo uma frase minha, atribuindo-lhe um sentido absurdo, censuras-me com a mais clamorosa injustiça. Escrevi-te restabelecendo o sentido das minhas palavras, adulterado, e tu sem te referires a esse cartão e dizer só ele te desfez as duvidas — reincides...

Escreve-me logo, contando que o vento da Confiança varreu já as duas nuvenzinhas impertinentes com que tua exagerada imaginação toldou o céu da nossa paz amorosa. Breve estarei ai e não quero ter o desgosto de te ver entristecida com cousas imaginarias. Espanta esses sonhos e sossega de vez.

Por aqui a novidade é um circo de cavalinhos fazendo furor. Não calculas que acontecimento é isso para Areias. Ha dez anos tal não sucedia! Crianças, meninas taludas, choraram de medo do palhaço, que pela vez primeira viam. Moças tapavam os olhos, nervosas, à hora do trapezio ou da barra.

Alem desses espetaculos bi-semanais houve no dia 24 uma festinha numa capela de N. S. Aparecida, com jantar, leilão e fogos! (Os fogos foram uma duzia de foguetes de lagrimas, e quatro rodas de fogo muito chinfrins, mas de enorme sucesso.) Pobre Areias! Desejava que a conhecesses, tão humilde, tão *boazinha!*

Ha quatro dias um agenciador de camaradas levou daqui sessenta homens, para o Oeste. Hoje retirou-se para São Paulo, o Bigeu, escrivão, um belo moço. Para o mes retira-se de vez uma familia grande. Dia a dia Areias desfalca-se de gente e lentamente definha... A sua agonia dura já vinte e tantos anos. Mas deixe-mo-la em paz.

Manda-me contar se te aumentaram as banhas e se ainda substitues no colegio a professora doente. Fala-me de ti, em tuas cartas, só de ti porque só você me interessa. Conta-me o que fazes, o que pensas, como passas, etc. etc.

Os negocios que me prendiam aqui estão quase liquidados de modo que talvez eu tire uma licença de tres meses e não volto mais para cá.

Adeus! Escreve-me logo, logo e aceita um milhão de saudades do teu

JUCA

Taubaté, 28.8.1907

PUREZINHA

Saudades intensíssimas como ainda tão fortes nunca as senti, obrigam-me a infringir o combinado e mandar-te esta cartinha fóra de tempo.

Este mês passado ao teu lado levou ao apice supremo o meu amor. Não me sais da ideia um só instante, de dia, de noite... O teu modo de rir, o teu modo de falar, o que me disseste, tudo revive em minha imaginação numa lucidez de sonho. Como te quero minha adorada Purezinha!... Como te comprehendo e como te admiro!... Abençoado seja o momento em que te conheci.

Um abraço saudosíssimo do

TEU JUCA

Areias, 30.8.1907

ADORADA PUREZINHA

Acabo de chegar à minha sossegada Areias e delicio-me no silencio, na mansidão, na pacatez deste ambiente tão em contraste com o daí. O unico ruido que me chega aos ouvidos é o dos grilos trilando... Mas uma cousa falta aqui e sem ela não ha graça nem encanto em parte nenhuma do mundo. Falta a ti, falta a minha Purezinha...

Pelo caminho vim viajando contigo ao meu lado, em pensamento, e nunca o tempo correu tão depressa nem tão agradavelmente. Es o meu Oasis. Quando quero descansar e ser feliz deito-me à sombra dele e sonho e vivo intensamente. Não imaginas Purezinha como o pensar em ti, o rememorar os dias felizes que

passamos juntos, o arquitetar os felizes dias do futuro me faz bem à alma! Rio-me sozinho quando penso em ti. Purezinha, tu poderias encontrar quem te desse mais conforto, mais riqueza, mais mil cousas; nunca, porem, quem te amasse mais. És feliz, porque és a criatura mais sincera e mais ardenteamente amada do mundo.

De Taubaté a Pinda vim com Nhazinha; abordei-a, perguntando: — “Por que anda a Senhora a falar mal de Purezinha?” Ela protestou que não, que unicamente à Maria se queixara e a mais ninguem, que reconhece os favores que deve a D. Brazilia e era incapaz de fazer o que disseram que ela fez; que é tudo intriga, etc. etc. Tive dó da coitada.

Adeus, beija-te o teu

JUCA

Areias, 2.9.1907

Recebi hoje, minha boa Purezinha, a tua de ontem e deu-me ela tanto prazer... que não resisto ao desejo de infringir de novo o pacto. Mas não faz mal. Eu escrever-te-ei todos os dias e tu me responderas englobadamente aos domingos. E sabe por que isso? Porque no isolamento em que vivo tenho necessidade imperiosa de me expandir com alguem e esse alguem quem poderá ser senão a minha adorada, a minha intensamente amada Purezinha?

Arrependo-me de ter passado um mês contigo... Meu amor cresceu em excesso, exagerou-se; porque contigo, Purezinha, dá-se o inverso do comum: quanto mais se te conhece mais se te admira, mais se te ama, mais se te adora...

JUCA

Areias, 3.9.1907

PUREZINHA

O Carlos ainda não veio; o Ismael se foi ontem para o Rio; o Samuel, meu unico companheiro, atualmente, passa o dia inteiro

na loja e só nos encontramos ao almoço, ao jantar e ao deitar; imaginas tu o meu isolamento!... O Quim mora na fazenda do Julinho, que é o meu Eugenio daqui, só de rapida em rapida fugida é que vem dar-me dois dedos de prosa; os outros são criaturas com as quais mantenho exclusivas relações de cortesia, unicamente. Isso me força a vir conversar contigo, embora conheça que a minha carteação amiudada te traz mais desassossego que prazer, mais magreza que gordura.

Encho os dias lendo — leio para me embriagar, como o bebado que bebe para *esquecer*. Desde que cheguei até este momento em que escrevo já devorei perto de 1500 paginas in-octavo. E se não fizesse isso morreria de desespero e saudade. Mas sou feliz inda assim, porque, se no mais agudo duma contrariedade irritante da vida volto o pensamento para a minha Purezinha, sorrio maquinalmente da felicidade e sinto uma felicidade indizivel apossar-se de minha alma. É o que me dá vida, coragem e energia: tu, o meu amor por ti.

Adeus, minha Adorada Purezinha! Abraços e beijos do teu

JUCA

Areias, 4.9.1907

QUERIDA PUREZINHA

Mando-te duas sementinhas duma deliciosa moranguinha que ha por aqui. Tem a forma e o tamanho dum maracujá-guaçu e assada é ótima. Plante-as com todo o cuidado e num bom lugar.

Tenho nova sessão de juri este mes, com dois processos; um deles horrivel: — um pai que perdeu a filha e vivia com ela. E no meio dessa maçada, saudades, saudades agudas de ti, da tua voz, dos teus amuos, dos teus sofismas...

Abraça-te o saudoso

JUCA

Areias, sábado (Setembro de 1907)

PUREZINHA

Ficaste lograda neste ultimo domingo mas a culpa foi de Areias. Os dias aqui são tão monotamente iguais uns aos outros que é mister recorrer as folhinhas para se saber a quantas ando. Entre uma segunda-feira, uma terça, um sabado não existe a menor dissemelhança, donde confusões constantes. Foi o que se deu comigo; julguei ser hoje sexta e só à ultima hora verifiquei meu erro — razão pela qual receberás esta segunda-feira em vez de domingo. Espero que isto te não emagrecerá inda mais.

Como me contasse que o Cavalcanti quer voltar para cá escrevi-lhe hoje propondo permuta. Em Caçapava ficaria a 3 horas de voce, a 1/2 de Taubaté e a 2 da fazenda do vovô, de modo que até para casar serve. Eu agora, na analise de um lugar para onde eu possa me remover estudo de preferencia o problema do casamento. — "Pode-se casar lá?" — "Pode." — "Então serve". As outras considerações vêm em segundo lugar. Não é bom o sistema?

Para matar os dias interminaveis, vazios e solitarios atordoo-me com leituras excessivas, muitas esgotantes, das quais só saio para ir repousar a cabeça cansada à alfambr do meu Oasis, o meu delicioso Oasis, — tu! E assim reparto meu tempo e minha vida: o trabalho mental e o devaneio contigo.

Adeus! Um apertadissimo abraço do teu

JUCA

Areias, 9.9.1907

PUREZINHA

A calma e monótona Areias pos ontem as mangas de fora. Imagina tu que ao meio dia recebo noticia que o Comandante do destacamento local, um moço muito bem educado e distinto, fora encontrado na estrada de Queluz, morto, com a boca cheia de sangue. O delegado não estava, o sub-delegado estava na roça, de modo que eu tive de tomar as providencias necessarias.

Logo depois apareceu o carcereiro com a noticia que o preso Isaias (o tal velho que já te falei) enlouquecera. Fui ve-lo. Tinha passado a noite despedaçando as roupas e gritando que o iam fuzilar. Encontrei-o calmo, de pé próximo à grade, com o queixo na mão. Interroguei-o; respondeu "estou 'muginando" — e as lagrimas começaram a correr. Como um louco não chora, deixei-o, convencido de que fora um acesso passageiro, de desespero. Depois soube que mandara chamar a mulher e a filha e lhes pedira perdão. E nada mais houve durante o dia.

A meia-noite, porem, bateram à nossa porta; fui a janela e divisei dois vultos que me procuravam: o carcereiro e um soldado. — "Sr. Dr. vim lhe participar que o Isaias enforcou-se na grade", disse o carcereiro. Chovia, estava de breu a noite, clareada, porem, de longe, por um relampaguear arroxado. Vesti-me e saí.

Um quadro lugubre encontrei. O velho pendurado na grade pelo pescoço, os pés amarrados com um lenço e enfiados por um vâo, na atitude de quem está assentado *no ar*. A lingua negra escapava da boca e um fio de baba descia do nariz até o chão. Enforcara-se com a ceroula e tinha atras da orelha um cigarro de palha que o filho lhe dera durante o dia. Dei ordem para que fossem chamar o delegado muito cedo e vim deitar-me.

Pouco depois, a mulher e a filha, avisadas, compareceram e houve cenas de desespero; a filha, porem, permaneceu impassivel; não pronunciou palavra nem fez um gesto.

De manhã, o filho do enforcado que é soldado aqui, apresentou-se com sintomas de loucura e foi mister mete-lo no xadrez onde esta berrando como um possesso.

Como vês não podia ser mais tragico o dia de ontem. Felizmente não sou nervoso, nem muito impressionavel e dormi como um justo após a lugubre visão, sem sonhos nem pesadelos.

Recebi o teu cartão do dia 6 e hoje, segunda, aguardo a carta nele prometida.

Acabo de receber a tua de 8. Que contraste com a minha! Aí festas; aqui tragedias... Mas que me importa isso? Tu és a unica realidade para mim. Tudo mais é sonho, é pó. Aí, para mim, ha sempre festa, porque minha festa és tu, meu coquetel és tu, meu *garden-party* és tu. Aqui é sempre triste de tragico — porque tristeza e tragedia querem dizer: tua ausencia. Mas não faz mal, havemos de tirar uma desforra e quanto mais demorada for a espera mais *intensa* será nossa felicidade.

Amo-te sempre e cada vez mais; cada dia que se passa sinto fazer progressos o meu amor; ele é como a arvore plantada em terra fertil — cresce sempre, cresce indefinidamente. Adeus! Um milhão de abraços, beijos e saudades do teu

JUCA

Areias, 10.9.1907

PUREZINHA

Escapou-me ontem sem resposta um tópico da tua carta. De fato prometi ao Bento ir-lhe ao casório, *se pudesse*. Mas não posso; só poderia num caso: se tu fosses também. Não vais, *ergo* não posso. E estimo que não vás. Pode alguém retomar contigo uma célebre catequese iniciada há tempos e isso vir a ser fonte de aborrecimentos para nós. Sabes de quem falo.

9 horas da noite —

Continuo esta começada de manhã. Mas que te dizer? Estou hoje tão triste, tão cansado desta vida inútil de Areias... Não tenho animo de te dizer nada. Sairiam coisas tristes que te iriam entristecer.

Que vontade de conversar, mas conversar com uma pessoa amiga que eu entenda, que me entenda — coisa que não existe por aqui. Não ter com quem falar... eis uma penúria que nunca poderás compreender. São tão idiotas, tão banais, tão irritantes, tão provincianos os meus conhecidos, os meus *amigos* daqui que fujo de os conversar, como se foge de uma maçada. O Ismael chegou hoje do Rio; mas como é caixeiral!... como é Cabral!

Hoje, à hora em que saiste do colégio, acompanhei-te em mente desde o portão do colégio até o portão da tua casa, e como me doeram as saudades... Purezinha! Purezinha!

TEU JUCA

Areias, 11 (Setembro de 1907)

PUREZA

Ontem triste sem saber por que; hoje alegre e na mesma ignorancia. Entenda-se! Grande sabedoria a do *nosce te ipsum*, a qual, porém, nunca poderemos alcançar.

E tu benzinho? Como vais, como passas, que fazes? Escreveste-me ante-ontem e já se me afigura que vai para mês que te não leio... Miopia amorosa, não é?

Adeus! Um abraço bem apertado e um... *mais à tout prendre ques' ce que?*

do teu

JUCA

Areias, 14.9.1907

MINHA ADORADA PUREZINHA

Acabo de rabiscar um bilhete postal explicando-te mais um engano meu na contagem dos dias da semana; mas eu te quero tanto, que ainda tento ver se te não deixo sem carta este domingo. Mas não sei se esta alcançará o estafeta. Depois de amanhã temos juri; felizmente há um só processo, ferimentos leves, sem importância. O réu é uma ré. Veja que tolice a do Carlos! — Abrir inquérito e organizar processo duma modesta briga de mulheres, e que mulheres! Duas pretas...

Creio que vamos ter mais um noivo em casa. O Ismael Miller, impressionado com tantos casamentos em perspectiva que o rodeiam (o “seu” Carvalho, Edu, o Carlos) e tendo recebido participação de cousa idêntica de um irmão mais moço, resolveu ficar noivo a todo transe e para isso foi ontem a uma vilazinha próxima, Sant’Ana das Tócas, pedir a Dorinha — uma prima de lá. Vê voce a força da sugestão. As daqui estão danadas com o procedimento dele. Pedir uma de fora quando há tantas aquil! Que descasos! O fato é que, da nossa república só está *disponível* um, o Samuel.

Tenho sonhado contigo constantemente, passeios juntos, extravagancias, coisas caóticas que pela manhã se desvanecem deixando unicamente uma impressão vaga e deliciosa. De noite és

o meu sonho; de dia o meu Oasis, o ponto luminoso onde descansar meu pensamento, onde minha imaginação constroi castelos encantados.

Minha Purezinha! Como te quero! A ausência quanto mais se prolonga mais aumenta a intensidade do meu amor. Quero-te fúriamente!... desesperadamente!... E tu? A ausencia não acalma, não minora a intensidade do teu sentimento? Adeus, Purezinha! Um bilhão de beijos, abraços e saudades do teu do fundo d'alma

JUCA

(Não tenho tempo de reler esta)

Areias, 15.9.1907

PUREZINHA

Escrevo-te hoje porque amanhã o mais certo é não o fazer. Tenho juri e essa maçada prolonga-se do meio-dia à tardinha, quando não entra pela noite a dentro, como o último que tivemos.

O nosso Ismael está noivo; não resistiu; falta só um. O Carlos chegou ontem inesperadamente e mal mudou de roupa voltou-se para a Amali e de lá, fez como eu contigo, só saiu quando deu 11 horas.

Ontem apareceu-me cá vindo recomendando a mim de Cachoeira, o Sr. Francisco Braz, cego de nascença, educado no Instituto dos Cegos do Rio. Leu-nos poesias suas, tocou flauta, fez adivinhações de idade por meios mnemo-matemáticos, descobriu que eu nasci numa terça-feira, dois dias antes da lua nova. Não o fiz adivinhar o teu porque estou na dúvida se nasceste em 86 ou 87⁽¹⁾. Tira-me dela.

Purezinha, eu tenho uma cega confiança em ti mas não tenho bem certeza se tu sabes guardar bem guardadinho um segredo. Se mo prometeres de modo que faça fé contarei um interessantíssimo na proxima carta. Estou vendo em brasas a tua curiosidade!... Para te sossegar um pouco direi que esse tal segredo não diz respeito a nós e não tem nenhuma importância, apenas serve de pano de amostra das aparições mundanas.

(1) D. Purezinha nasceu em 8 de julho de 1885 e faleceu em 27 de abril de 1959.

Todos os dias, quando acordo passo momentos deliciosos, mergulhado numa sonolencia acordada da manhã. A minha imaginação põe-te ao meu lado e mentalmente temos conversas longas, sussurradas ao ouvido. A imaginação e a memoria, que preciosas faculdades mentais são elas! Uma *recompõe* o passado e por ela te vejo em mil ocasiões e em mil atitudes como se te visse por meio de um cinematografo. A outra *compõe* o futuro, arquitetando-o com os materiais reunidos pela primeira. E é assim, pelo concurso dessas duas dedicadas servas que eu já de ha muito tempo moro com aquela que ha de ser minha, moro contigo em sonho e em pensamento.

Um abraço de cinco minutos do teu

JUCA

Areias, 20.9.1907

PUREZINHA

Coisas minimas são grandes acontecimentos para Areias. O coreto que armam sob as nossas janelas e mais um modestissimo cavalinho-de-pau que, à tarde, um carro de boi despejou no largo constituiram a *great attraction* de hoje.

A meninada anda radiante. À hora em que escrevo, 8 da noite, lá estão elas, a tagarelar e a rir, rodeando os "homens do cavalinho de pau" que principiaram a armar a joça agora ha pouco, alumeados por uma lampada acetilena que foi um sucesso quando acendeu.

Na armação do coreto Areias em peso tem metido o bico, de modo que o serviço inda esta muito atrasado. Cada um que para dá um aparte ou propõe um alvitre. O Comendador Sampaio e o Seu Joaquim Carvalho são os engenheiros da obra e nela passam o dia. O Arnoldo barbeiro larga a tesoura e vem de mão no bolso ver o serviço. O Comendador Marques critica este ou aquele páu, fóra do prumo, e cita definições de geometria. Eu e o Carlos da nossa janela metemos o bedelho e tambem fazemos engenharia.

A festa é importante. Vem uma banda afamada, "banda de fora"! Familias de Silveiras chegam aos poucos e do Rio vieram hoje umas 3, aparentadas com o Sampaio. As fazendeiras vão-se

chegando, a cavalo. A noiva do Ismael vem amanhã. Eu dava um ano de vida para te ter ao meu lado e apreciarmos juntos esta adoravel vidinha de roça. Como havias de gostar!

Lá vem a banda do Julinho, vem tocando uma dessas musicas que fazem lembrar logo os circos de cavalinhos!... Aposto eu como não ha uma só pessoa que não esteja atenta a ouvi-la e fazendo comentarios — o que será? Para onde irá? Estivesses aqui e estariamos na rua, *apreciando o movimento*.

Se não fosse mister ter em mira outros fins que não a comodidade e a vida sossegada eu não sairia de Areias e iniciaria a vida de casado aqui. Agora comprehendo porque o Julinho e tantos outros rapazes tão distintos aqui se casaram e aqui hão de morrer...

Começaram uma reza na igreja!... o padre esta cantando ao som do orgão... agora as meninas... Isto me evoca nitidamente a Semana-Santa, a nossa Semana Santa, a semana em que te fiz a minha santa. Lembra-te? Que saudades... o primeiro "voce"... Que saudades do tempo em que te falava só na 3.^a pessoa, a Sr.a... Dona Purezinha... La na tribuna, na sexta-feira... Quanta poesia no passado! O cheiro do incenso, o povareu... O Sr... a Sr.a...

JUCA

Areias, 27.9.1907

PUREZINHA

Deves ter notado que nestes tres ultimos dias não te foram os costumeiros cartões postais. É que os passei no Orizaba vitima de uma fotografite intensa e todo absorvido nela. Não me fotografiei, porem, ocupado como estive em fotografar os outros e a unica em que apareci saiu velada a chapa como veras por um pedacinho que te mando.

Em caminho para cá recebi do estafeta o teu cartão de 25 pedindo que descrevesse a festa minuciosamente. Eu devia te-lo feito um dia após — agora já esfriou a impressão. Mas estava otima como festinha, humilde e sem pretensão. Comentei eu procissão, missa comprida, dois leitões e cavalinhos de pau.

O cavalinho de pau foi o grande sucesso da festa. As meninas e as moças tomaram conta dele de tal forma que os meninos ficaram a ver navios. Chegou a um ponto certa hora, em que o único homem que havia nele era o dono.

A Maria Amalia e a Bequita tocaram o realejo para ganhar comida de graça. Lograram o dono por todas as formas: em dez corridas sete eram de meia cara. Esteve monumental!

No leilão havia uma prenda que fez sucesso; era um piniinho do tamanho duma xícara.

- “2.000 reis para o Sr. fulano”
- “3.000 reis para Dona fulana”

Fizeste bem em me lembrar a data da primeira carta. Eu nunca me lembro dessas cousas. Vamos fazer uma combinação? Tu ficas sendo a minha memória; lembrar-me-ás datas, fatos, deveres, obrigações sociais, etc. Incorro sempre em falta vitimado pela inconcebível patetice da minha memória.

Estou muito cansado da viagem, o cavalo era muito trotão e a fez em quatro horas, por isso não continuo. Estou cansado e burrificado.

Adeus! Um apertadíssimo abraço bem ao encontro do coração e um beijo do teu

JUCA

Manda-me a tua opinião sobre os dois artigos que seguem junto a esta.

Areias, 18.10.1907

PUREZINHA

Não te faltará esta semana a cartinha dominguera, impregnada da profunda saudade que me voltou a habitar a alma. Essa inquilina só me abandona nos breves dias que passo ao teu lado. Mal te deixo tenho-a comigo, constante, insistente, companheira de todos os momentos. Como tu és feliz! Bem pouca gente do mundo poderá gabar-se de ser tão intensamente amada como você!...

Creio que num cartão anterior te prometi umas notícias boas. Dou-as hoje. Como talvez saibas eu e vovô andavamos de relações um tanto estremecidas apesar de, no fundo, sermos grandemente

amigos. Ao vovô ofendeu o ter eu te pedido em casamento sem nem por delicadeza haver-lhe consultado — motivo pelo qual ele se mostrou hostil deixando transparecer o seu ressentimento por varias vezes; a mim, porem, nunca tocou no assunto. Reconciliamo-nos, porem. Expliquei-lhe o meu procedimento: não o consultei receiando uma resposta desfavoravel a qual me obrigaria a desobedece-lo. Para evitar esse mal adotei o mal menor: participar o contrato de casamento. Ele satisfez-se com a minha explicação, conversamos sobre voce e ficou tudo nos eixos.

Prometeu-me casa, caso formos para Caçapava: a casa onde morou o Candido Marcondes, que é propriedade do vovô. Prometeu-me mandar concerta-la e pinta-la para nós. Coitado! Não calculas como ele me quer. Isso alegrou-me bastante e deve causar prazer tambem a ti.

Esta comigo em Areias o Rangel. Hoje saimos à tarde mostrando-lhe eu tudo quanto Areias tem de notavel: o sino da Igreja que o povo considera o melhor do estado, o lugar onde existiu o teatro, o Comendador Marques, etc. Mando-te uma fotografia-zinha do Ismael com a noiva. Dá uma ideia deles.

Adeus! Um milhão de beijos à G.R. e um abraço bem apertado do teu

saudosissimo

JUCA

Areias, 23.10.1907

PUREZINHA

Deu-me muito prazer a tua de 21 contando a brincadeira dos anos de Noemia. É o que te peço encarecidamente: não perder occasião de espairecer, arejar a alma, tonificar o corpo. Bem sabes o quanto influe o espirito no corpo e o como alegrar aquele beneficia este. É um dos meios de engordar, a alegria, o bom humor, a vontade de se divertir.

Eu continuo nesta horrivel expectativa a ler, a ler — unico refugio possivel contra a lentidão do tempo.

Ribeirãozinho, comarca recem-criada, tentou-me por uns momentos. Mas vendo no mapa horrorizou-me a distancia: quattro

horas adiante de Araraquara. E depois é um meio excessivamente rude e violento — não te serve. Desisti. Vale mais pacientar inda um pouco. Em Dezembro casa o Ismael e como fica morando cá na republica breve desocuparei o beco, pedindo uma licença e saindo daqui já com as malas, certo de não voltar — isto no caso pouco provavel de até lá não se ter já realizado a minha eterna remoção.

Que falta imensa sinto de ti! Passo meus dias a sonhar o tempo feliz de nossa união, a sonhar contigo, com a D.Purezinha Lobato.

Adeus! Recebe um abraço apertadissimo e um beijo do teu do fundo d'alma

JUCA

Areias, 24.10.1907

PUREZINHA

Escrevo-te às 9 da noite atormentado de espirro e sob a musica monotonâ da chuva. Ontem à noite tivemos um forte temporal incêdo de relampagos e trovões. E foi esse o fato importante que ocupou a atenção de Areias hoje. Ali pelas 4 horas, quando a chuva se amontoava no ceu em grossas nuvens prestes a desabar, em todas as casas se enchiham as janelas. Porque em Areias, Purezinha, ver chover é uma distração...

Quanto a mim, distraio-me pensando em ti, cultivando "la dolce amarezza" da saudade... Adeus! Recebe o abraço e o beijo costumeiro do cada vez mais teu

JUCA

Areias, 28.10.1907

PUREZINHA

Existe aqui, vaga, uma casa magnifica muito grande e comoda e, o que é mais, mobiliada, casa cara de 20 ou 30\$000 reis. Amanhã

vou examina-la internamente porque ando com uma ideia a assediá-la a cabeça: se dentro de um mes ou dois não sair a tal remoção vamos morar aqui, ou antes, vamos começar aqui a nossa vida de casados? Quero que digas com toda a franqueza o que pensas da minha ideia. O unico mal de Areias (posta de lado a questão da decadencia) é distar duas leguas da estrada de ferro, o que, como vês, não é tão grande mal como parece. O pessoal daqui foi que me sugeriu essa ideia. Diz-me o que achas.

Sabes? Estou ficando medico a força, especialista em injeções hipodermicas. Estou tratando do Quim, dum outro rapaz (injeções de mercurio) e hoje fui chamado para fazer uma injeção de morfina na menina tetanica. O farmaceutico que é o medico de cá é muito nervoso e incapaz de bem manejar a agulha. O povo olha minha medicina com respeito. Inda agorinha veio recado do farmaceutico pedindo mais uma injeção às 9 da noite.

Mas adeus! São oito e meia e é preciso me preparar para a injeção.

Abraça-te o teu

JUCA

Escreve-me de vez em quando uma cartinha extra. Dá-me tanto prazer.

Areias, 28.10.1907

PUREZINHA

A tua de 27 trouxe-me hoje o contingente semanal do conforto que me faz tolerar este exilio. Como é má e cheia de caprichos a vida, com o seu⁽¹⁾ de barreiras, necessidades e conveniências! As criaturas que se amam, que se desejam, que anseiam por viver juntas, inexoravelmente separadas por um ror de leguas, de embargos, de maçadas... Seria tão bom se pudessemos imitar as passaros, tão livres no seu viver, nos seus amores...

Esperar! Como cança, como desespera! E esperar no isolamento completo em que me acho... Não tenho com quem trocar uma confidencia. O Carlos vive fora, co'a noiva e mesmo que assim não fosse de nada valeria porque o Carlos é uma requintada ignorancia, incapaz duma ideia que não seja uma banalidade.

(1) Ilegível no original.

O Ismael não me entra; tem exatamente o temperamento da Dona J. e é excessivamente caixeiral. O Samuel era o unico com que me dava melhor apesar de ser tão bobinho, abalou, não volta. O Julinho unica criatura em Areias com quem estou à vontade, está sempre ocupado e pouco podemos privar apezar da simpatia que nos une.

Esses são os proximos, os chegados, os que chamamos amigos. O resto é composto de conhecidos ceremoniosos e profundamente enfadonhos dos quais fujo como o diabo da cruz. De maneira que sou obrigado a manter-me no mais completo isolamento, refugiado nos livros, com a cabeça cheia de ideias sem escoadouro e a lingua adormecida na boca. E tu ai, e tanta coisa a nos dizer!

Ontem fui mordido na mão esquerda por uma venenosa abelha, e tenho-a horrivelmente inchada e dolorida; hoje outra da mesma especie mordeu-me na orelha. Amanhã será no nariz, com certeza. Elas fizeram casa na cimalha do nosso sobrado, o Ismael quis queima-las no que eu o impedi, compadecido. Hoje elas pagam o meu bom coração com o seu terrivel veneno. Faz-me lembrar uma caricatura que vi no "Le Rire" ha pouco tempo: um elefante corre espavorido, matutando: "como poderei fazer compreender a este bruto que sou membro da Sociedade Protetora dos Animais?"

Alem das abelhas tenho um grilo que me agonia os miolos e um camundongo que ja me proporcionou duas constipações. Põe-se a roer e como não posso suportar suas roidelas, salto da cama instantaneamente para afugenta-lo, sem chinelos, e me constipo.

Uma filhinha do nosso vizinho Chico Mineiro esta à morte, com tetano, proveniente dum estrepesinho no pé. Veiu medico de Queluz – um acontecimento! As janelas se encheram para ver o "Doutor em medicina". Tambem eu acudi à janela mas achei-o com uma cara muito alvar. Estes medicos da roça são carinhas de pretensão e nulidade.

Adeus Purezinha! Recebe as saudades imensas do teu

JUCA

P. S. Agora me lembro dum fio de extraordinaria resistencia que te prometi para o colar, de modo que nunca mais se partisse quando eu o esticasse. Experimenta-lhe a resistência; é linha de pesca; querendo de calibre mais fino, dize-me, que a tenho.

J.

Areias, 30.10.1907

PUREZINHA

O tempo, aqui, não tem valor e em vez de *money* é uma maçada, de modo que o levantar tarde é de praxe. O Carlos às 10, e eu às 7, 7 1/2, 8. Acorda-me o sol ja quente e o chilrear barulhento da passarada invisivel, onde distingo a ariasinha tão modesta do tico-tico, a *babillage* frenética do canario, as variações em si-menor(?) do "pintasilva" e o tagarelar de inumeros outros aos quais não ligo o nome à voz. E a essa sinfonia não tarda se misturar na melodia cantarolada em côro, na rede, pela criançada do Chico Mineiro, nosso vizinho de quintal. É uma velha modinha popularizada pelo palhaço da ultima companhia de escavalinho que ancorou por cá:

"Como chove, como ronca a trovoada,
La no sertão da minha terra abençoada"

Mas ha já tres dias que a cantoria à qual já me habituára cessou. A Cotinha, maestrina do côro, como a mais velha, 7 anos, estava na cama, torturada pelo tetano, proveniente de um estrepezinho no pé.

Hoje, porem, ao acordar, ouvi de novo a cantoria, mas triste, em surdina, diferente da outra, aumentada de vozes novas, vozes adultas. Prestei atenção: era chôro. Acabara de morrer a purezinha. De nada valeram as injeções. É amanhã, às nove, o enterro. Era uma criança linda...

Depois chorou o sino e como a torre dos sinos dista uns vinte metros da janela do meu quarto, eu pela primeira vez vi e ouvi tocar a finado. Primeiro o sino grosso, depois o fino — os sinos são otimos; o grande tem o som mais doce que é possivel imaginar. Não é sem razão o orgulho dos areenses quando falam do sino grande — o melhor do norte, como eles dizem.

Com a morte de Arl. Guerra é provavel que venha a vagar a promotoria de Taubaté ou alguma outra. Já tomei as providencias para o avanço. Se, porem, fracassarem meus planos neste resto de ano — não resta a menor dúvida, casamo-nos aqui. Já tenho casa e mobilia. Quem espera desespera, ave!

O Carlos anda indignado com o pai e a madrasta da Amaly. Falta só um mês para o casamento e inda não deram um pano

para o enxoaval. Ela, pelo caminho em que vão as cousas, casa-se com a roupa do corpo, com grande indignação do Carlos.

Mas adeus! Escreve-me dizendo se ainda queres bem quem te quer tanto, tanto, tanto...

Abraços e beijos do teu

JUCA

Areias, 31.10.1907

PUREZINHA

Depois do enterro da Cotinha, às 9 horas, tivemos um aguaceiro diluviano que demorou 10 horas a fio. Dir-se-ia que a natureza tambem chorava a morte da menina.

Depois apareceu-me um cliente novo e estive por um bom tempo a me enfronhar no seu negocio.

Depois chegaram do Rio o Ismael e o Samuel.

Depois recebi carta de Teca e uma remessa de livros do Eugenio.

Para ser um dia literalmente cheio só faltou que tu tambem te lembrasses de mim. Mas tu és tão sobria, tão economica, tão comedida... Fora da cartinha da praxe não te sai uma linha extra. Mas não lamento esse fato, uma vez que é ele uma medida tomada pró-gordura tua.

Mas meu bem, não te quero maçar mais, e tenho um longo ponto de direito a estudar. Por isso adeus! Recebe um beijo e um apertado abraço do teu saudosissimo

JUCA

Areias, 1.11.1907

PUREZINHA

E a cartinha extra? Como és agarrada!... Inutilmente escrevo diariamente pedindo-te o consolo, o conforto, o maná duma

tua cartinha. Tu, como uma Pitonisa hieraticamente inflexivel, não cedes!

Ando morto por uma prosa contigo. Que bom se tivessemos uma linha telefonica! Hoje iniciamos uma ação no juiz de paz — e como o juiz de paz é uma besta, o Orlando, seu escrivão uma toupeira, e o Carlos meu antagonista uma arara (o bom, o genioso, o sensato... adivinha tu quem era) saiu uma salada dos diabos.

Todos os dias quando o correio chega e nada me traz de voce fico triste e protesto pagar com a mesma parcimonia. Mas em anoitecendo, tamanhas se me ficam as saudades que não remedio, vou-me ao papel e pelo menos uma palavrinha só hei-de te dirigir. É ou não é querer bem "até aqui?"

Estou alegre hoje, com vontade de brincar, pular, conversar — mas estás tão longe.

Adeus Purezinha!

JUCA

O Vovô escreveu-me hoje dizendo que endereçou uma carta ao Godoy e outra ao Glicerio sobre o meu negocio. As cartas do vovô tem muita força. Aguardemos os acontecimentos.

Já que escreves uma so por semana porque não enches 8, 16, 32 dessas folhas em vez das 4 sacramentais?

Areias, 2.11.1907

PUREZINHA

Deu-me grande prazer a tua cartinha de ontem que chegou junto com um postal da vespera. Concordaste com os meus planos, é o que serve. E sendo assim vamos ver se começamos o ano próximo casados. Não te agrada a ideia de casar no primeiro dia do ano?

Se a remoção não vier até lá iniciamos aqui neste recanto pobrezinho do mundo a nossa vida nova. E, casados que importa o mundo? O nosso mundo será a nossa casa. E não sera mau esta aprendizagem da vida, a dois, neste recesso, de um ano ou dois. Daqui sairemos para melhor. O futuro é rumo, indepen-

dencia, riqueza. O presente tambem, modestia, esperança, Amor. Que mais? Pode-se ser mais feliz? Ter o futuro garantido e ter o presente cheio de amor!

Minha breve mulherzinha, recebe um apertado abraço do teu futuro maridinho

JUCA

Areias, 4.11.1907

PUREZINHA

Acabou-se a festa hoje. Só cavalinho de pau inda, de longe em longe, quando completa-se a lotação esfola a triste da "Norma".

Houve leilão de animais e procissão — e que linda! Os animais, porcos, cabritos, galinhas, eram guardados no barracão dos leilões (vide cartão postal) num cercado de bambu feito embaixo do estrado da musica, de maneira que a bicharia, de vez em quando entendia de colaborar com a banda, e saía uma combinação original. E sempre que se davam...

Da minha janela devassa-se tudo. Houve uma hora em que ouvi um menino que estava de guarda aos bichinhos sair gritando pelo tomador de conta: — "o porco branco está querendo comer uma galinha!"

Hoje minutei um agravo e a nova ação (não sei se te falei nela) corre às mil maravilhas, graças à inconcebivel inepcia do Carlos que, por falar nele, completa hoje 27 anos. Para te dar uma ideia da sua capacidade basta dizer que numa audiencia, em voz alta, ele acusando a citação dos meus constituintes, que possuem uma firma, disse: "Gonçalves *et coetera* Ferreira!" Gonçalves & Ferreira, Gonçalves E Ferreira... Mas é um belo rapaz, veste-se a primor e dança na perfeição.

Hoje tu me lograste, o correio não me trouxe a preciosa cartinha semanal. Quero que me escrevas uma carta dizendo só uma cousa mas por uma porção de maneiras diversas: que me amas. Que me amas como eu te amo, num amor de todos os instantes, de todos os pensamentos, de todos os desejos, um amor sem nós, sem altibaixos, sem depressões, sem solução de continuidade. Diz-me Purezinha, qualquer cousa que me comova.

Minh'alma anda entisicada ante a parcimonia comedida do teu amor.

Escreve-me depressa, depois... e recebe um abraço de 10 minutos e um beijo de uma hora do teu

AMOROSISSIMO JUCA

Areias, 4.11.1907

PUREZINHA

A minha hora de escrever é à noite indo a carta para o correio de manhã; mas como ontem foi dia de festa e a noite foi-me atravancada pelo Julinho e o Ismael que vieram, assisti o leilão da minha janela, adiei a carta para hoje e por isso madruguei.

A festa de ontem, Espírito Santo, foi exata reprodução da de N.S. das Dores — a sobre que eu tanto insisti. O mesmo cavalinho de pau, colocado no mesmo lugar, a mesma barraca de leilão, a mesma procissãozinha. O festerio veiu-me convidar para um doce em sua casa, e lá, tratado como uma "*personna gratissima*", comi um pires de abóbora com coco.

De noite houve fogos debaixo de infernal berreiro do povo, que berra como um possesso, aplaudindo ou vaiando as peças.

Amanhã, novos pormenores e continuação da festa.

Se soubesses a importância extraordinária que a festinha mais modesta tem para a vida monótona de Areias, não caçoarias da convicção com que falo delas.

Ha família de roceiros que vem de 5 leguas de distância para ouvir a musica do realejo do cavalinho de pau! Sentam-se no chão e durante tres dias deleitam-se e divertem-se como ninguem: vendo e ouvindo. O realejo só toca uma peça, a "Norma". Quem descobriu isso foi o Julinho que é maestro, pois adivinhar que coisa é aquilo é o mesmo que dum fossil deficiente adivinhar o animal primitivo.

Estamos certos, então? Num caso ou outro, aqui ou algures, dentro de dois meses estamos em lua de mel?

Beija-te e abraça-te o saudoso

JUCA

Areias, 5.11.1907

PUREZINHA

Escrevo-te com o coração a transbordar de esperanças. As folhas de hoje trouxeram a grata notícia: de tres vagas de promotorias otimas, Araraquara, São José do Rio Pardo e... Imediatamente tecí a conspiração para ser removido para Araraquara. Já conheço essa cidade, tenho lá uma grande prima, Alice, uma tia Georgina, um amigo Flavio, e 200 alqueires de terra, perto, de cuja reinvidicação ando a tratar. Tu tambem has de olhar com simpatia para essa cidade que também conheces e onde morou o Castro...

Caso, porem, não me seja possivel ir para lá é impossivel que não vá para uma das outras. Mas caso não vá para nenhuma — melhor, casamo-nos aqui mesmo. Não obstante estas probabilidades em contrario estou imensamente esperançoso de ser removido e com uma especie de pressentimento que isso não tardará.

Ah! Nós em Araraquara! É o meu sonho, morar na terra roxa onde haja serviço, dinheiro a ganhar...

Recebi um teu cartãozinho hoje, escrito enquanto a Zizi estava de visita.

Que prazer intenso, Purezinha, ver aproximar-se duma maneira ou d'outra, aqui ou acolá, o desenlace, o termo, ou antes, o inicio de uma grande viagem em comum pela estrada da vida — desculpa-me a burrice da imagem, a alegoria beatifica.

Do teu

JUCA

(Taubaté, Novembro de 1907)

PUREZINHA

Cá estou neste deserto Taubaté (tão delicioso quando aqui moravas...) cheio de saudades, desalojado dos meus comodos, por uma invasão de hóspedes, a ansiar pelo tempo feliz em que possa morar em *minha* casa, junto com *minha* companheira de toda a vida. Que bom não será!

As manas alojaram-se na casinha onde morou Nhana Rosa e eu cá fiquei encurralado em parte dos meus comodos. Estão cá a Santinha, a Chiquita, o Jorge, e mais uma madama francesa — *femme de chambre* (infelizmente não é bonita...)

E a nossa luta do ultimo dia? Que pandega... Mas eu ainda não desisti de ler sossegadamente todo o caderninho. Se consentires nisso dar-te-ei a ler um volume do diario importantissimo, cheio de confidencias e coisas que se referem ao meu Bem. Concordas? Vamos! Manda-o pelo Correio.

Purezinha, Purezinha... Como é estupida minha vida quando te não vejo ao meu lado, perfumando o ambiente com a tua serena retidão de espirto, com a tua calma cheia de bondade e tolerancial Decididamente, sem ti não posso viver, não sei viver. Ja te infiltraste mui profundamente dentro de mim. O Amor emitiu raizes profundas, umas que vão ter à região do espirito, outras à dos sentimentos, outras à dos desejos, — de modo que eu inteiinho sinto-me enleado de laços e raizes que crescem de dia para dia. Trabalho para apressar o Dia Feliz em que entraremos a caminhar de braço dado pela estrada da Vida.

Não te digo o milhão de cousas que tenho para dizer porque me sinto apalermado; sempre que venho dai, fico assim, como quem do céu caiu na terra...

Adeus! Escreve ao teu

JUCA

Areias, 11.11.1907

PUREZINHA

Acabo de ler a tua de ontem e não resisto a responde-la incontinenti, e minhas primeiras palavras serão de parabens pela tua maravilhosa felicidade de arranjar as cousas de tal modo a te dares um papel de vitima e a mim um de algoz. Pobre de mim, como andava enganado! Sozinho neste exilio, sem amigos, sem outro conforto que não o que me dás, pela esperança de uma breve união e, mais que isso, pela sensação, pela convicção de que é possivel sermos felizes, unidos; implorando diariamente a

caridade das tuas palavras e diariamente voltando do correio com o frio dos polos na alma, ou então, semanalmente, quando de lá trazia tremulo de prazer uma cartinha cor de rosa, encontrando dentro dela uma quase decepção, tão frias, tão indiferentes, tão escritas por desencargo de consciencia me parecem elas, falando de tudo menos de ti, do teu, do nosso amor — eu tive a audacia de julgar-me um bocadinho vitima, conferindo a ti uma microscopica dose de algoz. Como me enganava!

A tua de ontem veio provar justamente o contrario, e, mais, veio provar-me ainda que sou um barbaro, um Pedro-o Crú ao passo que tu és a mais martirizada das vitimas. Dou-te parabens pela habilidade demonstrada e peço-te humildemente perdão do meu crime. De hoje em diante *escrever-te-ei diariamente*, sem *nunca mais interromper* a cadeia dessa correspondencia, não sendo necessario que me retribuas na mesma moeda.

Vejo que te custa escrever, que tens cousas mais importantes em que cuidar, que o teu tempo é precioso. Perdõa se o meu amor exigiu de ti esse sacrificio, e crê que o levou a isso o ardor que o anima. Mas em troca disto, Purezinha, peço-te um enormissimo favor: nunca mais tomes atitude de vitima em face do carrasco. Minha ambição é ser tudo para voce menos isso.

Dizes na tua carta que te consola uma certa filosofia: "a vida é curta e cheia de contrariedades, não vale a pena se afligir *por tão pouco*". Eis aqui explicada a razão por que inda não nos entendemos neste negocio de cartas; esta tua frase aclara tudo. Para mim, como sempre o provei e como o prova uma reiterada insistencia, o receber cartas de ti é causa de importantissima monta; para voce, já é o contrario; como dizes ai, não receber cartas minhas é causa de *tão pouco...* Mas Purezinha, voce observe uma causa: é justamente por ter compreendido isso antes que claramente mo atirasses à face, que eu — arrastado pelo ardor dos meus sentimentos a escrever-te diariamente, e vendo por fim, e adivinhando por fim o que acabaste por declarar — retrai-me às condições preestabelecidas de uma carta por semana.

Não me atribuas, também, um contigente de causa nas tristezas que te tem afligido; estás triste como é naturalissimo pela morte do Virgilio⁽¹⁾ e pela doença da Heloisa⁽²⁾ — isto te faz

(1) Virgilio: Virgilio Caldas, primo-irmão de D. Brazilia.

(2) Heloisa: irmã de D. Purezinha.

julgar-me indiosincrasicamente. Examina bem e verás que dai, não de Areias é que tem provindo tuas ultimas tristezas.

Tenho muito a te dizer mas não hoje. A tua carta alem de inocular-me a tua tristeza faz-me um nó na garganta. Como é dolorido, como é fonte de mal-estar, duas pessoas que se amam viverem a se torturar com fingidos mal-entendidos!...

A entomologia conta que os besouros, quando na epoca dos amores, machucam-se e torturam-se mutuamente da maneira mais barbara e cruel. Não te parece, Purezinha, que nós temos algo dos besouros?

Abraça-te e beija-te o meu

BESOURO

Areias, 12.11.1907

PUREZINHA

Para distrair-nos veiu uma semana inteira de chuva e ao tédio normal do meu exílio se juntou o tédio do tempo. Que dias longos, inuteis, dificeis de passar... Felizmente que o luar ontem e o sol hoje mudaram o cenário do mundo e já a vida desentorpece e alegra-se.

Mudei-me de casa. Estou no Humaitá, um casarão patriarcal pertencente aos Lemes no qual tambem está situada a agencia do correio. A metade da casa é minha, a metade é do correio. Mas que casarão! Perco-me dentro dele. Às 6 horas o agente fecha a sua sala e raspa-se. Fico eu só. E como nela morreu, suicidando-se, há quatro anos o pai do Quinzinho, Major Enéas e inda existe no assoalho dum dos quartos manchas de sangue, o povo admira-se, pasma de eu cá dormir sozinho.

Mudei-me também de pensão. Estou comendo em casa dumha familia que mora quase defronte, casa dum maestro, Rodolfo Castro.

E só, sem que nada me importune consagro todo o meu tempo às duas cousas que em Areias me tem enchido a vida: pensar em minha Purezinha e ler meus pobres livros. Voce ganhou imenso com a mudança. Menos interrompido, menos perturbado, na nova

morada penso mais em ti, adoro-te mais em pensamento que na antiga, onde as cantarolas da cozinheira de continuo me tiravam de voce para me pôr na indignação, na zanga.

E tu, mazinha, inda... Não! Não! Vai-te besouro!... Chega de dizer cousas que de leve possam entristecer a minha adorada Purezinha.

Abraça-te e beija-te em plena boquinha o teu eterno

JUCA

15.11.1907 (Areias)

PUREZINHA

Inda hoje o correio foi parco para comigo sem uma unica palavra trazendo de ti. Es bem dura de coração. Prometeste uma carta por semana e nem a seca-rolhas sai umazinha extra. Debaixo dessas tuas aparencias de mansidão, bondade, etc., oculta-se uma vontade terrivel, birrenta... Às vezes, chego a ter medo de ti. Como agora, depois da morte do Virgilio. Vejo-te de luto, olhar no fundo, ar de unção, um arzinho duma Eumenide de Esquilo...

Tenho medo de te escrever. Parece-me que estás lendo, pensando e censurando, uma a uma, todas as minhas palavras. E depois, este teu silencio enorme, inexplicavel, intransigente, apôs uma carta fulminativa como foi a darradeira — tem algo de misterioso e hieratico. Se tu nascesses no seculo de Esquilo serias com certeza Electra, ou uma Pitonisa, ou uma sacerdotisa de Diana. Hoje, não és nenhuma delas mas tens delas a alma.

Adeus Vontade, adeus Birra, adeus Misterio!

Beija-te reverente as mãos

o teu humilde

JUCA

16.11 (Areias, 1907)

P.

Finalmente um recadinho em postal deu-me hoje a gratissima noticia da cartinha d'amanhã. Ansiosamente esperada, esperada com o amor, com a apaixonada ternura com que recebo tudo quanto vem de ti — que amargas decepções, que injustas censuras não trarão elas... Estou a prever o que dizes ali...

Minha boa Purezinha, precisamos casar, isto assim não serve. No proximo mês irei ai combinar e assentar o dia e o que for mister para o casamento; na forma do nosso trato é preciso que em Janeiro proximo, aqui ou nos Confins do Judas, estejamos casados.

Uma das razões que tem-me forçado a protelar esse grande dia, confessa-lo-ei agora, foi a minha celebre dívida. Devia o ano passado quatro contos e quando vim para cá inda me restava dois contos e tanto a pagar. Não pude vender o que pretendia, de modo a liquidar isso depressa, e tive que pagar com o suor do rosto. Minhas economias aqui são assombrosas e de tal forma a poder fazer pagamentos de 400.000 por mes. Hoje, estou gastando em Areias, 60 de pensão, 10 de roupa e 2 de velas, e 200 reis de rendas... por mês. E tenho feito os clientes gemer na moeda.

Hoje conclui os trabalhos de uma ação de cobrança tendo a enorme felicidade de achatar sob uma piramide de provas e documentos a pretensão da parte contraria de maneira que a sentença condenando-a é absolutamente inevitável. E acabo de escrever a petição inicial para uma outra que vou propor segunda-feira. Estou com fama de "um dos melhores advogados da comarca". Não te rias! Os meus clientes, dois alentados e velhos portugues, Joaquim do Leito e Chico do Poço, são duas peças de grosso calibre, de maneira que o trabalho que faço diverte-me grandemente. O cliente do Carlos, o João Tenente, é o Campeão da cacetada desta zona. Quando agarra não larga. Chamam-no — perobinha da miúda. — Ah Purezinha, que coisa adorável quando estiveres ao meu lado, vendo-me lidar com os portugues... O Joaquim é surdo, de modo que me obriga a berrar como um possesso.

Adeus! Manda notícias da Heloisa.

JUCA

17.11.1907 (Areias)

PUREZINHA

Finalmente! A tua de ontem desmentiu minhas previsões e trouxe-me um gole de alegria.

Quanto à tua ida a Taubaté, nada digo, receio de te ver fazer o contrario — mas acho que não é com mudanças de ar que engordarás: é com mudança de estado. A causa da tua magreza é a causa da magreza de todas as noivas: inquietação, estado de anormalidade, transições, etc. etc. Ora, este cortejo de fatores anti-adiposos para onde fores irá contigo. E, para te ser franco, não comprehendo a tua ida para Taubaté, à engorda, mês e meio antes do nosso casamento — porque creio estar ajustado isso.

Meu plano é casarmo-nos a 1.^º de Janeiro, irmos passar um mês em Taubaté (ou onde quiseres — é o meu mês de ferias) e depois rodarmos para a nossa comarca, seja ela Areias, Araraquara, ou o que fôr. A minha proxima ida para ai será para assentar isso definitivamente. Escreve-me comentando o plano e dando o teu parecer. Agora o negocio é serio, é "de verdade". Vou escrever sobre isso ao Dr. Natividade. É baseado nisto que acho inopertuno tua ida para Taubaté. Se, porem, tens alguma objeção a alegar... bem sabes que eu so farei o que quiseres, e da maneira por que quiseres.

Adeus! Aceita o abraço costumeiro do teu

do fundo d'alma

JUCA

18.11 (Areias - 1907)

PUREZINHA

Sabe a que horas dormi ontem? Ás duas. Após terminada a tua carta, às 9 horas, deitei-me mas era tão intensa a minha emoção marcando o casamento, pensando que só 42 dias me separavam desse dia sobremaneira Feliz que perdi o sono e fiquei num estado beatífico, como que mergulhado numa nuvem de delicia. Sabes, essas nuvens das roliças:... parecia-me então refestelado nelas.

Agora não tens desculpa de não amiudar tuas cartas, pois precisamos aproveitar o restinho do noivado. Casar! Casar! Voce morando comigo, os nossos beijos legalizados, beijos intermináveis, abraços sem fim, extases... Tudo, tudo! Oh, Purezinha, o pensar nisto (e não penso noutra cousa) me enerva, me queima o sangue. Já falaste aos teus pais sobre isso? Estou esperando tua resposta para me dirigir ao Dr. Natividade. Escreve-me, escreve-me!...

JUCA

Areias, 19.11.1907

J.B. MONTEIRO LOBATO

E

PUREZINHA NATIVIDADE LOBATO

PARTICIPAM O SEU CASAMENTO

S.PAULO 1.1.08⁽¹⁾

De hoje a quarenta dias estes dizeres classicos estarão circulando pelo correio... e nós, casados, teremos iniciado uma nova fase da vida. Voce não pensa nisto? "Minha mulher", "minha casa", "meus filhos"... expressões novas, absolutamente novas. "Meu marido!"...

- "Quem é aquela moça?" — "É a *mulher* do Lobato".
- "Viste como está gordo o *marido* de D. Purezinha?"

E havemos de nunca mais nos largar, não é? Absolutamente inseparaveis!... O casalzinho mais feliz, mais unido, mais amigo, mais Philemon e Baucis.

Eu tenho dentro de mim, acumulada, toda a ternura que consagrara aos meus pais e que por morte deles reentrou em mim — serás a herdeira desse precioso tesouro. E como não tenho

(1) Este texto constava, no original, com um traço ao redor, imitando

com quem repartir-me, todo meu coração vai inteirinho para ti. Tu me dás o que sobra de tua ternura, deduzidas as partes devidas à imensa familia. Eu dou-te um todo inidiviso e indesfalcado. Por isso o meu amor ofusca o teu, tão maior é.

Porque não escreves? Tenho-me estafado de pedir. Não posso mais.

Saudades e beijos do teu breve maridinho

JUCA

20.11.1907 (Areias)

DONA PUREZA LOBATO

PUREZINHA LOBATO — PUREZINHA LOBATO

MARIA DA PUREZA NATIVIDADE LOBATO

De que maneira vais organizar o teu novo nome? A meu ver o que fica melhor é o seguinte:

Purezinha N. Lobato

Não é? Purezinha Natividade Lobato fica muito comprido, não achas? Não é? Fala! Anda! Responde!... Malditas cincuenta leguas que se interpõem entre nós! O meu consolo é que de hoje a 40 dias elas desaparecerão de vez. 40 dias só! Amanhã 39, depois 38, -5, -0, 17, 11, 8, 4, 3, 2, 1... é hoje!

Tenho passado estes dias inteiramente imerso na prelibação da nossa breve felicidade. E tu? ficaste satisfeita? Tu não falas, não te abres, não te expandes... Às vezes sinto calafrios pensando que talvez voce não é igual à Purezinha que meu Amor e minha Imaginação supõem. Serás?

Hoje esperei em vão resposta à minha de 16. Enquanto me não responderes dizendo se concorda ou não com a resolução tomada eu não posso dar passo nenhum. Porque não me respondes?

Adeus! Febrilmente te beija o teu

JUCA

Areias, 21.11.1907

Ah Pureza! Eu hoje fazia conta de te escrever propondo um encurtamento do prazo, de modo a ser em Dezembro o que projetei para Janeiro quando recebo tua carta fazendo sentir a necessidade de um adiamento. Se o queres por outro motivo que não o do enxoval, bem, mas por causa dele não vejo razão para demorarmos nossa união. Conforme o plano estabelecido, o mês de janeiro passariam em Taubaté e só em Fevereiro é que iríamos para o nosso destino. Ora, nesse intervalo aprontar-se-á o teu enxoval e te despacha-lo-ão de São Paulo. Não é muito por tão pouco *perdemos* uns tantos dias de felicidade. Basta este ano e tanto de martírio que sofremos.

Mas... uma cousa intrigá-mel! Se em um ano e tanto que durou nosso noivado teu enxoval não ficou pronto é porque havia alguma desconfiança, algum receio de que eu... Oh! esse pensamento me é horrivel...

Terminado o teu ano de trabalho, e indo para Taubaté *faço questão fechada de uma carta por dia, ouviste?* Lá não poderás alegar nenhuma das tuas escapatorias habituais, nem a Stafford, nem o barulho, nem as visitas, não é?

Encheu-me de sobressalto um trecho da tua carta. Dizes: "sem estar doente enfraqueci e emagreci a tal ponto que o W. me mandou sair sem demora para o interior" — Dar-se-á o caso de que tenhas emagrecido e enfraquecido *mais ainda* do que quando estive ai? Quero que me respondas a isto com toda a lealdade, sim?

Quanto à minha ida estou com ideia de não o fazer já. Em 20 de Dezembro começam as férias, mas a 15 posso sair, de maneira que o melhor é ir por essa ocasião, já de vez. Combinados os pontos capitais, epistolarmente, os 15 dias de Dezembro serão de sobra para concertar verbalmente os pormenores. De maneira que farei assim. Quando segues para Taubaté? .

Escreve-me! Escreve-me!

E s c r e v e - m e, Purezinha!

Escreve

ao teu

JUCA

Areias, 22.11.1907

PUREZINHA

Getulio⁽¹⁾ me comunica que minhas pretensões estão muito bem encaminhadas "sendo preciso unicamente dar um pouco de tempo ao tempo". É otimo isso porque se me surgisse a remoção agora, bastante me prejudicaria, ao passo que ela vindo mais tarde, durante as ferias por exemplo, dar-me-ia tempo de concluir os serviços aqui iniciados e, o que é o principal — entrar no arame. A 8 de dezembro termino um serviço contratado por 500\$000 que não receberei se não o concluir ate lá. E outras cousas assim.

E tu? Como te vais de exames staffordicos? E a viagem para quando marcou?

Estou louco por te ver — mas falta ainda tanto tempo... 23 dias!...

Já escolheste os padrinhos? Quem são? Quem tem mais probabilidades de os ser? O meu será Getulio e outro talvez o Luiz⁽²⁾.

Heloisa ja sarou? E Noemia? Não me tens falado dela. Quando me escreverás novamente? Ando ansioso por te ver em Taubaté na esperança de que lá tu me escrevas diariamente.

Àdeus! Escreve-me, sim? Escreve ao teu Juca que não tem mais comodo, maior conforto que esse — uma cartinha tua.

JUCA

Areias, 24.11.1907

PUREZINHA

Como ontem te preveni fui ao Salto — uma deliciosa vilinha de pescadores fluviais. Terá uns 80 habitantes, mas é tão original a distribuição das casas, a continuação delas e o modo de vida daquela gente, que eu tenciono voltar levando a maquina para fotografar diversos sitios, enviando-os depois à leitura para todos.

(1) Getulio: José Getulio Monteiro, primo segundo de Lobato.

(2) Luiz: Luiz Cursino.

Conversando com os pescadores ouvi deles muitas historias interessantes, e entre elas a do "minhocão", uma especie de serpente do mar que mora no Paraíba.

Mas o pior da festa é que, voltando, encontrei o correio fechado, de modo que na hipotese de ter carta de voce fico-me numa esquisita posição: dormir numa casa onde tambem dorme tua carta, cheio de desejo de le-la e sem meios de o fazer. Só amanhã às 6 h. e então terminarei esta.

25.11.07

6 h. da manhã. O correio entregou-me um cartão postal prometendo carta para hoje. Ora graças! Infelizmente como vou já para o Orizaba, passar dois dias, inda hoje não lerei essa anunciada carta; mas vou deixar um camarada postado no correio para receber-la e levar-ma incontinenti. Deste modo so a lerei com 3 horas de atraso.

Adeus! Do teu saudosissimo

JUCA

Orizaba, 26.11.1907

PUREZINHA

Eis-me de novo perto do ceu; a fazenda do Orizaba é a mais elevada do municipio, fica perto das nuvens, num pincaro.

Uma irmã do Quim tambem se casa em Janeiro, de maneira que a casa está em reboliço às voltas com o enxoval. Só não está em reboliço, às voltas com o enxoval a casa do Sampaio.

Em tempo te contarei o que tem padecido o pobre Carlos, com a hostilidade e picardia que lhe move a madrasta da Amalie.

E tu? Como vais? Quando para Taubaté? E Heloisa? e Noemias?

Que saudades! Felizmente faltam só vinte dias, e serão os ultimos que passamos separados a sentir muitas saudades. Quando casados e já no definitivo, e já no que tem de ser, que cousa deliciosa! O nosso estado é de quem perdeu o pé à terra firme e está no ar. A 1.º de Janeiro ganharemos outra vez pé na vida — e que consolo, isso, após ano e tanto de ar!

Adeus, Purezinha! Recebe um apertadissimo abraço e um demorado beijo do teu

breve marido

JUCA

27.11.1907 (Areias)

PUREZINHA

Ignorava que a Heloisa estivesse afetada seriamente como o deixa entrever a tua ultima carta. Conta-me que molestia é essa e como lhe sobreveiu.

De acordo com o que me dizes fica de ora avante pertencendo a voce o direito de escolher e marcar o dia do nosso casamento, e somente te peço que sejas apressada, no maximo que as cousas o permitirem.

Pelo que vejo da doença de Heloisa, não pensas mais em ir para Taubaté. Será assim?

Quanto ao que me dizes do W. nada sei nem quero saber; vão se dar, breve, numerosas vagas, algumas bem boas, e eu me enfiarei nalguma delas: qual não sei — é-me indiferente. O que eu não posso é sair daqui este ano, o que muito me prejudicará.

Hoje recebi os honorarios da ação que teve sentença ant'ontem, como te contei. Como é bom, como sabe bem o dinheirinho laboriosamente ganho!

Adeus! Estou aprontando umas fotografias para te mandar.

Do teu saudoso

JUCA

Orizaba, 28.11.1907

PUREZINHA

Esta deve ser a penultima vez que te escrevo desta fazenda, do meu quarto, entupido de livros, revistas, e petrechos belicos.

Imagina que defronte mim, a um canto estão seis carabinas! — e inda ha mais.

Amanhã ou depois voltarei para Areias e — talvez! — nunca mais pisarei aqui.

Vim com o fito de matar mais depressa e tornar mais curtos os longos, os interminaveis dias de espera — faltam 17, ainda, mas ja estou desesperado por voltar, na ansia de ter a companheira às horas do costume e, assim, ler com mais avanço as tuas... As tuas... como se tal pudesse dizer! — a tua... semanal.

Inutilmente tenho perguntado quando vais para Taubaté; responde-me.

Ontem no jantar comemorou-se casamento; a Mariinha, irmã do Quim que é noiva, para mim casa-se com um noivo arranjado por conveniencias: um viuwo, feissimo — mas muito engracado (dizem) meio rico e que ja foi marido ou duma irmã dela, ou duma irmã da mãe dela. Que careta a pobrezinha não fará quando o marido lhe der um beijol! Deve ser horrivel casamento assim! Que diferença, o nosso, não é? A natureza unicamente, nossos instintos e nossa predileção é que nos levaram um para o outro. Isto sim, é casar.

Mas adeus! Chamam-me para o cafe. Sabes que horas são? 5:45 da manhã. Na roça levanta-se cedo sem querer.

Do teu saudosissimo

JUCA

Fazenda do Orizaba (Novembro de 1907)

QUERIDA PUREZINHA

Escrevo-te às pressas para apanhar o portador que segue ja, ja, ja para Areias, a tempo de apanhar o correio.

Chegou-me ontem o teu postal, com o Itatiaia e a canoa. Gostei muito da tua lembrança. Em troca te mando a minha careta.

Adeus. Abraços e beijos

do JUCA

Areias, 29.11.1907

PUREZINHA

Voltei hoje da Serra e gozo a estas horas do calor abafado que reina em Areias. Estará ai assim?

Revendo os dados estatisticos da minha memoria não encontro nunhum intervalo de tempo passado sem te ver como o de agora. Amanhã completará 45 dias e até 15, sessenta. Sessenta dias! É o record, não é? Mas o pensamento de que é o último, consola. E depois, nunca mais! Nunca mais!

Manda-me noticias detalhadas de Heloisa, bem como da tua ida a Taubaté. Responde-me o que te perguntei sobre os teus padrinhos.

O calor é tamanho que, positivamente, me impede de escrever.

Adeus! Abraços e beijos

do teu

JUCA

Areias, 30.11.1907

PUREZINHA

Hoje o Dr. Hermogenes passou perto de duas horas aqui conigo, conversando, e de assunto em assunto fomos parar no casamento, nas delicias da vida do lar. E eu antegozei o prazer de, quando voltando para casa de uma viagem, pensar que uma criatura amada nos espera com impaciencia. A casa, o cantinho onde se móra tem tanto encanto, assim, isolado, vazio, como tem sido o meu; que será quando o vivificar uma Purezinha!

Como te adoro, Purezinha! Só espero o momento oportuno para to provar, para derramar em teu seio a onda enorme do meu amor. Se tu fores bôa, cordata, amorosa, terna como pareces ser, e se o fores sempre, como seremos felizes!

Se para ser feliz basta amor, como seremos felizes! Meu amor é tão generoso que me tem lentamente purificado de tudo

quanto é máu. Ate do fumo deixei para, ao me casar contigo, poder apresentar-me tão puro de vicios como o que o seja. Examinando-me num rispido exame de consciencia tenho o prazer de encontrar meu viver tão limpo, tão puro como o teu. Sou teu, só teu, desde que noivos. Nem vicios tenho, nem desejo de nada que não sejas tu. Todo meu ser se volta e se fixa em ti. Minha adorada Purezinha!

Escreve ao teu

JUCA

Areias, 1.12.1907

PUREZINHA

A tua de 29 surpreendeu-me! Não contava com ela; de maneira que, hoje, ao prazer de te ler, tive, acrescido, o prazer de te ler inesperadamente. E que cartinha deliciosa, essa! Se todas fossem assim...

O teu sonho é realmente monumental, mas sossega, que ele mentiu. Conservo na cara todos esses pêlos cuja ausencia te fez chorar em sonhos. Também eu tenho sonhado contigo, ou antes, tu figuras tão continuadamente nos meus sonhos que é como um segundo *eu*. Ontem passei a noite em Londres — só Londres, a noite inteira, num sonho interminável.

Na fotografia que te mandei inutilmente me procurarás, mas na que segue hoje já não se dá o mesmo. Vamos ver se voce me acha.

Alegrou-me que afinal vieste a concordar comigo no que diz respeito à ida a Taubaté. Além de inutil para a tua magreza será um transtorno para nossos *tête-a-têtes*. E não estão longe: só 15 dias. “Só” 15 dias! Como se fosse empregar tal abverbio em se tratando da separação entre a Purezinha e o Juca, “Ainda” é que é. Felizmente Novembro interminável acaba de morrer e ao receber esta estará também morto e enterrado o 1.º de Dezembro. E então, a espera será de 14 dias, depois de 13, de 11, de 10, de 5, de 3, de 2, de 1... é amanhã... é hoje... — “Purezinha” — “Juca”

Oh! como é bom amar e ser amado!... E pensar que ha criaturas que passam a vida em branca nuvem, sem nunca sentir as dores, nem gozar as delicias de um amor correspondido!...

Hoje fui convidado pelo Dr. Hermogenes para abrir o luxuoso livro de visitas da Santa Casa, recem inaugurada. Coube-me a honra de puxar a fila — e como eu caprichasse nas cinco linhas que lá deixei, o ato tem sido assunto da *roda culta*. A roda culta compõe-se de 3 professoras publicas, o juiz, o presidente da Camara, escrivão, o delegado, e mais uns tres negociantes aposentados — pessoas gradas. É deliciosa esta Areias.

Mas adeus. Em paga do bem que me fez tua cartinha de hoje recebe o mais apertado abraço e

o mais demorado beijo do teu

JUCA

Areias, 2.12.1907

PUREZINHA

O dia de hoje foi do Rocca. Os jornais do Rio vieram com um serviço de reportagem enorme consagrado ao juri desse facinora. E o assunto de todas as palestras não tem sido outro. Até eu que sou pouco amigo do genero deixei-me interessar vivamente pela figura genialmente audaciosa dessa poderosa inteligencia consagrada ao crime. E depois de bem saturado passei a... escrever-te! Haverá mais contraste? Mas como faz bem, como alegra a alma passar de Rocca a Purezinha! É a sensação que deve sentir um que passasse do inferno para o céu.

Minha adorada Purezinha! Que te direi hoje, senão que o recipiente das saudades transborda, derrama? Mas está para breve o dia de mata-las. Oh! matar bem matadinho, sem deixa-las com um fiozinho de vida, estas malditas, estas eternas saudades que tanto nos roia a alegria de viver! Que vão rezando, pois aproxima-se o dia fatal, o dia do estrangulamento destas Carlettinhas, destas Roquinhas. Minha adorada Purezinha! Que abraço te vou

dar quando chegar aí! Dois meses de separação! Que horror, que absurdo!...

JUCA

Areias, 2.12.1907

PUREZINHA

Que dose enorme de energia e paciencia é preciso se ter para suportar o peso esmagador de um dia como o de hoje, chuvoso, quente, vazio, horrivel... Dia ruim e aziago, privado ate do prazer da hora do correio porque o estafeta veio vazio. Vade retro, dia horrivel — para os confins do inferno, miseravel 2 de Dezembro de 1907. Vejamos agora se o 3 valerá um pouco mais.

Achaste na carta de ontem uma tirinha com o nome das musicas? No caso de não a teres encontrado redigo de novo: "Pipocas" — polca-lundu — de Paulo Chambelland; e "Quebracôco", polca lundu, de J.A.S.Monteiro. Manda procura-las e estuda-as.

Minha Purezinha, de amanhã a 12 dias estarei contigo... Estar aí ver-te conversar contigo! ouvir tua voz! pegar em tua mãozinha! Marcar o dia do nosso enlace!

Adeus, Purezinha, que quase enlouqueço de saudades de só pensar nisso.

Um grande abraço do teu

JUCA

Areias, 3.12.1907

PUREZINHA

Ontem o dia correu horrivel, como te mandei contar e já o de hoje, rapido, alegre e feliz, ocupado com trabalhos e leituras otimos e coroado pela vinda pelo correio dum sortimento de livros e revistas de ha muito esperado. Só faltou para coroamento supremo, uma cartinha tua, mas essa não veio para mais uma vez provar que nada ha de completo no mundo.

O Ismael casa amanhã — vai casar na vila de Sta. Ana dos Tócos onde mora a noiva, e volta de lá, com ela, no dia 8. A entrada do novo casal vai ser triunfal — dada a importancia do Ismael cá em Areias, uma especie de Cabral em ponto mais intenso.

Mas voce, meu benzinho, como te corre a vida? Ainda com saudades do teu Juca? A mim as saudades não fazem mais nenhum mal; judiaram-me tanto, espezinharam-me tanto, que hoje cansaram e não sabem que novas judiarias fazer.

Minha adorada Purezinha! Como é enorme o Sonho de Felicidade, o Desejo de amar loucamente, de ver o mundo resumido em ti e em nosso cantinho, como é grande a Ansia de realizar tudo isso que me borbulha no coração! E pensar que faltam — quantos? — 12 dias! Como é lento o tempo da espera! e ai, no entanto, quando ao pé de voce, como o ladrão corre ligeiro, hein?

Adeus, meu amor! Abraça-te e beija-te o teu

JUCA

Areias, 4.12.1907

PUREZINHA

Lera ja, ontem, no "Jornal do Comércio" a conferência do Euclides da Cunha e arrependi-me de o ter feito pois privou-me do prazer de a ler no numero do "Estado" mandado por ti. Mas como é ela um bom trabalho que merece ser lida e relida, quando chegar a ocasião desta fa-lo-ei no exemplar que me mandaste e que para isso acabo de guardar cuidadosamente.

Então disfarçaste a letra do envolucro? Tambem eu vou hoje usar desse processo de maneira a te fazer cair na esparrela. Mandando-te duas cartas, uma com sobrescrito disfarçado, outra não. Como as receberás ao mesmo tempo — abrirás primeiramente esta, vencida pela *curiositas*, reservando a outra, que sabes ser minha, para o fim. Conta-me se não foi assim mesmo que aconteceu.

Quantos dias? 11. Onze só; amanhã 10. A coisa vai indo. Tenho uma grande novidade a te contar, mas... fa-lo-ei por carta? ⁽¹⁾

(1) Perdidos os originais do final desta carta.

Areias, 5.12.1907

PUREZINHA

Trouxe-me a tua de 4 a grata noticia das melhoras de Heloisa — mas, em compensação, há nela uma frase que me enche de apreensões, mormente se a ligo a uma outra identica, de uma carta anterior: — “É que sinto-me adoentada agora”. Sem outra fonte de informações sobre voce, que não as tuas cartas, uma frase dessas dá muito que pensar e aumenta a minha ansia de te ver. Felizmente esse desejado dia aproxima-se, com passo de tartaruga, é verdade — mas aproxima-se. Dez dias, só.

Quem são os noivos de que falas? Os J. se casam a 11?

Como foste de logro ontem? Estou a ver a tua testa franzida numa ruga de surpresa: “letra do Bentinho?!” Que historia será esta? E depois de descobrir a peta: “Noemia, aqui, uma carta do Bentinho.” E Noemia olhando o envelope: — “é mesmol”

Minha boa Purezinha!... Mas que é que tu tens? Estes dez dias que inda passo aqui vão ser de dolorosas cismas — tu doente... É horrivel isso, não me posso conformar com essa ideia. — “É que me sinto adoentada agora”. Por esta redação vê-se que não é uma cousa rapida, passageira, momentanea — mas persistente, continua. Que é que tens? Escreve-me incontinenti, pois não terei um minuto de sossego se não souber o que ha.

Do teu

JUCA

Areias, 7.12.1907

PUREZINHA

O dia hoje foi do Ismael que havendo casado ontem ou ant'ontem em Sant'Ana veiu hoje acompanhado da respectiva consorte e deu uma especie de jantar aos amigos. A mulherzinha dele é indecente, caipira ate ali, com o sestro de piscar, miúda, e como o Ismael não tem o senso do ridiculo e não largava de a

abraçar — divertimo-nos (sem dar demonstração nenhuma, é claro) divertimo-nos imensamente. Como é idiota o Ismaell! E se visse a sua pretensão... E Cabral ate a medula.

O Quinzinho tambem anda no meu periodo do ano passado. Viu em Guaratingueta, no mes passado, uma riograndense e feitiçou-se. Hoje voltou para lá, com tenções de — conforme for — pedi-la. Só o Joaquim Carvalho é que continua na moita.

Hoje devia ter sido o teu ultimo dia de Stafford: não poderás agora dar-me o imenso prazer de receber tuas cartinhas mais amiúde? Faltam poucos dias para eu ir, uma semana; que te custa, por uma semana só, te impores a ti o sacrificio de um punhado de linhas diárias? Vê se isso é possivel que eu ando a rebentar de saudades.

Um milhão de beijos do teu

JUCA

Areias, 10.12.1907

PUREZINHA

Errei no meu calculo, porque supus tua energia epistolar igual à minha. Em recebendo outras cartas alem da tua leio-as antes e só abro a tua por fim, depois de espichado na cadeira de balanço ou estirado na cama, de modo que o corpo satisfeito com a comodidade que lhe forneço deixa-me o espirito inteiramente livre e desembaraçado para todo inteiro concentrá-lo na assimilação da tua carta. Propriamente eu não leio: — assimilo, ou o que seja. As tuas frases, as ideias que expandes, os fatos que contas, a tua letra, o cheiro do papel, o papel, tudo, todas as partes por minimas que sejam que constituem a *tua carta* eu absorvo intimamente, assimilo! É uma especie de vitima propiciatoria dada para acalmar as terriveis exigencias do dragão Saudade. Demora, essa operação, demora o espaço de 50 leituras. Foi por esse motivo que errei nas minhas induções.

Esta aqui uma Sra. dai, D.Chiquinha Tapajós, viuva do Dr. Estelita Tapajós, conhece-la?

A novidade, o segredo que tinha para te contar... Não! não conto!

Dizes que tuas saudades se tornam dia a dia mais crueis em contraposição às minhas que pararam de crescer. É que meu amor é maior, e a arvore da saudade atingiu nele o desenvolvimento maximo, ao passo que no teu inda cresce. Não é?

Abraços e um milhão de beijos do teu

JUCA

11.12 (Areias - 1907)

PUREZINHA

Ora Graças te sejam dadas! Saiste finalmente do hebdomadismo epistolar! O interessante é que não me foi surpresa a tua cartinha: *pressenti-a* logo que a mala chegou, baseado em vagas razões.

Hoje te envio uns tantos envelopes já sabrescritados para te facilitar inda mais o amiudamento da correspondencia. E agora *não te perdoarei nunca* se não persistires na via iniciada. É por tão poucos dias o sacrificio imposto.

A novidade que tenho para te contar e da qual te mostras tão femininamente curiosa é que... não poderei ir ai como marquei. A 14 temos as eleições municipais, a 17 a apuração, e como o Promotor faz parte da Junta Apuradora é-me forçado permanecer. Só a 18, portanto, terei a felicidade de te rever. Mais tres dias que se adicionam aos inumeraveis dias que iamos lentamente devorando. Em todo o caso não é muito e podia ser pior.

Como tens a *coragem* de dizer que em pensamento se te afigura às vezes que eu não tenho pressa em te ver? Realmente, é de admirar a tua *coragem*, a tua *bravura!* Pois se a unica cousa que me alimenta a vida e me dá a energia de persistir aqui, é a esperança de te ver...

Adeus, minha adorada Purezinha, adeus!

JUCA

Areias, 12.12.1907

PUREZA

Inda hoje o que de ti cá me chegou foi um reles postal. É incrivel! Será que absolutamente nada tens a dizer ao teu Juca? O cartão postal é uma escapatoria: dá a ilusão do recebimento de uma carta sem de nenhum modo proporcionar o prazer e a alegria que esta causa, faltando-lhe como lhe falta o elemento mais precioso desta, a intimidade confidencial. E tens a pretensão de me querer mais do que eu a ti!

Como não fujo eu de te escrever diariamente, nunca tendo sido solicitado a isso, antes, pelo contrario, tendo levado umas reprimendazinhas muito habeis e indiretas por amiudar em excesso a minha tagarelice epistolar? Se continuas assim vingar-me-ei escrevendo-te somente... duas cartas por dia! Porisso, vê lá!

Hoje tive sumario de um processo que me prendeu, sentado, do 1/2 dia às 4. E tu, como te foste de casamento? Tomaste notas e fizeste observações para uso proprio? A noiva chorou? Voce vai chorar? Aqui ha um professor muito meu amigo, já quarentão, que quando casou-se chorou como um bezerro antes durante e depois das ceremonias. Mas creio que ai não é moda isso. Em todo o caso tu me informarás sobre se devo ou não dar serviço às glandulas lacrimais.

Não sei bem porque, mas estou alegre, agora. Tu não imaginas, Pureza do meu coração, que intensissimo prazer sente o exilado ao aproximar-se o dia em que irá rever o sol, a lua, o céu, o ar, e, dentro desse cenário querido, que lhe serve de ninho e moldura, a ela, a Ela, à sua adorada *stella vitae*. Sinto o que sentiria um enterrado vivo que aos poucos fosse saindo do seio da terra. Minha adorada Purezinha!

Adeus, minha adorada Purezinha, adeus!

Um beijo, cem beijos

do teu

JUCA

12.12.1907 (Areias)

Ah Purezinha! Ri-me a grande hoje com uma historia de menino de escola, e como és professora o caso te ha de interessar. O Luiz Sampaio, irmão de Julinho, é a criatura mais horrivelmente insubordinada, endiabrada que se pode crer. Passa a vida a forjar molequeiras e maluquices de todo o calibre. Esta foi num grupo escolar. A D. Therezinha tinha aula numa sala cujo assoalho dava para um porão. O Luiz, diariamente, na hora do recreio — tendo notado o fato — escondia-se no porão e munido de fosforos ia queimando a tabua sobre que assentava a cadeira da professora. Quando faltou pouco para varar o Luiz, esperando uma hora de aula, muniu-se de uma vara com alfinete e um canivete e desceu às escondidas; e então silenciosamente furou o resto da tabua e com a vara ferra uma grande alfinetada no trazeiro da moça. Foi um escandalo monstro. A moça chorou e não pisou mais no Grupo, fazendo-se remover de Areias. Como esta o Luiz tem milhares!...

Já principiaste a me lograr!... Hoje um cartão postal sómente... Mas espero que a tua imensa preguiça acabe-se logo. Já não tens o colegio a alegar, já não tens, pois, nada que te desculpe.

Ando remoendo na ideia o plano luminoso de irmos luademelar em Santos, em qualquer daquelas praias... Deve ser encantador. Um mes lá, em plena embriaguez da lua de mel, passeando na praia à noite sob a lua de verdade, brincando na praia de manhã a hora do banho, indo visitar os navios que chegam e não perdendo o botafora dos que saem... Aderes? Só em pensa-lo passo horas deliciosas, *en révessant...*

Nada penetra mais fundo nalma e a purifica e a desencarde de quanta macula nela põe a vida que o mar. Voce conhece o mar, conhece-o intimamente, sob todos os seus aspectos, dormindo, acordado, zangado, alegre, indiferente? Se voce tivesse a paixão que eu tenho por ele iríamos para Cananéia. Deve ser adoravel viver uns tempos a beira-mar, numa cidadezinha de pescadores e gente pobre e simples. Às vezes dá-me vontade de fazer assim, organizar uma vida meio nomade, um ano aqui, seis meses ai... Temos muito que conversar sobre estas cousas — exequíveis no caso de pensares da mesma forma que o teu

saudosissimo

JUCA

13.12.1907 (Areias)

PUREZINHA

Inda hoje me lograste; veiu envelope, veio dentro dele uma folha de papel mas poder-se-á considerar carta as quas 5 linhas?
Másinha!

Junta a esta segue a receita de um delicioso bolinho que comi em casa do Julinho. Gostei tanto que pedi imediatamente a receita à fabricante, a Bigini e ta mando para enriquecer o teu repertorio confeiteiro. Passei o dia assistindo aos exames de uma escola publica, ouvindo hinos e recitativos. Como são interessantes, as crianças! Um, perguntado sobre o nome do Amazonas antes de ser tal disse que Salomão. Sai coisas monumentais. Gosto tanto das crianças que ando desconfiado se não seria minha verdadeira vocação ser professor. Amanhã temos a tal eleição que nos roubou seis dias de felicidade; dois dias após sobem as atas à junta apuradora, que dentro de 2 dias fará o serviço; aqui como o serviço é pequeno fa-lo-emos no primeiro dia, i.e. a 17, de modo que a 18 espero estar ai diante da minha querida Purezinha — salvo E ou O⁽¹⁾ nos calculos. Tenho atordoado os meus dias por todas as formas que é esse o melhor meio de enganar a insuportavel lentidão em que eles correm. Correm? Que irritão! com que eles *não correm*, devia dizer.

Mas adeus! Abraça-te efetuosamente

o teu noivo

JUCA

16.12.1907 (Areias)

PUREZINHA

Tambem a mim parece esquisito, sem jeito, sem graça o nosso *modus vivendi* de São Paulo transportado para Taubaté. É natural essa prevenção; habituamo-nos desde que ficamos noivos, a nos vermos e conversarmos ali naquela querida sala da rua

(1) E ou O: êrro ou omissão.

Sto. Amaro, que ficou-se-nos representando a natural moldura do nosso amor. A deslocação que tua ida para Taubaté nos obriga, tem a inquietação do vago, do desconhecido, do ainda não experimentado e é o conjunto de todas essas incertezas contraponto à certeza gozada lá (onde o habito arrumára as coisas cada uma num lugar certo: para as zangas, o refugio da janela: para as confidencias, o sofá; para *variações* os albuns etc.) que torna a mim e a ti desagradável a expectativa desta estação em Taubaté. Enfim, como o queres... O prejudicado serei eu. Lá eu passava contigo do 1/2 dia às 10 da noite. Ai esse tempo tem de se reduzir à 3.^a ou 4.^a parte. Quando penso nisto dá-me um aperto de coração e vem a vontade de ir para Santos, esperar lá tua volta para São Paulo — ou não ir mais.

Não sei porque, mas Taubaté irrita-me; — ao te saber ai perdi metade do desejo em que ardia de ver chegar a hora de partir. Entristeceu-me, aborreceu-me profundamente. Pareceu-me ver nisso um contraste entre a docilidade com que voce ouve um conselho de qualquer pessoa e a resistencia inflexivel com que vergas para tras quando sou eu que peço, imploro, ou aconselho. Dizes em tua carta que vais atâa, por uns dias, *unicamente* por insistirem nisso. Devias acrescentar — e tambem porque tu me pediste que não fosse.

Purezinha, perdoa-me esta carta, não te dê ela tristeza nem te faça zangada comigo; a culpa é menos minha que dos meus nervos que estão a tinir. Para acalma-los estive a desenhar monogramas do teu futuro nome e junto te envio uma serie deles. Adeus! Perdoa ao teu triste

JUCA

Areias, 17.12.1907

PUREZINHA

Temos hoje a tal apuração que nos estragou os calculos, ficando eu livre de dispor de minha pessoa, pelo que conto ai chegar pelo rapido de 18, quarta-feira, salvo impedimento irre-movivel. E sendo assim, logo após ao jantar e à indispensavel meia hora junto ao avô, o teu Juca estará ao teu lado, suspirando um alentado: — “finalmente!”

O meu grande amigo daqui, o Quim, chegou-me hoje de Queluz noivo de D. Arabela Costa, uma gaúcha de 26 anos de idade, cheia das inumeraveis prendas que o Quim descobre nela, 50 contos em dinheiro e uma molestia de rins. Está literalmente bobo, o Quim, e me atulhou de confidencias inumeras.

O Carlos casa a 19. O Quim em Março. A irmã do Quim em Janeiro. E nós? Para quando o queres? Como já te disse depende só de ti. Esta é a ultima carta que te escrevo de Areias — (pelo menos espero no Washington Luiz que assim seja); e deverá te chegar às mãos hoje mesmo às 4 horas. Amanhã, em vez de carta, terás o epistolografo em pessoa.

Adeus, pois. Recomenda-me a D. Helena.

Do teu

JUCA

Bocaina, Invernada do Pinhal (1908)

PUREZINHA

Por mais que dês largas à tua imaginação não suspeitaras onde estou e como te escrevo. Estou sozinho numa invernada, a 50 braças da casa do campeiro, eu, aqui, ele lá, e só, em 500 alqueires de campo. Estou sentado à porta, tendo em minha frente a morraria linda, os pinheiros, a mata, e uma mangueira com meia duzia de rezas dentro. Na frente da casa ha uma varanda e a grade dessa varanda é o que vês no esboço acima; a mangueira e o gado vê-se por detras da grade.

A solidão e o silencio são completos. Só bentevi e, de raro em raro o gavião, quebram o silencio magnifico. Tambem o vento as vezes, farfalhando os pinheiros.

O meu companheiro, o Baroni, foi logo depois do almoço e fiquei só. Jantei com colher de estanho emprestada pelo campeiro.

Ha pecegos como nunca vi em tamanha quantidade. As arvores, derreadas, deitam para o chão os galhos apinhados. E nem um bicho para remedio. Não fosse a grande distancia que nos separa e te mandaria um cargueiro. Mas é muito ir da Fazenda do Orizaba a Areias, de Areias a Queluz, de Queluz a S. Paulo, fica muito comprido.

Encontrei uns velhos livros que me tem feito companhia. Entre eles estão Platão (por estas alturas!) em suas obras completas, e Nicolau Tolentino — esse horrivel lamuriento.

Chove. É horrivel a chuva aqui, produz uma tristeza imensa, sem nome. Perdi o dia, não pude fazer nada por causa dela. Vamos ver amanhã.

Uma vaca berrou longe — triste... Como escurece os grilos da noite já começam a chiar. Ha um grilo que é peculiar destas regiões; canta como um diapasão de piano em falso, tremido.

Encontrei-me com tres cobras e como ia a cavalo pus-me a observa-las e acompanha-las pelo meio do campo. É um animal lindo assim, pilhado em flagrante; por uma cobra morta não se pode imaginar a graça, a elegância dos coleios de uma com vida.

Vem chegando mais vacas para o curral, mugindo. Uma queimada parou na porteira para se coçar no mancarrão.

Penso constantemente em voce, posso mesmo dizer que não estou só, tanto me fazes companhia tanto a imaginação trabalha em figurar a realidade. Quantas interminaveis palestras travo contigo. Tudo que vejo de novo te mostro, teuento, te explico. Ja na vinda figurei que vinhas ao meu lado e te ia contando tudo — aquele fica la, é o Boa Vista, este aqui os Burrinhos — Esse passarinho que cantou é o soldado — aquela arvore o cambui — *and so far*. Adeus, Purezinha e recebe o abraço do que nunca, nem um só instante te esquece

JUCA

Não ha tinta nem papel aqui. Felizmente eu tive a ideia de trazer envelopes já sobrescritados e selados.

(Areias - 1908)

PUREZINHA

Escrevo-te relativamente bem cedo hoje: 6 horas. Como me deito as 9 (vês? nove horas!) as 5 e tanto já o corpo doi e não ha remedio senão pular da cama. Amanheci com o pé horrivelmente inchado a ponto de não poder calçar sapatos. Está voce a pensar que ando sofrendo do coração!... Pois erra, essa

inchado provem duma abelha que me mordeu no dedo minimo, ontem, no banheiro. Ah! os terriveis bichinhos como me perseguem... Felizmente o Ismael deu cabo de duas colmeias localizadas na sacada — mas resta uma ainda.

Em vista dos acontecimentos quando me chamaram para o café la fui de chinelos, plec, plec. É perto, uns 24 passos. O dono da casa é viuwo e musico de modo que anda sempre viajando, figura obrigada que é em toda festa religiosa desta zona onde se faz musica. A dona da casa é uma especie de Nh'ana Rosa, muito baixinha, que criou o musico e agora cria as duas filhas deste: o Castrinho menino intelligentissimo, o mais inteligente de Areias e que talvez vá comigo a conhecer São Paulo e a Bequita, uma das mais galantes meninas daqui. Na casa existe ainda: a Maria, o tipo classico da "mulatinha familiar"; o Benedito, um menino que trata dos animais e carrega lenha; um vira... que canta como o Caruso; um canarinho belga que me atordoa a hora das refeições e ao qual nunca deixo de levar, depois delas, um pedacinho de pão; a Fasciata, cachorrinha da Bequita, doente ha 3 anos duma doença esquisita, convulsiva, especie de doença de São Guido Canina.

Tratam-me nas palmas; pudera! é o *seu dotor!*

A Bequita todos os dias pergunta por voce e deseja muito te conhecer. Diz que se viesses morar aqui não sairia de tua casa, tanto te aprecia pelos panegíricos que faço. Em casa do Julinho, uma de suas filhinhas a Ruth batizou uma boneca nova que lhe deram com o teu nome. O Samuel se encarregou de te descrever com as mais róseas cores, realçando, portanto, e confirmando as descrições que eu fazia — de modo que ja te conhecem bastante (*Já te conhecem* — mas isto em termos; só te conhecem uma meia duzia de pessoas dignas disso).

Estou a espera das informações pedidas sobre a tua saude. Como de semanal passastes a quinquenaria — creio ter carta hoje, pois a ultima veiu datada de 4; 4 e 5 = 9.

Esperemo-la

De teu saudosissimo

JUCA

Areias, 18.1.1908

PUREZINHA

Mais uma vez te escrevo de onde julguei que nunca mais o faria, mas isso não me dá remorsos porque o culpado *não sou bem eu*, como também não é bem você.

Encontrei duas novidades, a morte do Simplicio, um antigo negociante e o tombo do seu Carvalho, o qual estando com coqueluche teve um acesso de tosse quando seguia para Queluz acompanhando o Carlos e a Amali e caiu do cavalo machucando-se regularmente.

Estou sentindo extraordinariamente a tua ausencia e creio que não resistirei ate o fim do mes sem tirar uma licença. Vou trazer do Rio um atestado medico para baseado nele tirar a licença. O atestado ha de dizer que estou sofrendo de pletora amorosa, excesso de amor, e que ha mister para restabelecer a saude de uma temporada num bom clima, Taubaté, verbi gratia.

E você? Regala-se com a não presença do importuno e bri-guento Juca ou sente como ele a estupidez da separação?

Adeus! Um abraço bem apertado de quem é só teu

JUCA

Saudades a Tia Mira e tia Maisé⁽¹⁾

Taubaté, 26.1.1908

DR. NATIVIDADE

Vim hoje de Areias visitar Purezinha e depois dum longa confabulação assentamos em eu lhe escrever pedindo para marcar a época do nosso casamento abreviando-a o mais possível, por varios motivos. O primeiro e o principal é o estado de incerteza e de "no ar" de que se queixa Purezinha e que lhe faz mal, trazendo inquietações de toda a especie e impedindo-a de engordar.

(1) Tia Mira: Valdimira Souza e Castro Cursino, tia de D. Purezinna.

Casados passaremos aqui varios meses e ela poderá constantemente chegar ate ai, matando assim as saudades, e se preparando para a separação mais prolongada da nossa comarca.

O casamento poderá ser feito ai ou aqui, numa igreja, para facilitar, e evitar à D.Brazilia o transtorno e a maçada de, com doente em casa, receber e lidar com os inevitaveis convivas.

Purezinha abunda nestas ideias e se não o escreve é devido à sua excessiva reserva.

Passo a 2.^a e a 3.^a feira aqui à espera da sua resposta.

Muito nos alegrou noticia recebida ontem de que Heloisa tinha melhorado.

Peço-lhe recomendar-me a D. Brazilia.

Do seu amigo

ZE BENTO

Areias, 30.1.1908

PUREZINHA

Se algum dia quiseres me desejar mal basta me desejas um dia igual ao de ontem. Na vinda não foi nada e sai ate alegre, dai, como se houvera madrugado para um breve passeio, e no trem e no cavalo, se bem que ja mais arredia, veio comigo a boa disposição.

Mas logo que cheguei, ali após o jantar, um ataque de desespero à antiga, uma golfada da mais negra melancolia me tiranizou impiedosamente. Tranquei-me em casa as 6 h., não falei com ninguem e deitei-me as 7, para só dormir alta noite e erguer-me hoje as 7, moido... Tudo quanto foi ideia negra, todos os morgegos da Dor Moral visitaram-me e vieram pousar em redor de mim, na cama horrivel. Que noite!...

Mas amanheci bom e lepido e alegre. Estou a ler Homero, na Odisseia. Vingo-me da chateza da vida areense passando o dia em plena Helade, com Ulisses e Penelope e Mentor. Que grande coisa, a literatural! Sem ela minha vida aqui conduziria irremesivelmente ao suicidio. Aqui, só casado e casado com uma Purezinha.

O Hermogenes e D. Amalia perguntaram-me por voce e Heloisa.

Continuo a espera da *carta*, a carta que vai decidir de nosso *statu-quo*.

Fala a Teca que me devolva as cartas que ai forem ter endereçadas para mim; esqueci de avisa-la, e poderão rete-las, na esperança de que eu breve torne.

Adeus, minha adorada Penelope! Aceita um abraço bem apertado do teu desolado

ULISSES

Saudades a tia Mira e Maisé.

Areias, 31.1.1908

PUREZINHA

Como tinhamos pressentido a resposta da carta não veio ao molde dos nossos desejos, pois fixa para o nosso casamento o dia 21 de março quer dizer de hoje a 50 dias. Para mim um problema surge: como passar estes 50 dias? Inda nada deliberei sobre isso, vou pensar comunicando-te o que resolver. 50 dias! é muito! Talvez que o melhor seja tirar 15 dias de férias, ali pelo dia 10 de fevereiro, e, em vespertas do 21 de Março, entrar na licença grande.

Vejamos: de hoje a 10 de Fevereiro, 10 dias, que passam depressa, de 10 a 25 os 15 dias de ferias; 5 dias sonhados, 1.º de Março; 15 dias aqui, ou menos e a licença. Não fica bom assim? O meu problema instante é matar o tempo. Para consegui-lo ate visitas tenho feito, eu, o inimigo desse genero de estopada.

Quero ver se vou a Fazenda do Quim e de lá à Bocaina, donde conto vir com um carregamento dos estupendos pessegos que constituem a especialidade daquelas paragens. Has de receber ai uma quarta deles. Pena é não ter um companheiro, alem do Quim. Mas era a voce que eu queria pilhar lá; ficarias encantada, irias ver o que é *ar*, irias saber o que é *agua*, irias travar conhecimento com o *apetite canino* — e outras maravilhas que são privilegios da Serra.

Vai a carta do teu pai.
Adeus! Abraça-te o teu saudosissimo

JUCA

Areias, 22.2.1908

PUREZINHA

Acabo de ler a tua de 21 e pelas minhas contas esta te deve chegar às mãos no dia da partida de D.Brazilia, Noemia e a doentinha para Taubaté. Estarei com eles antes de estar com voce, pois vou portar lá.

Entristeceu-me a noticia ma que dás sobre a doença da Heloisa e receio muito que seja a pura verdade aquilo que te disse dela em Taubaté e te fez chorar. Enfim, aguardemos os acontecimentos.

Não vou já — concedida que me foi ontem a licença — porque um serviço de meu interesse me retém aqui até a proxima audiencia, a 27 e depois dela tenho que esperar o fim do mês para receber dinheiro; espero, por isso, estar em viagem a 1.º ou a 2, com uma leve parada em Taubaté. A 3 ou 4 estarei contigo, impreterivelmente, salvo contingencia de força maior.

A minha casa está em rebolico. O Quim alugou a sala de jantar a um cinematografo (a sala tem 16 metros de comprido) e o homem está desde cedo a montar o maquinismo. Uma fieira de basbaques rodeia-os constantemente. Para fazeres ideia da minha morada faço no verso desta uma planta. É a maior casa terrea de Areias e nela já se hospedou o Imperador e o Conde d'Eu.

Minhas pinturas cessaram ontem porque a provisão de papel que trouxe se esgotou e cá não ha outro. Casados, havemos de pintar juntos e de tal colaboração é de prever que brotem as obras primas.

Adeus! Satisfaço a tua reclamação mandando carta em vez de cartão. Adeus! Mui saudosissimo abraço do teu

JUCA

P.S. — Acabo de ler numa folha dai que o Bentinho Joaquim⁽¹⁾ pediu à Camara licença para vender aves e frutas em "elegantes automoveis", à americana. Para que havia de dar o nosso Bento...

(1) Bentinho Joaquim: Bento Joaquim de Souza e Castro, tio de D. Purezinha.

José Bento Monteiro Lobato

e

Purezinha Natividade Lobato

participam seu casamento

São Paulo, 28 de Março de 1908

Rua Santo Amaro, 18

Fac-simile da participação de casamento

“Dos Cadernos de D. Purezinha”*

“SE ALGUM TITULO APRESENTO AS CONSIDERAÇÕES DOS AMIGOS DE MONTEIRO LOBATO É O DE SENDO COMPANHEIRA SUA NA JORNADA DA VIDA DURANTE 40 ANOS, TE-LO COMPREENDIDO, ACOMPANHANDO COM INTERESSE TODAS AS SUAS LUTAS; VIBREI COM SUAS REALIZAÇÕES E SOFRI TAMBEM COM AS DECEPÇÕES, OS DESENGANOS. FUI SUA AMIGA, SUA CONFIDENTE, SUA COMPANHEIRA E, PORQUE O CONHECI, SUA MAIOR ADMIRADORA.

PUREZINHA”.

* A ortografia, acentuação e pontuação dos apêndices seguem, rigorosamente, as dos textos originais.

SOBRE LOBATO:

“Tanto quanto um homem pode ser livre, ele o foi. — Foi um constante batalhador da justiça social, um impertinente arauto de verdades amargas. Ante-convencional. Dizia coisas sérias sob a apariência de pilheria, displicente e cínico. Foi até o fim irreverente e original. Sempre novo, imprevisto e surpreendente. Criador verdadeiramente original, sua obra está isenta de seguidores”.

Lobato era contrário a todas as opressões políticas, sociais, raciais ou religiosas, defensor da justiça humana e social. Era ele absolutamente livre.

Carater — Tinha uma sensibilidade patologicamente contraria a qualquer forma de opressão.

Alma livre, acostumada a conduzir-se a seu modo, não tendo nunca tido senhor ou patrão.

Espírito de pesquisa e investigação.

Seu pai era apaixonado pela equitação, caça e manejo das armas. Parava para observar com interesse bichinhos, flores, admirar a beleza de uma velha árvore, os ninhos de João de Barro, um rio...

Lobato nunca pediu por empréstimo ideias a quem quer que fosse. Nunca se preocupou com os olhos estranhos ou impressões alheias.

Infelizmente a justiça não virá a tempo para alegria nossa e de Lobato. Foi interprete do seu tempo e dos anseios do seu povo — compreendeu o espírito de seu povo, as suas necessidades, e de sua terra.

Lobato não era um pessimista: nunca resignou-se as “não ha mesmo solução, o melhor é calar”; ou “tudo está irremediavelmente perdido”. Era construtivo e, mesmo quando suas palavras eram asperas e amargas, a esperança ou fé permaneciam vivas, cintilantes, e ele ia lutando sempre, avançando sempre. Caindo ás vezes, perseguido sempre mas erguendo-se depois, para avançar com maior força e ousadia, de cabeça erguida, coração limpo e sua alma sem medo.

Soube morrer como soube viver: sem medo.

“Cabe aos intelectuais o papel de sentinelas”

No seu peito nunca brilharam medalhas, e lutou com denodo e heroismo. Não foi um escravo branco, escravo do ouro, escravo das convenções sociais...

Onde pisou não deixou manchas pois não houve lama no seu caminho.

Lobato não lutou em vão.

Não recuou. O ardoroso entusiasmo de sua juventude não arrefeceu na velhice.

Sua alma sensivel procurava penetrar o misterio que lhe oferecia a vida.

Nada mais triste do que haver nascido com uma sensibilidade em desacordo com seu meio.

“Era imparcial, celebrando o que lhe parecia digno de apreço e condenando o que se lhe afigurava condenável”.

«Poemas a Edelweiss»

Minarete

EDELWEISS

É branca. Num torneio de brancuras
Ofuscaria o linho. É loura. O Sol
Em teia d'ouro um nimbo luminoso
De rainha, na fronte lhe teceu.
É bruma, é madrugada, é luz, é flor
Mas é gelo tambem.

A natureza a fez de cousas brandas;
Deu-lhe uma alma de arminho e, carinhosa,
Os veludos do ingá lhe pôs na pele;
Modelou-a em gorgeios, luz e plumas.
Mas se a alma lhe cobriu de ninhos, neve
Semeou no coração.

Diz-se que nunca amou, que assim foi sempre:
Gelida edelweiss calma como um lago;
Que nunca traduziram, os labios seus,
Em palavras d'amor, o fogo d'alma;
Que sempre foi de gelo.

Persegue-a inutilmente o meu amor;
Em vão volteia em torno, em vão suplica,
Em vão modula queixas e chora e geme
E foge e zanga e volta e implora e ordena;
Em vão soluça e, servo, aos pés se roja.
É de gelo, é de gelo...

Mas a Esperança diz-me que o Amor
É sol que funde até neves eternas.

Aurora do meu sol quando virás
 Fundir todo esse gelo?
 Matar toda essa neve?

Helio Bruma (1)

Taubaté, 8 de Março de 1906

Pindamonhangaba, 15 de Março de 1906

NO SARAU

A D.^a Edelweiss

Uma ala de senhoras o salão
 circunda. Inconcebíveis centopeias
 alternam seus assentos com sereias
 d'olhares estonteantes. Pelo vão
 das janelas as tias maceradas
 fantásticos amores idealizam
 Borboletem pares e deslizam
 da valsa às harmonias cadenciadas

sofregos namorados a arrular.
 Aceitas o meu braço e, deslumbrado,
 vejo uma nova luz tudo inundar,
 a sala reflorindo em debruns d' ouro.
 Um novo aroma sinto, novos brilhos...
 Que tanto és para mim, meu anjo louro!

Helio Bruma

(1) Hélio Bruma: pseudônimo de Lobato

Taubaté - Domingo, 25 de Março de 1906

LA PIÚ BELLA...

A branca miss que em carne viva traz
 meu pobre coração,
 miss Edelweiss,
 mostrava-me outro dia a coleção
 dos seus postais.

E vendo desfilar ante meus olhos
 a recua das Lianas
 e das Cleos,
 as Cavallieri, as Carmens, as Dianas,
 as loucas Oteros,

“Linda, linda!” — enleiada em doce enlevo
 minha boca dizia.
 (para os postais?)

Sim, sim, mas para um só, que um só eu via...
 E é tão linda
 miss Edelweiss...

Helio Bruma

A UM DENTINHO...

Conheço uma boquinha
 Feita em rosa e marfim;
 Boca tão bonitinha
 Nunca se viu assim.

Os dentes são de neve
 Os labios de cereja.
 Quem boquinha tão leve
 Não n'a adora que a veja?

Nela existe um dentinho
 Caçula e miudinho
 Que é uma joia sem par.

Mas vive só, esquecido,
Entre os grandes perdido,
Sem ter com quem brincar

H. B.

Taubaté, 22 de março de 1906.

CONTRATO NUPCIAL (1)

O dr. José Bento Lobato, promotor interino desta comarca, contratou casamento com a gentil senhorita Maria Pureza Natividade, dilecta filha do sr. dr. Francisco de Gouvêa Natividade, conceituado advogado residente em São Paulo, e sobrinha do dr. Bento Enéas, laborioso intendente municipal desta cidade.

Pindamonhangaba, 29 de Março de 1906.

IL NEIGE...

Sobre o marfim do teclado
Seus dedinhos de marfim
Tocavam perto de mim
“Il neige” de Henrique Oswaldo.

Em extase eu tudo via
De quanto os sons evocavam:
Niveos frocos que esvoaçavam,
Frio vento que gemia.

Contei-lh’o; não me quis crer,
E nunca houve convencer
Que era só minha a razão.

(1) Conforme foi publicado num jornal de Taubaté, aos 22 de Março de 1906.

No entanto — verdade cruel
 Nevava sim, não na rua,
 Mas dentro, em seu coração.

H. Bruma

Taubaté - Quinta-feira, 5 de abril de 1906.

NA CAPELA

Repica o sino.
 É noitinha. A' novena chama o povo
 o sobre melancolico
 boiando pelo ar em vibração
 sonora.
 Embuçam-se nos chales as caipiras,
 e as meninas faceiras, d'olhar vivo,
 ajeitam os fichús.
 Fervilha o beaterio.
 Um coroinha passa, passa um padre,
 agora um sacristão...
 Apressadas velhinhas as mantilhas
 ralhando vestem.
 E o sino dlen, dlen, dlen, toca à novena.
 Em breve tudo corre
 da igreja à vasta nave.
 E o murmúrio da prece, os latins sacros
 a musica, o apagado bo-borinho
 de mil bolicios a alma enleva em doce
 Sensação beata.
 Eu rezava tambem, mas o meu ídolo
 não era burilado em pedra fria:
 palpitava de vida e em carne moça
 desabrochava
 o corpo senhoril.
 Tinha louros cabelos perfumosos
 pele de jaspe, nuca cor de neve...
 mas, oh fatalidade!
 de neve tambem tinha o coração

Helio Bruma

Pindamonhangaba, 26 de abril de 1906.

SETIMO DIA

Pela nave do templo silencioso
 Lentos ressoavam passos abafados;
 Amigos do morto eram que, calados,
 Trajando vinham luto rigoroso.

Toda de preto, séria, um ar de unção,
 Que também ela viesse não tardou;
 E em passos leves, sem me ver, passou,
 Toda de preto, séria, olhos no chão.

Contrita ajoelha-se e a rezar se esquece;
 Uma a uma as camandulas desfia,
 Lenta medindo o murmúrio da prece.

Súbito os olhos volve do meu lado;
 Cruza-se nosso olhar... e foi um dia
 A prece, a missa, o conejo e o finado.

Guy d'Há. (1)

Pindamonhangaba, 3 de Maio de 1906.

CONTRASTE

Um misterio sinistro a igreja em luto
 celebra entre litanias. Como lírios
 de luz mortuaria o funebre reducto
 atristurando, fumarentos cirios
 bruxoleantes e dubios pestanejam.
 Entorno dum esquife negro como um corvo,
 de borco os sacerdotes murmuram
 um kiries cavo n'um vozeio torvo.

(1) Guy d'Há: pseudônimo de Lobato.

Arranco-me porém d'aquele sonho
 e no seu vulto airoso os olhos ponho:
 clara, cheia de sol, serena e calma,
 primavera de carne, ela sorria,
 e uma aleluia em seu olhar eu via
 de luz e flores repicando n'alma.

Guy d'Hâ

Pindamonhangaba, 10 de Maio de 1906.

VAI-SE-ME...

Quem parte, parte cantando;
 Quem fica, fica chorando.

Cadeiras pretas, e um sofá, e o piano,
 (oh que salinha deliciosa aquela!)
 e uns quadros e no lustre uma arandela
 que nunca acende... Ái durante um ano
 acostumei-me avê-la. Ora dançava...
 (e como errava o passo se comigo!)
 Ora tocava... (mas p'ra meu castigo
 nunca toucou "Il neige"...) Ora brincava...
 (que judiarias me fazer, a má)
 Agora vai partir. Não volta mais.
 Vai esquecer-me: tem galás por lá.

E a contemplar a lua, a não comer,
 a não dormir, choroso, a soltar ais,
 mais um Romeu cá fica a emagrecer...

Guy d'Hâ

Biografia de MONTEIRO LOBATO

A 18 de abril de 1882, em Taubaté, cidade de São Paulo, nasce o filho de José Bento Monteiro Lobato e Olímpia Augusta Lobato. Recebe o nome de José Renato Monteiro Lobato, que por decisão própria modifica mais tarde para José Bento Monteiro Lobato, desejando usar uma bengala do pai gravada com as iniciais J.B.M.L.

Juca — assim era chamado — brincava com suas irmãs menores Ester e Judite.

Naquele tempo não havia tantos brinquedos, eram toscos, feitos de sabugos de milho, chuchus, mamão verde, etc...

Adorava os livros de seu avô materno, o Visconde de Tremembé.

Sua mãe o alfabetizou, teve depois um professor particular e aos 7 anos entrou num Colégio.

Leu tudo o que havia para crianças em língua portuguesa. Em dezembro de 1896, presta exames em São Paulo das matérias estudadas em Taubaté.

Aos 15 anos perde seu pai, vítima de congestão pulmonar, e aos 16 anos, sua mãe.

No colégio funda vários jornais, escrevendo sob pseudônimo.

Aos 18 anos entra para a Faculdade de Direito por imposição do avô, pois preferia a Escola de Belas-Artes.

É anticonvencional por exceléncia, diz sempre o que pensa, agrada ou não. Defende a sua verdade com unhas e dentes, contra tudo e todos, quaisquer que sejam as consequências.

Em 1906 diploma-se Bacharel em Direito, em maio de 1907 é nomeado promotor em Areias, casando-se no ano seguinte com Maria Pureza da Natividade (Purezinha), com quem teve os filhos Edgar, Guilherme, Marta e Rute.

Vive no interior, nas cidades pequenas, sempre escrevendo para jornais e revistas, "Tribuna de Santos", "Gazeta de Notícias" do Rio e "Fon-Fon", para onde também manda caricaturas e desenhos.

Em 1911 morre seu avô, o Visconde de Tremembé, e dêle herda a fazenda Buquira, passando de promotor a fazendeiro.

A geada, as dificuldades, levam-no a vender a fazenda em 1917 e a transferir-se para São Paulo.

Mas na fazenda escreveu o JECA TATU, símbolo nacional.

Compra a “Revista do Brasil” e começa a editar seus livros para adultos. Urupês inicia a fila em 1918.

Surge a primeira editôra nacional “Monteiro Lobato & Cia.”, que se liquidou, transformando-se depois em Companhia Editôra Nacional, sem sua participação.

Antes de Lobato os livros do Brasil eram impressos em Portugal. Com ele inicia-se o movimento editorial brasileiro.

Em 1931 volta dos Estados Unidos da América do Norte, pregando a redenção do Brasil pela exploração do ferro e do petróleo.

Começa a luta que o deixará pobre, doente e desgostoso. Havia interesse oficial em se dizer que no Brasil não havia petróleo. Foi perseguido, preso e criticado porque teimava em dizer que no Brasil havia petróleo e que era preciso explorá-lo para dar ao seu povo um padrão de vida à altura de suas necessidades.

Já em 1921 dedicou-se à literatura infantil. Retorna a ela, desgostoso dos adultos que o perseguem injustamente. Em 1943, funda a Editôra Brasiliense para publicar suas obras completas, reformulando inclusive diversos livros infantis. Com “Narizinho Arrebitado” lança o Sítio do Picapau Amarelo e seus célebres personagens. Através de Emília diz tudo o que pensa; na figura do Visconde de Sabugosa critica o sábio que só acredita nos livros já escritos; Dona Benta é o personagem adulto que aceita a imaginação criadora das crianças, admitindo as novidades que vão modificando o mundo; Tia Nastácia é o adulto sem cultura, que vê no que é desconhecido o mal, o pecado. Narizinho e Pedrinho são as crianças de ontem, hoje e amanhã, abertas a tudo, querendo ser felizes, confrontando suas experiências com o que os mais velhos dizem, mas sempre acreditando no futuro.

E assim o Pó de Pirlimpimpim continuará a transportar crianças do mundo inteiro ao Sítio do Picapau Amarelo, onde não há horizontes limitados por muros de concreto e de idéias tacanhas.

Em 4 de julho de 1948, perde-se esse grande homem, vítima de colapso, na Capital de São Paulo.

Mas o que ele tinha de essencial, seu espírito jovem, sua coragem, está vivo no coração de cada criança. Viverá sempre, enquanto estiver presente a palavra inconfundível de “Emília”.

19

Este livro
foi composto
e impresso na
GRÁFICA
URUPÊS

Rua Cadiriri, 1161
Fones 273-4483
273-0905
Caixa Postal 30.174
São Paulo — Brasil
em 1969

... Deu-me Purezinha tanto prazer esse modo novo de conversar comigo, contando com tão suave emoção um episodio da tua vida de menina, abrindo-me tua alma — com esse doce abandono de intimidade que eu sempre sonhei e tantas vezes pedi — que não pude me furtar a tentação de sentar á mesa e procurar vazar para o papel os suaves sentimentos que me possuem, sentimentos complexos e de difícil definição mas onde predomina, vejo agora, um grande lastro de gratidão. Sou-te imensamente grato, Purezinha, porque tu procuraste compreender-me, e sonhaste ver na aparente selvageria do meu eu o mundo de ternura e amor, ali armazenado, á espera de quem o sonhasse descobrir. Foste o meu Colombo. A mim proprio revelaste faces desconhecidas da minha alma...

JUCA

UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN - UNIV LIBS



3023936421

0 5917 3023936421